

## **CENTRAIS SINDICAIS – LEVANTAMENTO – julho 99**

### **Sindicatos que responderam: 12**

São Paulo, Franca, Nova Iguaçu, Piracicaba, Santiago, Americana, Bahia, São José do Rio Preto, Recife, Rio, Campinas, Curitiba

### **O QUE É UMA CENTRAL SINDICAL (todos os sindicatos sabem)**

- Local que defende os trabalhadores
- Estância que unifica os sindicatos na luta, nas pautas, nas bandeiras e nas idéias
- Entidade que aglutina, engloba todos os trabalhadores para lutar para a melhoria de todos
- Entidade que reúne vários sindicatos das mais variadas categorias na luta pela política sindical melhor para os trabalhadores
- Pelo pouco conhecimento que tenho, imagino ser uma organização dos trabalhadores mais forte do que os sindicatos
- É um conjunto de sindicatos que defendem os trabalhadores
- Entidade que reúne os trabalhadores de várias categorias através dos respectivos sindicatos
- Local de união de todos os sindicatos para a luta pelos interesses dos trabalhadores de forma mais geral
- Organiza e representa os sindicatos de trabalhadores de várias categorias e representa a nível regional, nacional e internacional uma sociedade
- Reunião de sindicatos que se unem junto ao interesse da classe trabalhadora, serve de apoio, soma forças, articula junto ao sindicato
- Ponto de referência e de união dos sindicatos e trabalhadores
- Reunião de entidades sindicais em uma outra entidade maior

### **CENTRAIS CONHECIDAS E SUAS PROPOSTAS**

Não respondido –1 - Não conhece 1

#### **CUT: (11 conhecem as propostas da CUT)**

- Faz propostas que defendem as melhorias dos trabalhadores
- Unificação dos sindicatos
- A que mais defende os direitos dos trabalhadores, tem enfrentamento concreto, é contra o projeto neoliberal e arrocho salarial e a discriminação
- Democracia, classista, autonomia em relação aos partidos e participação das oposições sindicais e em defesa do socialismo

- Organização dos trabalhadores: resistir na luta por emprego e direitos sociais
- Independência de classe e defesa dos direitos dos trabalhadores
- Direito ao emprego, saúde, etc.
- Justa e igualitária para os trabalhadores
- Valorização dos direitos – Respeito
- Mudanças estruturais profundas
- Defesa dos interesses da classe trabalhadora

**CGT:** (10 responderam e 8 conhecem suas propostas)

- Apesar de também defender os trabalhadores, puxam mais pelo lado dos patrões
- União dos trabalhadores
- Não diz a que veio, fica em cima do muro, é um PSDB da vida
- Defende estruturas sindicais
- É atrelada aos patrões e ao governo
- Mudanças negociadas
- 2 sindicatos não conhecem suas propostas

**FORÇA SINDICAL** (8 responderam e 5 conhecem suas propostas)

- É atrelada aos patrões e ao governo
- Com dinheiro e poder só aliena os trabalhadores, onde a F.S. toma o poder so desgasta a classe trabalhadora organizada, desunindo, e os direitos dos trabalhadores foram água abaixo e pactua com o governo
- Os mesmos objetivos da CUT com outra ideologia
- Mudanças negociadas
- 3 sindicatos não conhecem suas propostas

**USI** (1) – Defendem a conciliação de classes

**CAT** (1) Não falou das propostas desta central

**UGT:** (1) não falou das propostas da central

### **APOIO SINDICAL DE UMA CENTRAL E CONTATOS**

Não respondido(1)

Nenhum apoio (4)

Apoio da CUT: 7 responderam que sim

Informações - cursos, correspondências, encontros - assessoria, apoio financeiro, projetos - assessoria, atividades, formação - se junta nos Atos

Públicos – filiação, participação em congressos, informações e material – diálogo eventual

**O SINDICATO JÁ FEZ A DISCUSSÃO SOBRE FILAÇÃO A UMA C.S.**

- SIM: 9            para discutir sobre a filiação  
Porque num Congresso Nacional foi sugerido  
Estávamos estudando o que é C.S., só que resolvemos não  
nos filiar a nenhum - Interesse em filiar  
Fortalecer a nossa luta - Necessidade de se fortalecer  
Achávamos importante  
Importancia de se filiar, fez assembléia e a categoria aprovou
- Não 3            Por falta de oportunidade -Por não Ter conhecimentos  
Por decisão da diretoria

**O SINDICATO JÁ PENSOU EM SE FILIAR**

- Não: 3            Por medo -                            Falta fazer a discussão (2)
- Sim: 9            Porque é importante para nosso desenvolvimento de idéias  
Porque devemos fazer contatos com outros trabalhadores  
Para conseguir mais apoio  
Para ter apoio e ajuda da Central Sindical  
Ajuda outros sindicatos e a nós também  
Não nos filiamos por problemas internos entre a CUT

**SOBRE A FILIAÇÃO DA FENATRAD A UMA CENTRAL SINDICAL**

- SIM: 11            Como apoio para fortalecer a Federação  
Porque pode melhorar seus contatos com os trabalhadores  
Por fortalecer a luta (2)  
Terá mais apoio, segurança em relação à proposta política e  
reivindicações  
Ficar mais fortalecidos  
Terá mais apoio e ajuda da central  
Para fortalecer a luta da FENATRAD  
Fortalecimento  
Para Ter mais apoio político (2)
- Não: 1 Precisa mais clareza em relação à forma desta filiação - prematuro

### CONTATOS DO SINDICATO COM OUTROS SIND. DE TRAB.

- Costureiras, construção civil, hoteleiros, asseio e limpeza, zeladores e porteiros,
- Sapateiros e APEOESP
- Sintcerj, S.T. no combate a endemias de RJ, Comerciantes, Construção Civil, Químicos, Metalúrgicos, Rodoviários,
- Bancários
- Comerciantes, construção civil, professores municipais, servidores públicos municipais
- Construção civil, metalúrgicos, condutores, Químicos,
- SINDAE, Bancários, Petroleiros, químicos, sindilimp, vigilantes
- Servidores Municipais, correios, APEOSP, Simpro,, AFUSE,
- Metalúrgicos, construção civil,
- Construção civil, empresas de asseio e conservação, laticínios
- Metalúrgicos, correio, químicos, bancários, eletricitários, cons. civil

### CONTATOS DO SINDICATO COM MOVIMENTOS POPULARES

- Movimento negro
- Centros comunitários
- MAB, Fed. Dos Movimentos de bairros, MTC,
- Sociedades Amigos dos Bairros
- Movimento negro, de mulheres, Fórum de direitos humanos, associações de bairros, movimento de lavadeiras
- Movimento de mulheres, negros, favelados,
- CENAP, movimento de mulheres através do Fórum de mulheres
- Mst, Mtst, Conselhos de saúde, movimentos de mulheres, etc.
- Associações de moradores
- Movimentos de mulheres – Movimentos de Negros

### CONTATOS DO SINDICATO COM IGREJAS

- Pastoral operária, Santa Zita
- Igreja católica (2) e Comunidades Eclesiais de Base
- Pastorais sociais da I.C., da Saúde, da doméstica.
- Pastoral Operária, Cebs, encontros de casais
- Igreja católica e grupo ecumênico (2)
- A Igreja cede a sede do sindicato e divulga o eventos do sindicato
- Pastoral de Domésticas, Pastoral dos trabalhadores Cristãos

## Investimento social dá distinção à Condor



Empresa é considerada amiga da criança pelo Unicef, devido à orientação odontológica

São Paulo de São Paulo. Projeto social que está sendo desenvolvido pela Condor para garantir a participação da criança no desenvolvimento econômico do país. O projeto é coordenado pelo Unicef e tem como objetivo proporcionar a orientação odontológica para as crianças de baixa renda.

## Exemplo que fica

A Brasif, empresa especializada em vários ramos de atividade, não pensa apenas em lucros. Há seis anos, ela vem ajudando jovens carentes a tomar outro rumo na vida

Investimento

“U”

LAZARONI por Fábio de Sá. A empresa Brasif, fundada em 1972, tem como objetivo principal ajudar jovens carentes a tomar outro rumo na vida. O projeto é coordenado pelo Unicef e tem como objetivo proporcionar a orientação odontológica para as crianças de baixa renda.

Críticas

O projeto Brasif é considerado um exemplo de investimento social. A empresa tem investido em programas de treinamento e capacitação de jovens carentes, além de proporcionar orientação odontológica para as crianças de baixa renda.

## INVESTINDO NO SOCI

Projeto social que está sendo desenvolvido pela Condor para garantir a participação da criança no desenvolvimento econômico do país. O projeto é coordenado pelo Unicef e tem como objetivo proporcionar a orientação odontológica para as crianças de baixa renda.

Projeto social que está sendo desenvolvido pela Condor para garantir a participação da criança no desenvolvimento econômico do país. O projeto é coordenado pelo Unicef e tem como objetivo proporcionar a orientação odontológica para as crianças de baixa renda.

Projeto social que está sendo desenvolvido pela Condor para garantir a participação da criança no desenvolvimento econômico do país. O projeto é coordenado pelo Unicef e tem como objetivo proporcionar a orientação odontológica para as crianças de baixa renda.



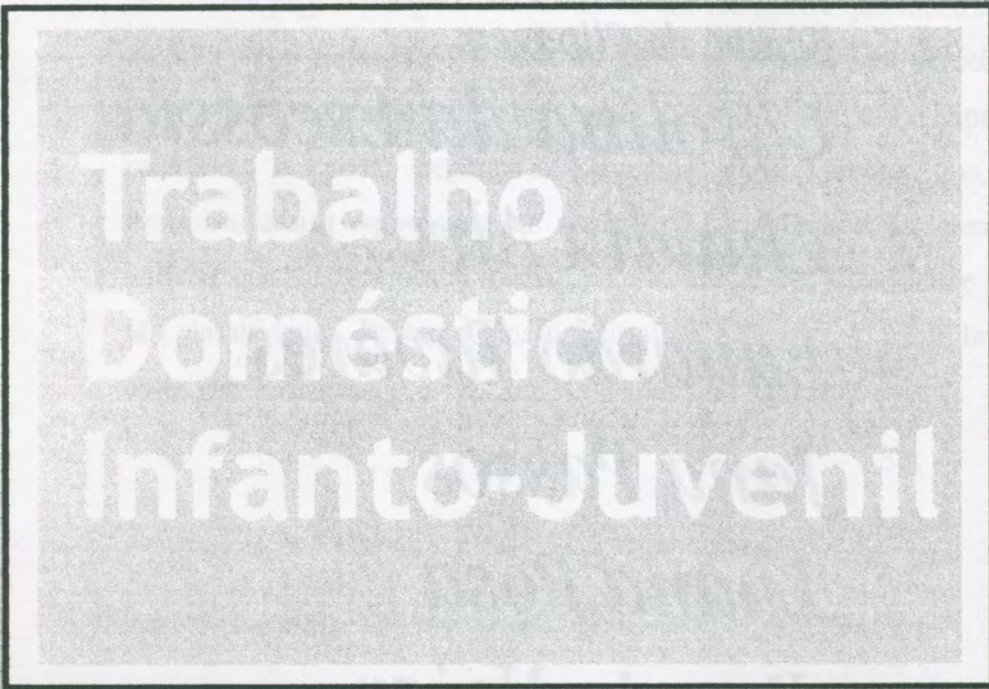
DIÁLOGO. Projeto social que está sendo desenvolvido pela Condor para garantir a participação da criança no desenvolvimento econômico do país. O projeto é coordenado pelo Unicef e tem como objetivo proporcionar a orientação odontológica para as crianças de baixa renda.

### ÇADO HOJE

Projeto social que está sendo desenvolvido pela Condor para garantir a participação da criança no desenvolvimento econômico do país. O projeto é coordenado pelo Unicef e tem como objetivo proporcionar a orientação odontológica para as crianças de baixa renda.

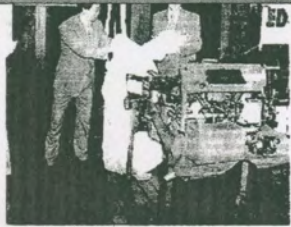
### EMPRESARIOS SE MOSTRAM OTIMISTAS

Projeto social que está sendo desenvolvido pela Condor para garantir a participação da criança no desenvolvimento econômico do país. O projeto é coordenado pelo Unicef e tem como objetivo proporcionar a orientação odontológica para as crianças de baixa renda.



# RELATÓRIO

Projeto social que está sendo desenvolvido pela Condor para garantir a participação da criança no desenvolvimento econômico do país. O projeto é coordenado pelo Unicef e tem como objetivo proporcionar a orientação odontológica para as crianças de baixa renda.



Projeto social que está sendo desenvolvido pela Condor para garantir a participação da criança no desenvolvimento econômico do país. O projeto é coordenado pelo Unicef e tem como objetivo proporcionar a orientação odontológica para as crianças de baixa renda.

Projeto social que está sendo desenvolvido pela Condor para garantir a participação da criança no desenvolvimento econômico do país. O projeto é coordenado pelo Unicef e tem como objetivo proporcionar a orientação odontológica para as crianças de baixa renda.

Projeto social que está sendo desenvolvido pela Condor para garantir a participação da criança no desenvolvimento econômico do país. O projeto é coordenado pelo Unicef e tem como objetivo proporcionar a orientação odontológica para as crianças de baixa renda.

Projeto social que está sendo desenvolvido pela Condor para garantir a participação da criança no desenvolvimento econômico do país. O projeto é coordenado pelo Unicef e tem como objetivo proporcionar a orientação odontológica para as crianças de baixa renda.

Projeto social que está sendo desenvolvido pela Condor para garantir a participação da criança no desenvolvimento econômico do país. O projeto é coordenado pelo Unicef e tem como objetivo proporcionar a orientação odontológica para as crianças de baixa renda.

*Responsável pelo Clipping*

***Manoel Oliveira***

*Equipe de Clipagem*

***Carolina da Escossia***

***Cláudia Alves***

***Eduardo Tavares***

***Jana Passos***

***Luana Rosa***

***Renata Noiar***

*Arte*

***Apoena Pinheiro***

### INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A CLIPAGEM

A ANDI realiza trabalho diário de clipagem em 48 jornais brasileiros (vide lista em anexo), buscando todas as notícias que tratam de temas socialmente relevantes em relação ao universo de crianças e adolescentes. Um desses temas é a exploração do trabalho infanto-juvenil. Na última edição da Pesquisa **Infância na Mídia** (período jan./dez. 1999) foram encontradas 1.177 inserções sobre esse assunto, representando 3% do total de matérias sobre crianças e adolescentes (41.566). O tema de maior incidência é Educação, que representa 21% do total.

Na página a seguir encontramos um fac-símile que mostra como a ANDI realiza a contagem e a classificação de cada tema. O importante é perceber que, para a ANDI, cada "box" é computado como uma matéria, onde cada clipador deve procurar a referência ao nosso segmento. Devemos ainda salientar que, para fins de nossa Pesquisa, assim como para os nossos *clippings especiais*, somente importa aquelas notícias que aparecem nos formatos de Reportagens, Editoriais e Artigos. As notas não são classificadas. Portanto, nossos clippings especiais somente levam em consideração esses três formatos.







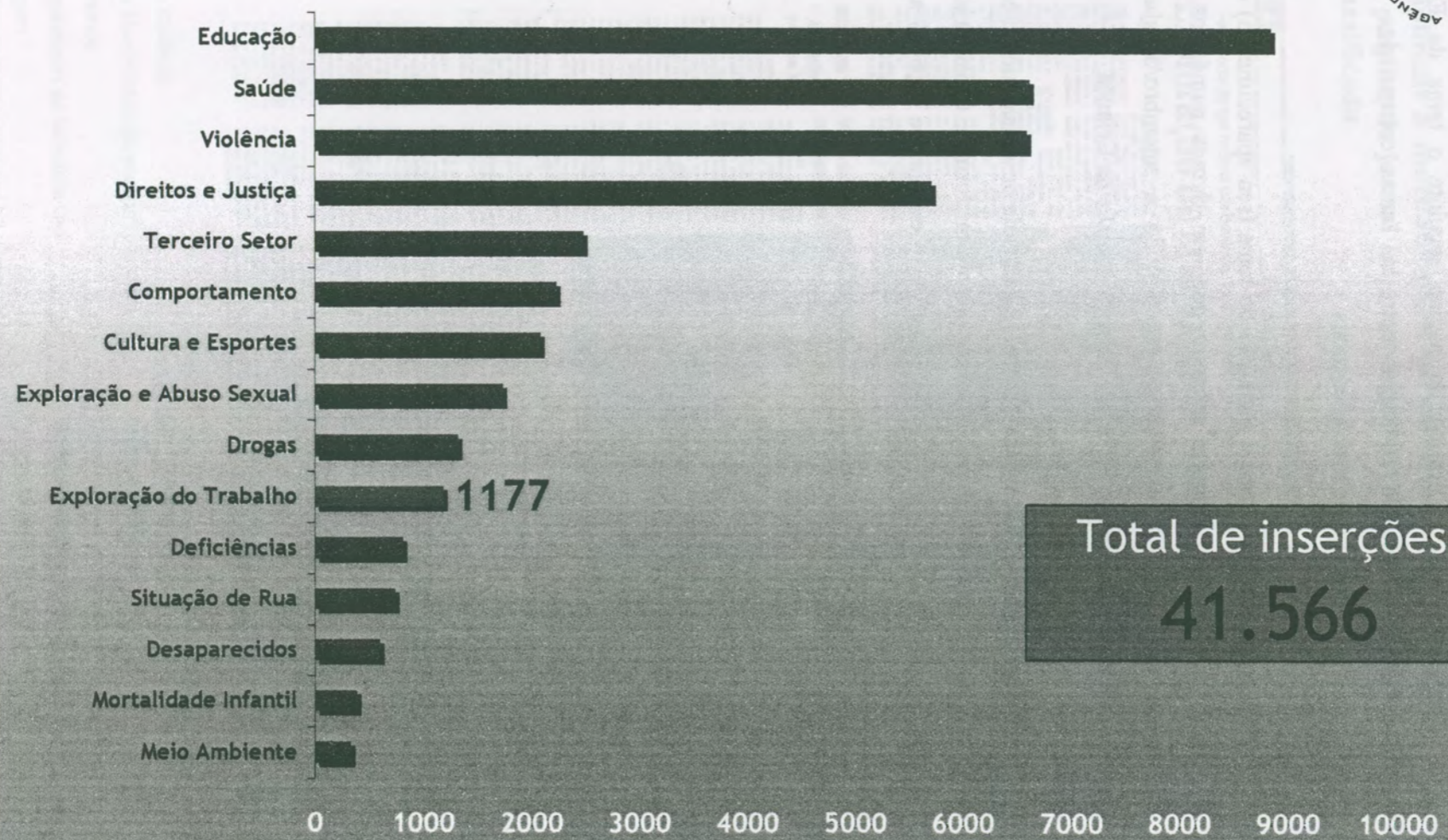
## A EXPLORAÇÃO DO TRABALHO INFANTO-JUVENIL NA PESQUISA INFÂNCIA NA MÍDIA

Como veremos no gráfico da página seguinte o tema da **Exploração do Trabalho Infantil** ocupa o 10º lugar entre os temas computados pela pesquisa. Representa 3% do número de inserções totais.

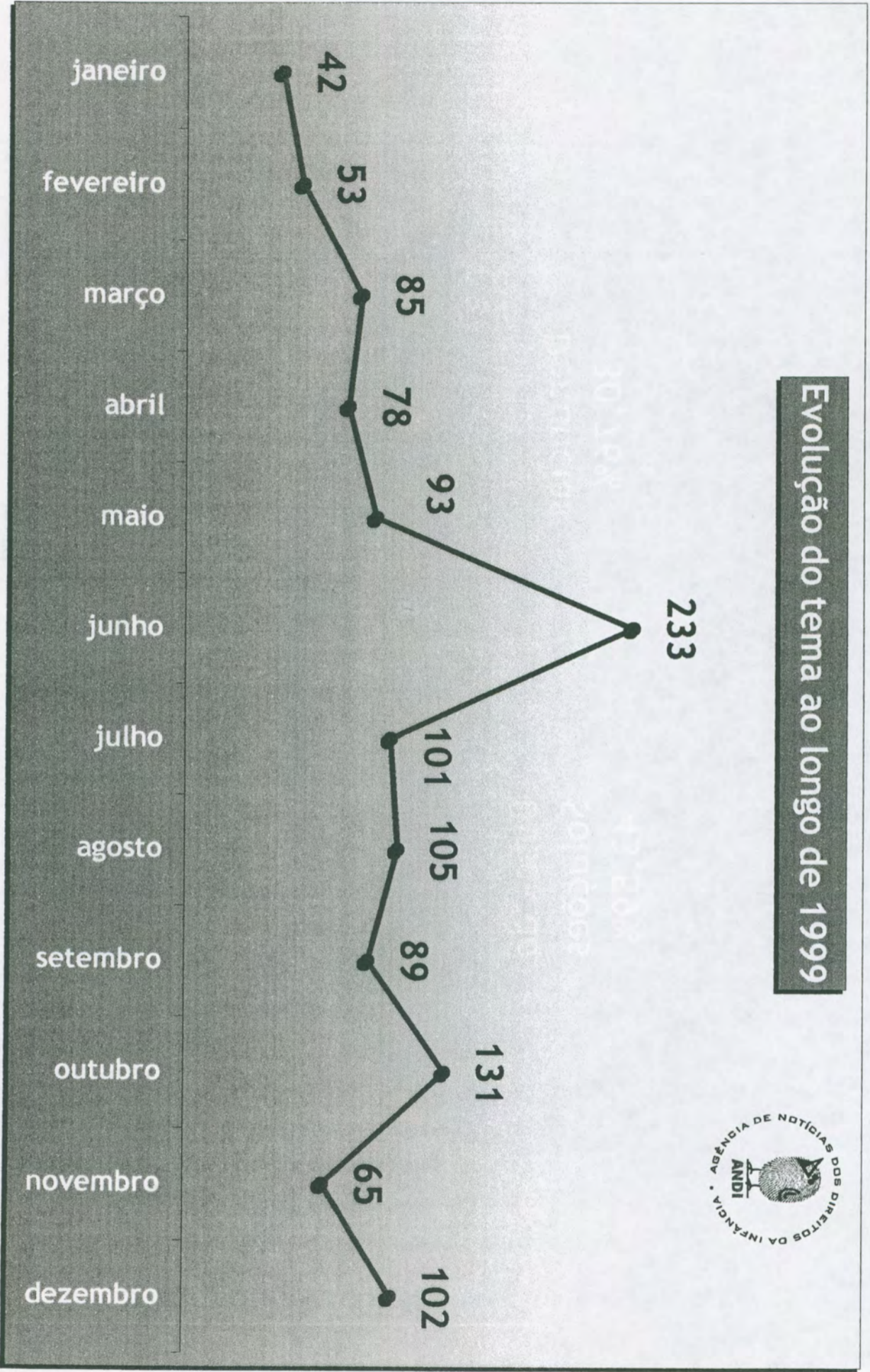
Em seguida observamos a evolução do tema (seu aparecimento) entre os meses de janeiro a dezembro. Importa salientar que, em termos numéricos, a temática é ascendente, com picos nos meses de maio/junho e setembro/outubro, quando se comemoram respectivamente o Dia do Trabalho e o Dia da Criança.

Noutro gráfico ainda apresentamos os dados da pesquisa que dizem que 43,59% das matérias apresentam alternativas ou discutem formas consideradas **busca de soluções** ao problema; 30,76% apenas fazem sua denúncia; e 25,66% apresentam um olhar factual sobre o assunto.

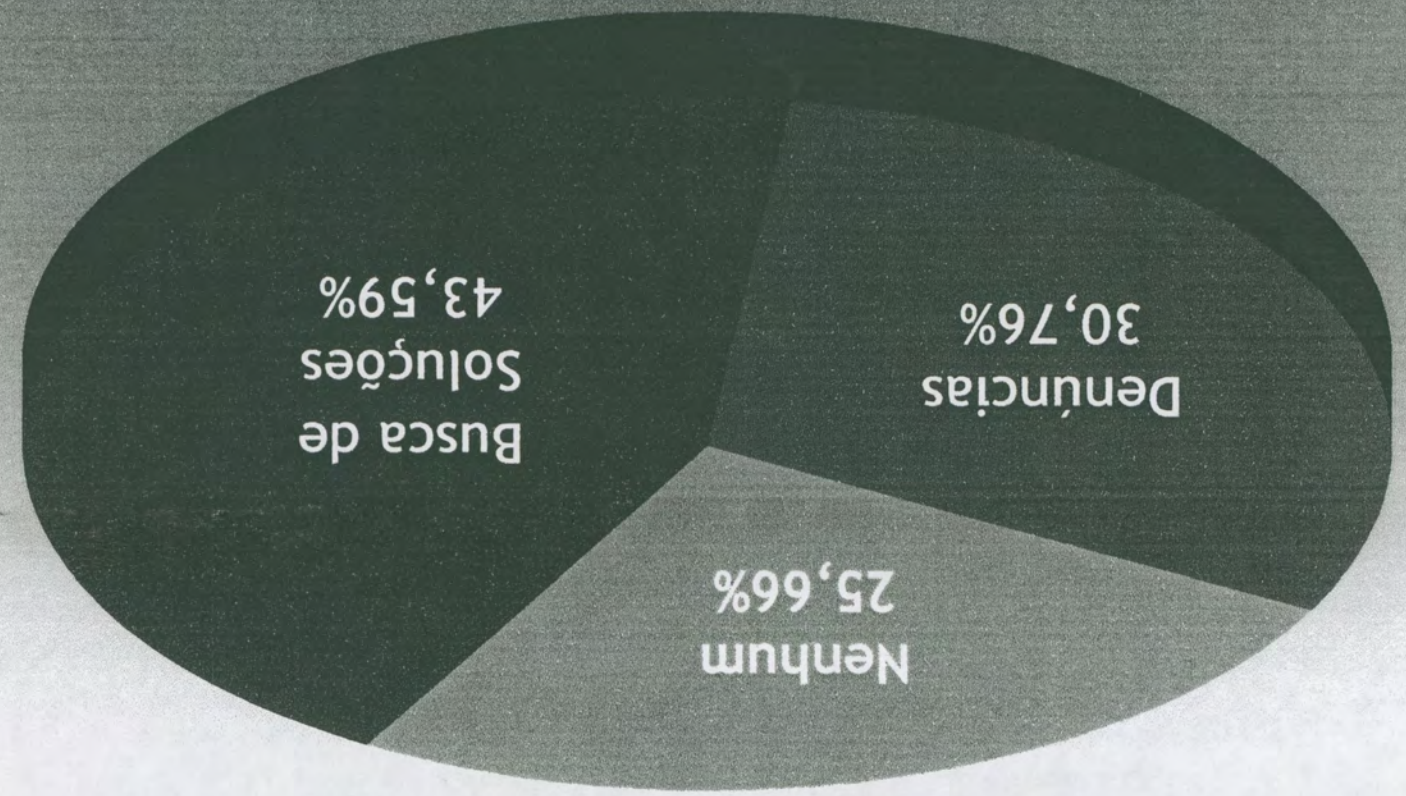
## Colocação entre os demais Temas



### Evolução do tema ao longo de 1999



Busca de Soluções vs. Denúncia



## CLIPPING TRABALHO DOMÉSTICO INFANTO-JUVENIL

Para esse clipping especial nossa equipe de clipagem foi instruída a rever todas as matérias selecionadas no ano de 1999. Esse trabalho incluiu **todas** e não somente aquelas matérias que tratavam da exploração do trabalho infanto-juvenil - uma vez que necessitávamos saber se o assunto ou a categoria dos trabalhadores domésticos aparecia em outros temas como violência, abuso sexual etc.

Também foram revistas as matérias dos meses de janeiro e fevereiro de 2000. Ao final, incluímos também as **últimas** notícias sobre o assunto.

A dificuldade de se distinguir entre o que é considerado trabalho doméstico e a realização de afazeres domésticos, levou-nos a incluir como objeto de pesquisa outras categorias semânticas além de “empregada doméstica” ou “babás”. Por isso, foram também selecionadas matérias que falam de “crianças que cuidam de crianças”, “cozinhas de famílias abastadas” como local de trabalho etc.

### DADOS QUANTITATIVOS

#### Pesquisa Infância na Mídia – Jan/Dez/1999

Número total de inserções (assuntos referentes a crianças e adolescentes):	<b>41.566</b>
Número total com tema Exploração do Trabalho:	<b>1.177 (3%)</b>

No mesmo período foram encontradas 51 “matérias” relativas a trabalho doméstico, publicadas em diversos jornais de janeiro a dezembro de 1999. Na tabela a seguir apresentamos outros dados quantitativos.

Número total de inserções que tem relação com Trabalho Doméstico:	<b>51</b>
• Exploração do Trabalho:	<b>31</b>
• Violência:	<b>10</b>
• Exploração e Abuso Sexual:	<b>8</b>
• Defesa de Direitos:	<b>2</b>

**Jornais pesquisados pela ANDI:**

A Crítica - AM

A Gazeta - AC

A Gazeta - ES

A Gazeta - MT

A Notícia - SC

A Província do Pará - PA

A Tarde - BA

Correio Braziliense - DF

Correio da Bahia - BA

Correio da Paraíba - PB

Correio Popular - SP

Diário Catarinense - SC

Diário da Amazônia - RO

Diário da Tarde - MG

Diário de Cuiabá - MT

Diário de Natal - RN

Diário de Pernambuco - PE

Diário do Nordeste - CE

Diário do Pará - PA

Diário Popular - SP

Estado de Minas - MG

Folha de Londrina - PR

Folha de S. Paulo - SP

Folha do Estado - MT

Gazeta de Alagoas - AL

Gazeta do Povo - PR

Gazeta Mercantil - SP

Hoje em Dia - MG

Jornal da Manhã - SE

Jornal da Tarde - SP

Jornal de Brasília - DF

Jornal do Brasil - RJ

Jornal do Commercio - PE

Jornal do Tocantins - TO

Jornal O Dia - PI

Meio Norte - PI

O Dia - RJ

O Estadão - RO

O Estado de S. Paulo - SP

O Estado do Maranhão - MA

O Globo - RJ

O Imparcial - MA

O Liberal - PA

O Norte - PB

O Popular - GO

O Povo - CE

Tribuna de Alagoas - AL

Tribuna do Norte - RN

Zero Hora - RS

# Exemplo que fica Parceria pela educação

A Brasif, empresa especializada em pensar apenas em lucros. Há seis anos, ela é referência para outras empresas que querem fazer o mesmo.

**Investimentos**  
**U**m exemplo de parceria que tem se multiplicado em São Paulo é o da Brasif, empresa especializada em pensar apenas em lucros. Há seis anos, ela é referência para outras empresas que querem fazer o mesmo. A parceria com a Fundação de Amparo à Pesquisa da Universidade de São Paulo (FAPESP) é um exemplo de como a empresa pode ser socialmente responsável sem perder o foco principal.

**Críticas**  
 Apesar de ser considerada uma das melhores empresas do Brasil, a Brasif não é isenta de críticas. Alguns setores da sociedade questionam a parceria com a FAPESP, alegando que a empresa está apenas buscando uma imagem positiva.



...que a empresa não tem o compromisso de ser socialmente responsável. A parceria com a FAPESP, no entanto, é vista como um exemplo de como a empresa pode ser socialmente responsável sem perder o foco principal.



## Notícias dos da Infância

# Trabalho Doméstico Infanto-Juvenil

# CLIPPING

Janeiro a dezembro de 1999

### Investimento social dá distinção à Condor



Empresa é considerada amiga da criança pelo Unicef, devido à orientação odontológica

São Paulo, SP. - Projeto social que visa oferecer atendimento odontológico para crianças em situação de vulnerabilidade social. A iniciativa é liderada pela Condor, empresa especializada em produtos de higiene pessoal.

### e responsabilidade

competitividade implicam também na ética. A empresa que não atua no mercado não pode ser socialmente responsável. A responsabilidade social é um conceito que envolve a relação da empresa com a sociedade e o meio ambiente.

### INVESTINDO NO SOC

Programa será lançado hoje



PROGRAMA SERÁ LANÇADO HOJE

EMPRESÁRIOS SE MOSTRAM OTIMISTAS

INFÂNCIA E JUVENTUDE Abrigos em casas de passagem são medidas que ajudam no processo de reeducação das menores

## Meninas e famílias têm que ser trabalhadas

As medidas de proteção às menores prostituídas envolvem o abrigo em casas de passagem. Elas permanecem lá por um período até que as famílias estejam preparadas para recebê-las novamente. "A nossa preocupação é a pressa em devolver as crianças às suas famílias. Porque existem pais e pais", reconhece José Carlos, da Vara da Infância e da Juventude. Ele lembra que quando a família não tem mais limites e não há mais respeito, nem sempre a volta é interessante.

As autoridades, para ajudar às meninas prostituídas, lembra José Carlos, devem fazer valer a rede de assistência social. "Estas famílias devem ser trabalhadas. Enquanto tivermos famílias desestruturadas, vou continuar me reelegendo quantas vezes quiser, é uma questão de politicagem", afirma José Carlos. Ele considera os abrigos da prefeitura bem estruturados.

A complicação para tirar estas meninas das ruas é maior do que se imagina, porque elas passam por muitos problemas emocionais. Se elas não têm mais o referencial imposto pela prostituição, nem existe mais um retorno à família, ela fica perdida.

Ossinhos juvenis impulsionam a busca pela venda do corpo. A Vara da Infância registrou casos de meninas que queriam ser bailarinas. Como queriam ser vistas, não tinham vergonha de irem dançar em bares, sem medir os riscos. É aí, intervém José Carlos, que pessoas utilizam-se da inocência das garotas. "Nós encontramos muitos mau caráter na condução do sonho adolescente", afirma José Carlos.

As meninas não se percebem prostitutas, mas quando existe um desejo material, vendem o corpo para comprar. "Cada menina tem um amor. Elas fazem tudo por esta pessoa que elegeram", comenta. Hotéis, pousadas e motéis que abrigam menores são autuados pela Vara da Infância e da Juventude. "Estes lugares não podem receber adolescentes sem autorização e sem documentos", reforça o coordenador. Estes locais não estão restritos à orla. Menores hospedados indevidamente são encontradas em bairros como Cidade da Esperança e Centro.

### Processo é devolvido para complementação

Em novembro de 1994, Francisco Macena Silva Júnior, foi autuado em flagrante, num motel da cidade junto com três menores, que seriam entregues a clientes. O caso originou um inquérito de 368 páginas e dois volumes. Este inquérito se estende a cinco anos. Depois de ser enviado à 9ª Vara Criminal do Estado, ele retornou na semana passada para a delegacia de Costumes. O promotor que analisa o caso, Marcus Aurélio de Freitas, quer novos depoimentos no caso.

Entre os comerciantes que estariam se aproveitando de menores estão identificados os nomes de Malva Rosa, Babye (Bárbara do Satélite) e Mércia. "A tendência é

que devo denunciar", explica. O delegado de Costumes, Robson Aranha, terá 60 dias, para enviar o inquérito novamente à Justiça.

Outro caso foi o caso da menor E.L.C, 15 anos. A própria mãe da menina, Nilza Maria Cardoso, denunciou o ocorrido em novembro do ano passado. A filha de Nilza foi convidada para trabalhar como empregada doméstica e dias depois descobriu que a menina morava com uma mulher de programa. Este inquérito deve estar sendo concluído na próxima semana. Ficou comprovado o favorecimento à prostituição por parte de Shirley. A outra mulher, Carolina, vai responder por corrupção de menores.



## Olavo Ivanhoé de Brito Bacellar

Pesquisador / Fundação Raul F. Bacellar



### Jovens no mercado de trabalho

A População Economicamente Ativa - PEA juvenil vem passando, sobretudo na presente década, por modificações quanto ao estoque de jovens (10 - 24 anos de idade) em atividade no mercado de trabalho brasileiro. Dados da FIBGE/PNADs indicam que a variação da PEA juvenil ocupada foi bastante alterada ao longo do período 1989 e 96, ocorrendo os seguintes resultados: 10 - 14 anos com -13,6%; 15 - 19 anos cerca de -6,6%; 20 - 24 anos, +0,3%, com uma variação total (10 - 24 anos e período citado) na ordem de -4,6%. No período em estudo, cerca de 861,7 mil postos de trabalho foram, segundo fontes oficiais, extintos, o que significou o desaparecimento médio anual de 123,1 mil vagas. Pior é que esse quadro vem sendo profundamente agravado entre 1998 e corrente ano, e, ainda, em todas as

regiões do País, sobretudo nos quadros domiciliares urbanos. No que tange à evolução da composição do total da ocupação juvenil (1989/96), as estatísticas obtidas e trabalhadas apontam que em 1989 cerca de 15,1% dos jovens ocupados estavam no grupo etário de 10 a 14 anos; 40,1% de 15 a 19 anos; 44,8% de 20 a 24 anos. Já em 1996, os dados eram 13,7%; 39,3% e 47,0%, respectivamente. A respeito da evolução do emprego formal, por faixa etária e período 1989/95, as informações do MTb - RAIS indicam que houve uma forte redução no nível ocupacional (10 a 14 anos: variação 64,0%; 15 a 17 cerca de -39,3%; 18 a 24 anos em torno de -19,4%. para POCHMANN (CESIT/UNICAMP), nos anos noventa, foram eliminados 2.470 mil empregos formais, sendo 1,7 milhão (70,7%) referente aos tra-

balhadores com idade entre 10 e 24 anos de idade. De acordo com as fontes do MTb, observa-se que o forte ajuste no mercado de trabalho formal concentrou-se fundamentalmente sobre a força de trabalho juvenil, que perdeu 3 a cada 11 empregos existentes no período recente. Durante a década de 1990, o nível de emprego formal para jovens foi reduzida em 27,0%. As poucas oportunidades de trabalho que foram abertas no Brasil tenderam a se concentrar nas pequenas e micro empresas, bastando observar que durante os anos noventa, as empresas com mais de 250 empregados foram repensáveis por um saldo negativo de 1,0 milhão de postos de trabalho para as pessoas com menos de 24 anos de idade, enquanto as empresas com até 20 empregados apresentaram

um saldo positivo de 131,2 mil novos empregos em todo o País (vide PACHECO & POCHAMANN, IE/São Paulo, 1997).

*Dados do FIBGE/PNDAs indicam que a variação da PEA juvenil ocupada foi bastante alterada ao longo do período de 1989 e 96*

Pertinente à composição do emprego formal dos jovens, em 1989 do total do volume de empregos formais a PEA juvenil representava cerca de 26,4% (10 a 14 anos: 0,4%; 15 a 19 anos: 3,7%; 20 a 24 anos: 22,6%), caindo bastante para 19,9%, em 1995 (0,1%; 2,3%; 18,6%, respectivamente (MTb/1996). Pro-

jeções apontam que esse quadro tenha agravado-se nos últimos três anos, notadamente entre agosto 98 ao presente momento, por conta da recessão econômica e falta de perspectivas de desenvolvimento a médio prazo (vide BERNARD et COLLI in Économie de l'Amérique Latine, Ed. Sociales, Paris, 1997). Por fim, alguns dados sobre as taxas de desemprego juvenil, segundo dados extraídos e trabalhadores da FIBGE - PNADs. Em 1989, do volume de desempregados cerca de 5,2% tinham de 10 a 24 anos de idade (10 a 14 anos: 3,6% 15 - 19 anos: 5,7% 20 a 24 anos: 5,3%); por sua vez, em 1996 essas taxas sofreram significativas alterações passando para 12,8% sobre o universo de pessoas desempregadas em todo o País (11,9%; 13,9%; 10,1%, respectivamente). Calcula-se que essas taxas, estejam

atingindo a casa de 16,7% (média nacional / fevereiro 99) e se verificadas a nível de regiões, o quadro é mais caótico, notadamente no Nordeste e Norte do Brasil. Observa-se que milhares de trabalhadores ainda crianças (10 a 14 anos) estão inseridos no mercado de trabalho, mesmo exercendo atividades muitas das quais informais, instáveis, precárias, mal remuneradas ou pagas em produtos (moradia, alimentação). São explorados quanto ao excesso de horas de trabalho/dia, sem direito ao registro, férias, lazer, décimo terceiro, previdência, etc.; submetendo-se às atividades impróprias à estrutura física e saúde desses adolescentes, além de outros agravantes que caracterizam a realidade do modelo de desenvolvimento e de emprego no Brasil e seus impactos na qualidade de vida, no caso, da PEA.

R: Ed. Bacellar  
 Sub: Ed. Prof.  
 Busca de Soluções  
 Manutenção  
 POLÍTICAS PÚBLICAS  
 15-7-1999

## Aracilba Rocha

### O drama dos desprotegidos

Cerca de 890 adolescentes paraibanos entre 14 e 18 anos, perderam a oportunidade de se profissionalizar: iram a escola, fugir do submundo das drogas, se manter nutridos no meio da miséria.

Eram adolescentes que sobre a proteção de um convênio entre a Fundac e empresas públicas (Saelpa, Cagepa, Telpa, Correios e Telégrafos), e, empresas privadas (supermercados, jornais, gráficas), profissionalizam esses adolescentes em meio expediente, mediante obrigatório pagamento de salário mínimo, vale transporte, assistência médica, assistência psicológica educacional e algumas com o vale refeição. Em contrapartida, o menor fazia pacote, ou vendia jornais, entregava contas (luz ou água), aprendia computação, atendia telefone, fazia serviços diversos e 70% deles saiam profissionalizados do seu es-

tágio/convênio.

Porém o maior paradoxo dos direitos encontrou, no mais avançado instrumento de proteção a criança e adolescente – Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), uma falha de regulamentação fazendo com que todas as empresas que absorviam esses adolescentes através desse convênio, o encerrasse com prazo determinado pelo então Promotor da Lei o Sr. Procurador do Ministério Público do Trabalho na Paraíba.

Mas nada disso tem importância para o então representante da Lei – o que importa é cumpri-la. E sendo assim ficamos nós os brasileiros vistos cada vez mais no mundo como o “País do Estatuto e como o País do extermínio de crianças” – São centenas de crianças paraibanas fora das escolas, são centenas de crianças que quebram pedras, tra-

balham na lavoura de sol a sol, são violentadas sexualmente nas estradas da seca e da miséria, nas cozinhas de famílias abastadas. Do nosso Estado, nenhum, nenhum Procurador é capaz de impor a lei que proíbe o trabalho infantil e a miséria, de fazer valer o direito à vida, à sobrevivência, a moradia, a educação.

O fato é que Justiça Social não se pode fazer em gabinetes e há um conflito reconhecido entre a Lei e a Realidade – entender o grau agudo do desemprego e da subseqüente violência é entender até onde permeia os direitos da cidadania, da dignidade.

Ninguém pode se sentir protegido por uma Lei que mesmo baseada em fatos e possa estar aplicada correta, lhes restrinja a possibilidade de ter a comida. São as contradições que permeiam a sociedade e por isso o Estado deixa hoje de contribuir com 890 adolescentes que com certeza estariam fora da violência e da marginalidade – abram-se 890 vagas nas casas de Detenção, a Lei do Ministério Público na Paraíba será cumprida.

## Direitos do Cidadão

### Trabalho infantil

Este espaço tem dedicado atenção especial aos direitos da criança e do adolescente, cumprindo fielmente as determinações do Procurador-Geral de Justiça, Júlio Paulo Neto, entusiasta da nobre causa.

Hoje, enfatizamos o combate permanente da Curadoria da Infância e Juventude da Capital contra o trabalho infantil, principalmente na economia informal, onde é comum encontrarem-se meninos e meninas desempenhando alguma atividade sem os devidos cuidados e em condições muitas vezes insalubres.

Mas o Ministério Público está atento. Em parceria com a Delegacia Regional do Trabalho (DRT), a Instituição tem coibido sistematicamente o trabalho infantil. O Curador da Infância e Juventude da Capital, João Arlindo Correia Neto, alerta que, nos casos em que se permite ao adolescente trabalhar, este tem direito ao registro pelo empregador, Carteira de Trabalho assinada, recebimento de salário, período de repouso semanal remunerado, recolhimento de Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e direitos previdenciários assegurados.

A Curadoria frisa que se deve coibir com maior ênfase não o trabalho da criança e do adolescente praticado no seio familiar mas sim a exploração infantil, que se baseia no labor de crianças em regimes ou condições forçadas, análogas às escravas. São os casos, por exemplo, das pedreiras, canaviais, exploração sexual, pornografia e tráfico de drogas. Enfim, o trabalho em situações perigosas que sujeitam crianças e adolescentes a riscos físicos, psíquicos, morais e emocionais.

R: TRAB

Sub:

Busca de Soluções  
 Denúncia

POLÍCIA PÚBLICA

Direto  Indireto

Rep.  Art  Ed

EXP  
- TRAB

BRUTALIDADE

## Patroa tortura secretária a golpes de faca-peixeira

O delegado Nivaldo Aleixo Barros, da Delegacia de Homicídios, prendeu ontem, a doméstica Lenice Ferreira de Lima, 38, acusada de espancamento e torturas, contra a menor de iniciais J.M.S., 13, que trabalhava como secretária dela. Ela foi internada no Hospital de Pronto Socorro (HPS) no último dia 18, pelo comerciante Antonio José Valeriano da Silva, ex-marido de Lenice. Ela foi presa ontem, na cidade de Boca da Mata, na casa de parentes onde estava homiziada.

Mesmo internada na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do hospital, o delegado ouviu verbalmente a adolescente. Ela disse que trabalhava na casa de Elenice há seis meses e por qualquer erro cometido, era brutalmente espancada e torturada pela patroa. O corpo da menor apresenta escoriações, hematomas e marcas de queimaduras, inclusive nos pés. Nas costas da menor foram detectados ferimentos a golpes de faca-peixeira.

Ela afirmou ao delegado, que numa das vezes que foi torturada, Lenice havia introduzido um pe-

daço de madeira em sua vagina e no último espancamento sofrido, ela havia batido com um instrumento contundente em sua cabeça, causando-lhe vários ferimentos. Para evitar que a polícia tomasse conhecimento da agressão, Lenice teria costurado os cortes na sua casa, sem nenhum anestésico.

Lenice e Antonio foram ouvidos ontem mesmo pelo delegado Nivaldo Aleixo, que no final da tarde, representou na Justiça, contra a acusada nos crimes. Nivaldo pediu a prisão provisória da doméstica, para garantir a conclusão do inquérito com ela encarcerada. A prisão temporária normal duraria cinco dias, renovável por mais cinco mas, como se trata de crime hediondo, a duração é de trinta dias renovável por mais trinta.

Segundo Nivaldo Aleixo, o inquérito deve ficar concluído no prazo normal, quando será remetido a Justiça. Ele disse que ficou abismado ao se deparar com o quadro apresentado pela adolescente no leito do hospital, onde se encontra em recuperação.

VIC

Lenice  
RFA

27/02/99  
tratar (V)

REPUBLICAS  
Indireta

## Polícia prende mulher que espancou menor de 13 anos

A Polícia conseguiu prender ontem Luciene Ferreira Lima, que praticou agressões contra a sua empregada doméstica, J.M.S., 13 anos. Ela foi presa na cidade de Boca da Mata por uma equipe da Delegacia Especializada de Crimes contra a Criança e Adolescente. A Polícia conseguiu chegar ao paradeiro de Luciene após ouvir o ex-companheiro dela, cujo nome não foi revelado. Luciene irá responder por crime de tortura, podendo pegar de quatro a oito anos de prisão.

Preso na Delegacia de Homicídios, onde funciona a Especializada de Crimes contra Menores, ela deverá ser indiciada por crime de tortura. Antes de sua prisão, representantes do Ministério Público e do Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente da capital estiveram com o delegado Nivaldo Aleixo para recomendar o pedido de prisão preventiva da acusada.

A menor J.M.S., que fez ontem o

exame de corpo de delito, deve ter alta nos próximos dias, depois de ter dado entrada na semana passada na Unidade de Emergência com várias escoriações e em estado de desnutrição. Ela ficou em cárcere privado nos últimos meses, segundo constatarem os membros do MP e do conselho tutelar.

Segundo o promotor Ubirajara Ramos, em depoimento prestado à polícia, o ex-companheiro da agressora disse que Luciene esteve com ele nesta semana contando que não sabia como aconteceram as agressões. "Ela também alegou que nos últimos tempos achava que estava ficando louca e que se sentia muito solitária", disse.

De acordo com a presidente do conselho tutelar, Rita de Cássia Lima, o laudo policial apontou que a menor tinha lesões que haviam sido praticadas há vários dias, provando que a garota vinha sendo mantida em cárcere privado.

*Violência*  
*Mau Trato (V)*  
*VIO*  
...  
...  
...  
... Ed

## Adolescentes são explorados

O atendimento do serviço social do Ministério Público constatou que é grande também o número de casos de adolescentes do sexo feminino vindas do interior para trabalhar como empregadas domésticas e que são exploradas pelos patrões. Algumas chegam a ser mantidas em condições de cárcere privado, impedidas de sair das casas onde trabalham.

“Temos mais de seis casos de adolescentes empregadas domésticas mantidas pelos patrões em cárceres privados. Muitas não gozam dos direitos trabalhistas garantidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Alguns desses casos são encaminhados à Justiça do Trabalho”, esclareceu a promotora, acrescentando que os casos de abuso sexual são encaminhados à Funac e tratados com terapias.

**Reintegração** - Durante o ano de 98, o Ministério Público

ajudou 60 crianças e adolescentes a serem reintegrados às suas famílias. Dentre elas, 12 meninos e meninas sob acompanhamento do serviço social do Ministério Público formam os Promotores da Esperança, que estão sendo preparados para integrar um coral ou uma banda musical.

O Ministério Público inicia hoje as audiências públicas com diversas comunidades de São Luís para lançar a campanha “Escola, Direito da Criança, Dever de Todos Nós”. As audiências serão sediadas nas associações e uniões de moradores.

“Vamos ouvir as comunidades, pais, professores, diretores, e levantar os motivos que levaram as crianças a ficar fora da escola”, disse a promotora da Infância e da Juventude, acrescentando que o mesmo trabalho será feito no interior do estado.

*Cap. Sec.*



DIA INTERNACIONAL DA MULHER

# A inocência sob risco

O Unicef denuncia a violência contra crianças e adolescentes do sexo feminino na América Latina e no Caribe e lança campanha de alerta.

IZO Calbo  
REPORTER

**H**á muito o que comemorar. Disso ninguém duvida. A mulher chega hoje ao seu Dia Internacional numa situação muito mais favorável, seja dentro de casa ou no mercado de trabalho. Os tempos são outros. Mas, em alguns lugares, a violência ainda é um problema sério e lamentável. Um documento do Unicef denuncia o alto índice de casos envolvendo crianças e adolescentes do sexo feminino na América Latina e no Caribe. E aproveita as comemorações para lançar uma campanha de alerta, encampada pelas Nações Unidas.

De acordo com este documento, o silêncio social é o maior cúmplice da impunidade, tanto na América Latina quanto no Caribe, onde a violência contra a mulher atinge patamares preocupantes. Indo mais além, o Unicef coloca como um desafio para o próximo século a necessidade de apresentar estes índices publicamente e tomar ações preventivas. A diretora mundial do Unicef, Carol Bellamy, afirma: "Em qualquer lugar, entre ricos e pobres, em casa, na es-

cola, no trabalho e na comunidade, às portas do século XXI, uma ampla escala destes acontecimentos não são conhecidos nem verdadeiramente entendidos".

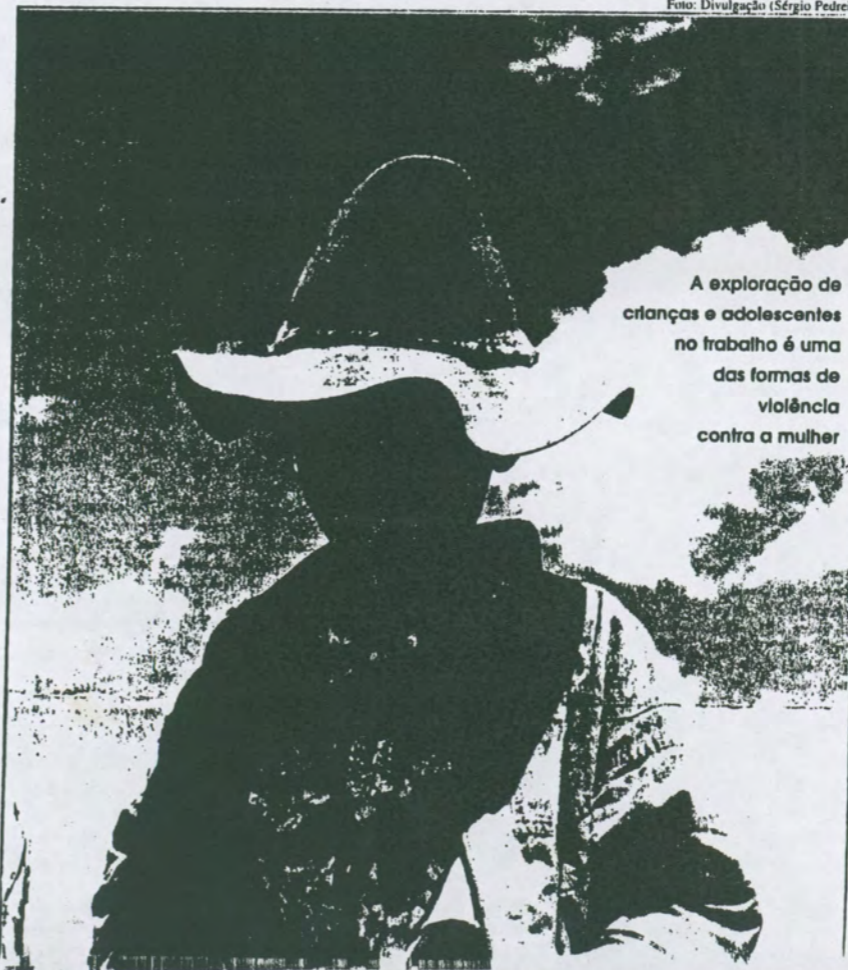
Para tanto, se apoia numa pesquisa que tem por base investigações recentes nestas regiões, onde, a princípio, seis milhões de crianças e adolescentes são objetos de agressões graves. Destas, 80 mil morrem a cada ano por violência dentro da própria casa. Assédio sexual, maus-tratos, trabalho infantil, violências sexual e domésticas constituem os casos mais frequentes.

Ações para frear esta triste reali-

**O silêncio social é o maior cúmplice da impunidade, tanto na América Latina quanto no Caribe.**

dade já estão sendo tomadas por parte de convenções sérias, voltadas única e exclusivamente para a prevenção de casos de violência contra a mulher. "Com base nestas convenções, poderá existir um mundo em que a violência contra as meninas e as mulheres não seja mais um temor presente, mas sim uma recordação distante na memória", otimiza a diretora mundial do Unicef. É ainda ela quem enxerga na educação a única forma de reverter este quadro.

Foto: Divulgação (Sérgio Pedreira)



A exploração de crianças e adolescentes no trabalho é uma das formas de violência contra a mulher

08.03.1999

A tarde

## OS NÚMEROS

✓ Mais de 185 milhões de pessoas menores de 18 anos habitam a América Latina e o Caribe. Destas, 50% são adolescentes do sexo feminino. A maioria delas está exposta aos perigos da violência. Abuso sexual e maus-tratos são os casos mais comuns.

✓ Estudos recentes indicam que pelo menos 6 milhões de crianças e adolescentes são objeto de agressões físicas graves e que 80 mil morrem, a cada ano, por causa da violência dentro da própria casa.

✓ Vinte e oito por cento das adolescentes entre 15 e 19 anos não estudam; um alto percentual (12%) desempenha exclusivamente atividades domésticas.

✓ Estima-se que nas regiões citadas, a cada hora, sete jovens entre 15 e 24 anos contraem o HIV, vírus da Aids.

Fonte: Unicef

Mais sobre o Dia Internacional da Mulher na contracapa



# Adultos voltam para a escola

Eles precisam estudar para conquistar o mercado de trabalho. Fazem o caminho inverso de quando largaram a educação

Nadja Vasques  
Da Redação

Se há alguns anos os jovens deixavam a escola para começar a trabalhar, jovens e adultos hoje fazem o caminho inverso. Eles estão retornando em massa às salas de aula para conseguir, ou até manter, uma vaga no mercado de trabalho, que a cada dia se torna mais seletivo e exigente.

Histórias não faltam. Daniel Pereira da Silva, 33, trabalhava há quatro anos numa grande empresa de laticínios. Tinha apenas o 1º grau e recebeu um ultimato. Ou volta a estudar ou vai para a rua. Foi esse motivo que levou Silva a voltar para a escola, onde cursa atualmente o 2º ano do 2º grau.

No ano passado, a Secretaria Estadual de Educação (Seduc) matriculou 71.118 alunos jovens e adultos apenas nos cursos de suplência. Foram 51.614 no ensino fundamental, de 1ª a 8ª séries, e 19.504 no ensino médio, o 2º grau. Há ainda jovens e adultos frequentando o ensino regular, que não foram incluídos nas estatísticas.

Os números de 99 não estão fechados, mas a estimativa da Seduc é de que a demanda tenha sido pelo menos 20% maior.

A líder da Educação de Jovens e Adultos da secretaria, Cleonice Poloto, não tem dúvida. A procura é motivada porque quem não tem hoje o segundo grau completo não consegue emprego ou está empregado e ameaçado de ser demitido pela falta de escolaridade.

Em 1996, a Seduc elaborou uma pesquisa para conhecer o perfil dos alunos que procuravam o curso de suplência (ver matéria na página). A maior parte deles é formada de trabalhadores do mercado informal, tem de 15 a 24 anos e renda média mensal de um salário mínimo e meio.

São também dados de 96 do Sistema Nacional de Emprego (Sine) que mostram a dimensão do problema da falta de escolaridade. Na época, de cada 10 trabalhadores encaminhados para vagas que surgiam no mercado, seis eram recusados porque não tinham formação adequada. "A escola é fundamental e as exigências vão aumentar", observa o secretário de Justiça e Defesa da Cidadania, Hermes de Abreu.

Para atender toda a demanda, cuja tendência é o crescimento, Mato Grosso possui 41 escolas de Educação de Jovens e Adultos, além de cerca de outras 200 de ensino regular que também oferecem cursos de suplência.



Jovens e adultos que não estudaram porque precisavam trabalhar, agora estudam para se manterem no mercado

## “Para conseguir trabalhar”

Da Redação

Uma pesquisa feita pela Secretaria Estadual de Educação (Seduc) em 1996 procurou definir o perfil do aluno que busca o curso de suplência. A Educação de Jovens e Adultos funciona como uma proposta curricular de 400 horas semestrais em 100 dias de aula.

Como os dados são de 96, eles ~~agora podem estar um pouco desatualizados~~, já que a Lei 9394, de 20 de dezembro de 96, reduziu de 15 para 13 anos e meio a idade para ingressar na 5ª série e de 18 para 16 anos e meio para a matrícula no ensino médio (2º grau).

A maior parte dos alunos é formada por trabalhadores, ainda que

não tenham carteira assinada e estejam sobrevivendo do mercado informal. Do total pesquisado, 56,41% têm entre 15 e 24 anos. Outros 20,16% possuem entre 25 e 30 anos de idade. Apenas 0,66% dos alunos estão acima da faixa dos 50 anos. A maior concentração, no entanto, está entre 19 a 21 anos, que representam 24,96% do total.

O sexo feminino procura mais a suplência, representando 55,34%. Na maior parte, os alunos são solteiros.

Na avaliação profissional ganham os prestadores de serviços, seguidos pelas donas de casa. Depois estão os que só estudam. Em quarto lugar aparecem os que possuem emprego urbano e, em quinto lugar, estão as empregadas domésticas.

A maior parte dos alunos tem renda mensal de um salário mínimo e meio. Eles vêm seguidos dos que não têm renda nenhuma, os desempregados. Em terceiro lugar estão os que recebem dois salários mínimos e a menor parte admite ganhar menos de um salário mínimo por mês.

As profissões dos pais também foram incluídas na pesquisa. Quanto ao trabalho do pai, a maior parte declarou como trabalhador rural, seguido de prestador de serviço. Já as mães dos alunos do curso de suplência são donas de casa ou empregadas domésticas.

A resposta para a pergunta feita a todos (por que voltou a estudar?) teve resposta unânime. “Para conseguir trabalhar” (N.V.)

## Veja as estatísticas da Educação

Da Redação

Os números da Educação no Brasil melhoram a cada ano, mas ainda podem ser considerados alarmantes se comparados aos dos países desenvolvidos, onde o analfabetismo praticamente não existe. De 93 para 95, o número de analfabetos caiu de 17,8% da população igual ou superior a 10 anos para 14,8% da mesma população. Em 96 caiu ainda mais, para 11,7%. Em números absolutos, os analfabetos somavam, em 96, 238.779 pessoas acima de sete anos de idade em todo o país. Os dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad).

Em Mato Grosso, onde a mesma pesquisa foi feita, o número de

analfabetos também caiu. Em 93 eles representavam 14,2% da população igual ou superior a 10 anos. Desses, 23,51% moravam na zona rural. Em 95, reduziu para 13,8% da população igual ou superior a 10 anos, sendo que 24,25% deles pertenciam à zona rural. Em 96, os analfabetos eram 11,7% da população de Mato Grosso.

Ainda de acordo com o Pnad, em 1995, 9,8% das crianças brasileiras entre 7 e 14 anos estavam fora das salas de aula. Em Mato Grosso, o índice era um pouco menor, de 8,16% de crianças na mesma faixa etária fora da escola. Nesse ano, apenas 12,6% da população mato-grossense possuía o segundo grau completo. Índice pouco maior do que o registrado dois

anos antes, em 93, que era de 10,77% da população. Em todo o país, apenas 16% dos jovens entre 15 e 19 anos têm acesso ao segundo grau.

Dados do Ministério da Educação e do Desporto (MEC) mostram que o Brasil reprova, por ano, cinco milhões de crianças no ensino fundamental. São 15% de 34 milhões de matrículas. Outros 16% se evadem. Em toda a região Centro-Oeste, o índice de reprovação é de 15%, um por cento a menos do que o índice de evasão, de 16%.

O MEC avalia que de cada 1.000 alunos, apenas 43 se formam dentro do tempo mínimo de oito anos no primeiro grau. Outros 235 terão abandonado a escola e 722 estarão atrasados (N.V.)

A Gazeta / Curitiba - 14/03/1999

Pág. 7C

Veículo: O Globo  
Página: 16  
Data: 17/13/199  
Localidade: R. Janeiro RJ

GLOBO

2ª edição

# Menina sumida se prostituía no Rio

## Foto na TV leva à localização de X., de 16, desaparecida há mais de um ano

• A localização de uma menina de 16 anos, desaparecida desde janeiro de 98, revelou à polícia a facilidade com que menores se prostituem na Zona Sul do Rio. X. saiu da casa da família, em Barra Mansa, por vontade própria. Veio para o Rio, trabalhou como babá em Botafogo, mas, desempregada, acabou se prostituindo nas boates de Copacabana. Apesar de ser menor de idade, X. conseguiu viajar pelo Brasil e até para a Bolívia usando uma carteira de trabalho falsa. Durante esse tempo, conta a menina, encontrou diversos policiais militares em Copacabana que sabiam que ela era uma menor desaparecida mas que nada fizeram para ajudá-la. Só depois que sua foto foi mostrada pela TV Globo, no domingo passado, é que a Fundação para a Infância e Adolescência (FIA) recebeu um telefonema anônimo dizendo que estava vivendo numa casa em Macaé. Ontem, depois de 14 meses longe de casa, a menina reencontrou os pais.

— Não sei por que fugi. Não tinha idéia do que ia fazer da vida. Não tinha como ganhar dinheiro e umas meninas que eu conheci na Praia de Copacabana me disseram que poderia ganhar dinheiro fácil sendo garota de programa. Mas não valeu a pena — afirma X., depois de prestar depoimento na noite de ontem para a delegada Márcia Julião, titular da Divisão de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA).

### Polícia investiga quem facilita a prostituição de menores

A polícia já começou a investigar quem teria facilitado e incentivado a prostituição da menor. No depoimento, X. citou os nomes de algumas colegas que dividiam vagas nos apartamentos de Copacabana. O drama de X. começou no dia 17 de janeiro de 1998. Ela disse para a mãe que ia para o trabalho, na casa de uma

família, e nunca mais voltou. Durante todo esse tempo, seus pais acreditavam que ela havia sido seqüestrada e que estava sendo obrigada a se prostituir. A mãe de X. chegou a vir quatro vezes ao Rio, indo a boates onde a filha estaria trabalhando.

Apesar de ter passado a maior parte do tempo no Rio de Janeiro, no entanto, X. conta que viajou para vários estados. A princípio, estava acompanhada de um namorado que a levou para a Bahia e o Ceará. Era esse rapaz quem pagava suas contas, inclusive a diária num apartamento em Copacabana. Quando o namoro terminou, X. recebeu uma sugestão das colegas que conheceu na praia: se prostituir.

### Seguranças não pedem documentos

A menina contou ontem que nunca foi obrigada a ter clientes. Só saía com homens quando estava precisando de dinheiro. Conseguia os programas nas boates da orla e da Avenida Princesa Isabel. Em algumas, entrava com a carteira de trabalho que havia tirado usando a certidão de nascimento de uma colega maior de idade. Em outras, os seguranças sequer pediam qualquer comprovante da maioridade. De acordo com X., foram essas mesmas colegas que a levaram a consumir drogas como maconha e cocaína. Foi com elas também que viajou para Bolívia e Rondônia, trabalhando em boates.

Ontem, ao lado dos pais, X. chorou muito. Disse estar arrependida e afirmou que tudo o que fez não valeu a pena. A menina estudou apenas até a 6ª série. Foi reprovada por ter muitas faltas e começou a trabalhar como empregada doméstica numa casa de família em Barra Mansa. Morava com os pais e os dois irmãos mais novos num bairro de classe média baixa ■

Ca. A. Sex.  
Viol

Rep.

Veículo: C. Brasília

Página: 2

Data: 21 / 3 / 99

Cidade: Brasília / DF

CRIME

## Mãe foi denunciada três vezes por abandonar filhos

Valesca Riviéri  
Da equipe do Correio

Os bracinhos e pernas de pequeno C.E., 5 meses, ainda estão inchados pelo ataque dos ratos no barraco onde foi abandonada por oito dias, junto com mais seis irmãos, em Samambaia pela mãe, Neila Aparecida de Jesus. No Centro de Recepção e Triagem (CRT), o bebê e a irmã G., 3 anos, recebem cuidados das assistentes sociais que dão medicação e alimentação. A denúncia foi feita ao SOS Criança na quinta-feira por vizinhos.

Os outros quatro filhos estão em Planaltina (GO) sob a guarda do pai Paulo César da Costa, que não foi localizado ontem pela reportagem do Correio, mas a sua atual mulher, Maura da Rocha, 22 anos, aceita a possibilidade de criar mais seis crianças junto com os três do casal.

Essa não foi a única denúncia contra Neila registrada no SOS. Em 1995, os vizinhos comunicaram pela primeira vez o abandono das crianças. Em 1996 e 1998, a história se repetiu. Pelo relatório do SOS, Neila sempre deixava as crianças aos cuidados da filha mais velha, L., 14

anos. Ela é faxineira, mas ultimamente não conseguia trabalho: sustentava os filhos com o dinheiro da bolsa-escola.

Segundo a vizinha Erilda de Fátima Siqueira, Neila é uma mulher muito vaidosa, que sempre sai arrumada, mas nunca leva os filhos. "Quem a vê na rua nem acredita que ela mora naquele barraco", conta. "Apesar de receber ajuda dos Vicentinos e dos vizinhos, minha comadre é fria e não reconhece nada que os outros fazem por ela", alega. Até ontem no final da tarde, Neila não tinha sido localizada pela polícia.

MAST (v)

Por que a obra do metrô demora tanto?

Porque os governos do Estado e de BH estiveram fora de sintonia. A política do governo federal de transferência do metrô para o Estado e Município gerou discordâncias. Patrus Ananias considerou

o convênio com a CBTU e os governos anteriores de Minas e de BH como lesivo, por omitir o trecho Calafate-Barreiro e desconsiderar a alternativa do bairro São Paulo até Venda Nova.

ESTADO DE MINAS  
Página 38

21/03/99

GERAIS/ES

# EXPLORAÇÃO

## infantil sai dos canaviais e carvoarias e agora chega ao lar

► *Crianças abandonam a escola e são obrigadas pelos pais a trabalhar. Muitas representam o sustento da casa*

TACYANA ARCE

**N**os últimos quatro anos, a pressão da sociedade sobre os grupos econômicos de risco para o trabalho infantil, como o canavieiro, carvoeiro, tabagista e calçadista, conseguiu amenizar o dramático quadro de exploração da mão-de-obra infantil. A estimativa da Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança é que das 400 mil crianças que em 1994 trabalhavam nos canaviais, restam apenas 20 mil. Em Minas Gerais, 24 indústrias de açúcar e álcool assinaram no início da semana um acordo que impõe sanções a quem utilizar crianças no corte da cana e prevê a erradicação do trabalho infantil no setor até 2000.

Certamente, um grande passo para que o trabalho infantil passe a ser, de vez, uma página virada na história. Entretanto, o

problema pode ter dimensões maiores do que aparenta. Não existem dados precisos sobre quantas crianças trocam a sala de aula pelo trabalho duro, mas sabe-se que a ilegalidade está mais próxima do que parece. "Há um setor muito preocupante que é invisível e por isso não podemos nem mesmo estimar quantas crianças estão inseridas nele: é o setor doméstico", lembra o coordenador do programa Empresa Amiga da Criança da Fundação Abrinq, Caio Magri.

A informação é confirmada pelo delegado Regional do Trabalho, Jorge Machado. "No trabalho fiscalizável, ou seja, onde é possível identificar um empregador, o índice é muito pequeno. Entretanto, não temos poder institucional para entrar dentro das casas e confirmar se há crianças trabalhando no serviço doméstico. O mesmo ocorre na economia informal. Um menino pode es-

tar vendendo chiclete no semáforo ou ser um pedinte. É impossível identificar e atuar um responsável nesses casos", lembra Jorge Machado.

Nem a Fundação Abrinq, nem a Delegacia do Trabalho arriscam dizer quantas crianças deixam a brincadeira de lado para cuidar dos afazeres domésticos enquanto os pais estão fora ou vendem balas nas ruas. Sabem, porém, que a solução para o problema depende mais de uma transformação cultural que de ações punitivas. "A mesma pessoa que vê com horror crianças trabalhando nos canaviais vê com naturalidade a criança trabalhando dentro de casa. Encara isso até como parte da boa formação do indivíduo. É essa mentalidade que deve mudar e para isso é preciso um trabalho muito grande de conscientização", diz o presidente da Fundação Abrinq, Oded Grajew.

Pa. 5. 38  
21/03/99  
Estado de Minas

## A vida como ela ERA

Uma bolsa de R\$ 100,00 durante dois anos mudou a vida de Maura Maria de Araújo, 32 anos, e seus filhos Karla (16), Paulo José (13) e Paulo Henrique (3).

EM - Por que você levou as crianças para trabalharem na rua?

Maura - Porque minha casa caiu em 1992 com as chuvas e levaram a gente para um acampamento muito perigoso, cheio de traficantes. Ela estava começando a ficar mocinha e todo mundo reparava. Resolvi largar o emprego em casa de família. Preferi vender chiclete e bombom na rua, porque assim eles ficavam perto de mim, em segurança.

EM - Foi o cansaço que fez os meninos largarem a escola?

Maura - Foi não. Eu não aguentava mais ver eles chegando em casa chorando. Na fila da merenda os colegas deles falavam assim - deixa os mendigos passarem na frente que eles estão mortos de fome. Era tristeza demais e como a gente já estava esperando uma casa da prefeitura eu falei que era melhor voltar para escola quando a gente tivesse casa e não fosse mais mendigo.

EM - Quando vocês entraram para o programa da Amas a Karla trocou o trabalho na rua pelo trabalho doméstico. Você sabia que isso também é considerado trabalho infantil?

Maura - Nessa época eu já tinha um filho pequeno de um caso que eu arrumei e despachei depois porque ele não queria trabalhar. A Amas me arrumou um emprego de faxineira e eu cresci e hoje sou controle de qualidade. Para eu trabalhar a Karla tinha que cuidar da casa toda. Ela fazia de tudo, mas tinha tempo para estudar. Nunca fui de aproveitar dos meus filhos, fiz o possível, mas na época não dava, a gente tinha que viver.

EM - Como está sua vida agora?

Maura - Parece que eu subi uns dois degraus. O Paulinho está aprendendo mecânica, é o sonho dele. A Karla é muito responsável. Estuda muito, trabalha na BHTrans. Acolhi uma moça de 21 anos que está grávida e ela é que cuida de tudo em casa e do Paulo Henrique, de três anos. A vida da gente agora tem futuro. O neném não vai trabalhar enquanto for criança.



COM A aprovação dos pais, meninos e meninas saem para as ruas da cidade...



...DRIBLAM OS perigos em cada esquina, as aulas na escola e até a infância...



...PARA AJUDAR no orçamento doméstico e trabalham, sem parar, até altas horas da noite

## Criança é exposta nas ruas para sobreviver

O trabalho infantil doméstico e informal foi o alvo de estudos do Programa de Criança - Brincar e Estudar, desenvolvido pela Associação Mineira de Assistência Social (Amas) de dezembro de 1995 a dezembro de 1998, com 500 famílias e 1500 crianças de 7 a 14 anos. O resultado desse trabalho virou um livro que será lançado no próximo dia 25, quando 135 prefeitos mineiros estarão discutindo políticas públicas de saúde e educação, num evento promovido pela Fundação Abrinq.

"Há algum tempo a Amas e a PBII tentavam identificar o que eram crianças com trajetória de rua, vivendo em bandos, e crianças que estavam nas ruas buscando subsídio para casa. Tentamos analisar também qual era o reflexo disso sobre a escola. Nosso objetivo era fazer um programa que não só tirasse as crianças da rua como as levasse de volta para a escola e garantisse a reestruturação das famílias", explica a coordenadora do programa Rosana Scotti.

O início do trabalho foi identificar no Centro da cidade pequenos trabalhadores e através deles chegar até as famílias. Em média, para cada criança trabalhando informalmente na rua foi encontrada uma criança trabalhando em casa, cuidando dos irmãos menores e da casa enquanto a mãe está fora. Quase 40% das crianças estavam fora da escola. "Geralmente eram famílias desestruturadas, mantidas apenas pela mãe", lembra Rosana.

As famílias foram atendidas com uma bolsa de R\$ 100,00, com a condição de manter os filhos nas escolas e em atividades extras em outro período. O mais difícil, segundo a coordenadora, foi conscientizar os pais da seriedade do trabalho infantil. "Percebemos que não basta simplesmente levantar uma bandeira de luta contra o trabalho infantil. Qualquer intervenção tem que necessariamente passar pelo grupo familiar, porque é preciso mudar a mentalidade. Os pais agem assim porque foram trabalhadores. Muitos falam - eu comecei trabalhar cedinho e isso não

me fez mal, aliás tenho que dar graças a Deus".

O problema do trabalho infantil não se encerra apenas na exploração da criança e da inibição do seu desenvolvimento. Como para trabalhar a maioria das crianças abandonava a escola ou ficava muito atrasada nos estudos, com o passar do tempo foram surgindo adolescentes problemáticos, para os quais o caminho mais provável é a marginalidade.

"Aos 15 anos o adolescente não serve mais para o trabalho de rua. Entre comprar um chiclete de uma criança e de um marmanjo, as pessoas preferem a criança. O adolescente, que não consegue voltar para a escola, fica encostado em casa e começa a ser cobrado por isso, afinal lá todo mundo tem que contribuir para a comida. Desse ponto até a marginalidade é um passo pequeno demais", enfatiza Rosana Scotti.



A MÃE sai para trabalhar e Davi, 13, assume a educação de Flaviana, 6



## Por que a obra do metrô demora tanto?

Porque nunca houve continuidade administrativa no andamento do projeto do metrô, o que resultou na falta de planejamento sustentado ao longo do tempo. Imperou a cultura provinciana

vigente no país de não se dar seqüência às obras necessárias e de interesse da população. Foi feito planejamento para o período de 30 anos, um trabalho inútil e de desperdício de dinheiro do contribuinte.

# SPECIAL

Domingo, 21 de março de 1999  
Página 39



## Menor "trabalhador" perde sua fase lúdica

Até onde exigir que uma criança participe das atividades domésticas faz parte da sua boa formação e quando começa a exploração? O limiar é tênue e poucas pessoas percebem a diferença. "Conscientizar os pais foi nosso maior desafio. Eles têm certeza que estão colaborando para a boa formação das crianças. O principal argumento é que sente orgulho do filho tão responsável, da filha tão trabalhadora. Até as crianças acham que é para o bem delas. Uma chegou a dizer que a diretora da escola a via de forma diferente, sempre se referindo a ela como uma boa criança só porque ela trabalha", disse Rosana Scotti.

A coordenadora deixa claro que é importante que as crian-

ças, de todos os níveis sociais, tenham responsabilidades em casa. "Participar do dia-a-dia da casa é muito importante para a criança. Não só é uma forma de brincadeira, porque para a criança tudo é lúdico, como uma forma de socialização muito importante. Ela vê que sua participação é fundamental, começa a se valorizar. O que não pode é esse trabalho ser mais importante que o estudo e que a brincadeira, que influencia na saúde e no desenvolvimento escolar e emocional da criança", alerta Rosana Scotti.

A falsa idéia de estar colaborando para o desenvolvimento e formação da criança através do trabalho doméstico não é exclusividade das pessoas mais humildes ou menos esclarecidas. A professora M.A.R.P. por exemplo, resolveu levar a menor S.A., de 12 anos, para "ajudar a tomar conta" da filha de apenas dois anos. "Ela tinha parado de estudar porque a escola rural ficava muito longe. Aqui ela voltou para a escola e vai ter oportunidade de fazer outros cursos futuramente. O dinheiro que envio para a mãe dela é muito importante e os irmãozinhos menores não vão precisar largar a escola para ir para a roça. Além disso não exijo mais do que ela pode dar", garante.

**AOS 11 anos, Tatiana aparenta ter 8 e reclama de cansaço na escola e dores nas costas, conseqüências do trabalho pesado**

MARCELO SANT'ANHA

PAS. 35

21/03/99

Estado de Minas

## O pequeno Davi não escapa das tarefas do lar

A cachorra em trabalho de parto seria um atrativo para qualquer criança, mas Davi Oliveira Rosa, 13 anos, não presta muita atenção. Ele mora na Vila do Índio, na fronteira entre Pampulha e Venda Nova, e com muitas tarefas em casa, não sobra tempo para a diversão. Tímido, vai respondendo as perguntas da reportagem de olho na irmãzinha Flaviana Oliveira Rosa, 6 anos, por quem é responsável no período da tarde. De manhã a menina fica com Daviana Oliveira Rosa, 9 anos. A mãe, Denise Oliveira Santos, é faxineira. Sai de casa às 6h e só retorna às 16h.

Davi e Daviana dividem as tarefas domésticas. Gostariam de estudar no mesmo turno, mas não podem por causa de Flaviana, que não foi sorteada na única escola infantil pública da região. O próprio Davi não aceita a idéia da irmãzinha ficar com outra pessoa.

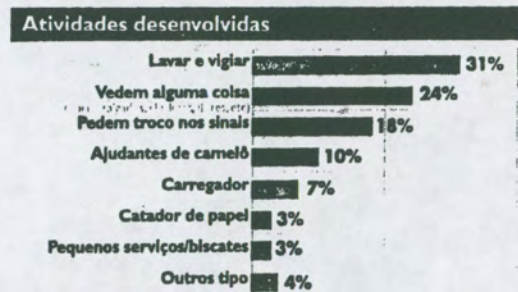
"Prefiro que ela fique comigo porque assim a gente sabe como ela está sendo criada. Eu fico preocupado é porque ela deveria ir para escola, para aprender, mas não me incomodo de ficar com ela. Acho que todo mundo deve ajudar em casa. Depois das 17h eu brinco e à noite faço dever de casa. Todo mundo tem que fazer seu sacrifício", diz. Para substituir a escola, Davi ainda ensina o bê-á-bá para Flaviana, usando pequenas fichas que a mãe trouxe do trabalho.

Três barracões à frente, é também uma criança que cuida da casa e dos seis irmãos para que os pais trabalhem. Tatiana Sales Silva, 11 anos, é menos resignada que Davi, embora faça as tarefas sem reclamar. Muito pequena para a idade, Tatiana cozinha, lava, arruma a casa, cuida até do bebê de três anos. "Fico um pouco cansada na escola, tenho um pouco de dor nas costas mas na minha sala também tem outras pessoas que ajudam em casa", diz.

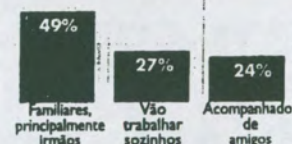
A realidade das duas casas repete-se em outros barracões da vila e ninguém estranha ou considera exploração de crianças. "O estatuto da criança é muito bonito, mas a sociedade não cria condições para que ele seja posto em prática. Nenhum pai aqui quer explorar seus filhos, mas não vão ter o que comer se as crianças não se encarregarem da casa. Aliás, preparar as meninas desde cedo para o trabalho doméstico é uma forma de garantir o futuro delas. Melhor ser doméstica que passar fome. Aqui aparece gente atrás de meninas novas para o serviço doméstico e elas recebem muito pouco ou nada", diz a líder comunitária Berenice Araújo.

### Vida dura

Situação das crianças em dezembro de 1995, início do Programa de Criança



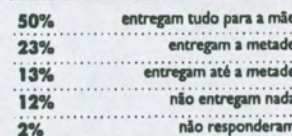
### Com quem as crianças vão para a rua trabalhar



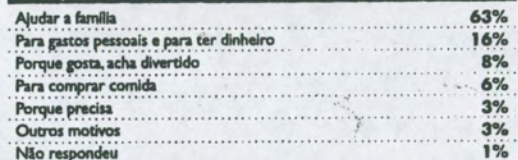
### O ganho diário



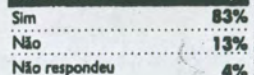
### Dinheiro importante em casa



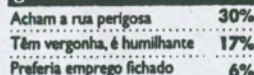
### Por que as crianças trabalham



### Gostam de trabalhar?



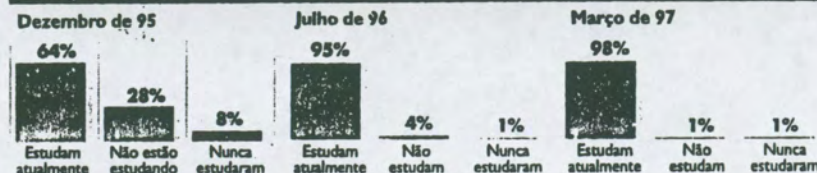
### Porque as crianças não gostam de trabalho



### Volta por cima

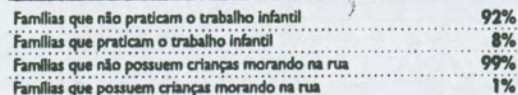
Resultados do Programa de Criança, depois de 2,5 anos de intervenção

#### Situação escolar

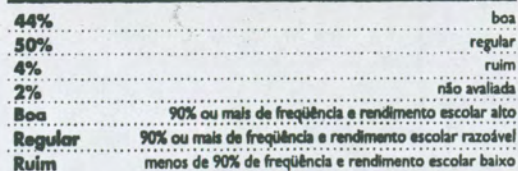


\* Em 96, ainda no início do programa, e a provável que os índices de frequência fossem inferiores aos de matrícula. Em 1997, o controle da frequência já era exigência do programa.

#### Situação familiar



#### Avaliação escolar



## A vida como ela É

O drama de Maria Argentina Costa, 38 anos, e seus sete filhos. Uma das filhas sonha em dar aulas, mas é preparada para ser doméstica.

EM - Quando a senhora sai para trabalhar quem cuida da casa?

Tina - Os meninos mesmo, principalmente a Tatiana, que tem 11 anos. Ela é uma dona de casa perfeita, sabe fazer de tudo e cozinha muito bem. Ela cuida dos meninos também.

EM - Isso não atrapalha na escola?

Tina - Só um dos meninos já tomou bomba, a Tatiana é boa aluna.

EM - A Tatiana não é muito novinha e pequena para tanto trabalho?

Tina - Prefiro saber que ela está trabalhando em casa que ela ficar na rua. Isso aqui é muito perigoso e ela pode aprender coisa ruim. Além disso não tenho conforto de pagar alguém para cuidar dos meninos para eu trabalhar.

EM - A senhora sabe que isso é considerado trabalho infantil e que é crime?

Tina - Mas é só uma ajuda que ela dá, não estou explorando ela não. Melhor que eu mandar ela trabalhar na casa dos outros.

EM - Qual é o futuro que a senhora sonha para ela?

Tina - Ela fala que quer ser professora, mas não sei se vai dar. É claro que se eu tivesse dinheiro, além da escola ela fazia outros cursos, mas não tenho condições. Se não der para ela ser professora pelo menos ela pode ser faxineira porque ela sabe fazer isso muito bem.

EM - Estou precisando de uma menina para me ajudar em casa, ela pode estudar a noite. A senhora deixa ela ir comigo?

Tina - Uai... pode sim, ela já sabe fazer tudo.

EM - Não precisa ficar assustada assim, Tatiana. É mentira, não vim contratar uma criança.

Tatiana - Graças a Deus!

Veículo: meio norte

Página: C-1

Data: 24 / 3 / 99

Cidade: Teresina / PI

Rep.  Art

Denúncia

Busca de Sentença

Políticas Públicas

AV Direto

Re: V

Ass: de Long

Fotos: Kleiton Machado / 29.03.99

### MENORES

*Crianças vivem em clima de terror promovido pelos próprios pais. Uma menina de 7 anos foi estuprada e um garoto de 4 ficou horas desmaiado por ter sido espancado pela mãe com uma panela de pressão*



**DEFESA** / Mesmo sob todas as denúncias feitas pelos vizinhos, Rosalina e Bernardo dizem que não violentam os filhos.

# Infância de abusos e violências



TÂNIA MARTINS  
PARA CIDADE

Cinco crianças com idade entre 7 anos a 7 meses foram levadas ontem à presença do juiz de menores de Teresina, Luiz Fortes do Rêgo, para que ele mesmo constataste os maus tratos a que são submetidas pela mãe, Rosalina Gomes da Silva, 23 anos e pelo pai, Bernardo da Silva, 31 anos. Na presença do juiz, a menor J., de 7 anos, que é filha somente de Rosalina, confirmou que apanha muito e que já foi estuprada por Bernardo.

As crianças estavam acompanhadas por membros do Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente e por seis mães da comunidade Alegria, onde mora a família. Uma criança de 8 anos, amiga de J., também foi levada à presença do juiz para confirmar o estupro. Para ele, a amiga contou que Bernardo estuprou J. numa pedreira onde trabalhava e tudo ocorreu quando ela foi levar-lhe o almoço. Segundo a menina, Bernardo aproveitou que não havia ninguém no lugar e consumou a violência. "Ela perdeu muito sangue e ele secou ela com um pano que depois enterrou e cobriu o lugar com uma pedra", garantiu a amiga de J.

Segundo a mãe, a menina foi obrigada a contar essa mentira. Mas, tão logo Rosalina se afastou da equipe de reportagem, a garota confirmou o fato. J., que é muito raquítica, tem muito medo, principalmente da mãe. As vizinhas contam que a menina sofre demais. "Ela é quem faz tudo dentro da casa". "É ela quem faz a comida, quem olha os irmãos menores, quem lava a roupa e é espancada por qualquer motivo. Eu já presenciei ela chorando levando um tambor de lixo para jogar no mato às 8 da noite numa chuva muito forte. É ela quem tem que levar os irmãos para a creche que fica há um quilômetro da casa deles. É também ela quem liga a energia de casa todos os dias emendando um fio no outro. A mãe e o padrasto não ligam porque têm medo de

levar um choque". Essas, entre outras, foram as denúncias envolvendo J. que as vizinhas do casal contaram ao juiz.

Em relação às outras quatro crianças, os maus tratos se multiplicam. Segundo as mulheres, o garoto J., de 4 anos, que nunca foi levado para cortar os cabelos, há alguns dias sofreu uma violência de estarrecer. Sua mãe o atacou com uma panela de pressão na cabeça, o garoto desmaiou e lá ficou até que se recuperasse sozinho. Crueldades também são cometidas até com os bebês de dois anos e o de sete meses. "Eles choram muito de fome e ela nem liga", disse uma das mães. "Quase todos os dias a menina de sete meses fica até três horas dentro de uma bacia de pneu cheia d'água", contou outra vizinha, acrescentando que os meninos são ensinados a não chorar, sob pena de apanharem em dobro.

Ao sair da audiência com o juiz e aparentando calma, Rosalina confirmou que bate nos filhos, mas garante que não é como contam as vizinhas. Já em casa e completamente descontrolada, Rosalina gritava, prometendo se vingar de quem a denunciou. "Eu vou matar essas vagabundas que deram parte de mim", bradava alto e bom som. Em menino a gente tem que bater mesmo que é para aprender", disse. Já Bernardo Silva, desempregado e visivelmente embriagado e drogado, confirmou que Rosalina bate nas crianças. "Às vezes, quando ela bate muito, eu sou obrigado a meter a mão nela", afirmou Bernardo. Ele jura que nunca praticou nenhum mal para J. e que a trata como se fosse uma filha sua.

Já as vizinhas também contaram que ele, embora seja menos violento que a mãe, costuma espancar a garotada. "Ele tem uma espingarda que vive apontando para os filhos e diz que qualquer dia mata um deles", afirmou uma das denunciantes. Bernardo confirmou e até mostrou a espingarda mas garante que ela é usada somente para caçadas. "Não gosto de quem me dá pressão. Meus filhos eu crio do meu jeito", disse.



EXPLORAÇÃO / Menor J. de 7 anos realiza serviços domésticos e ainda cuida dos irmãos

## VIZINHOS REVOLTADOS DENUNCIAM OS PAIS

As histórias de maus tratos praticados por Rosalina e Bernardo são conhecidas de toda a comunidade que está revoltada com a ação dos pais. Homens, mulheres e crianças falaram que ambos são violentos com as crianças. "Não aguentávamos mais ver tanta violência e por isso resolvemos denunciar", disse um senhor, que não quis ser identificado porque teme Bernardo. "Contam que ele é foragido da polícia de Parnaíba", disse. Um outro senhor, que também não quis ser identificado, disse que Rosalina sequer leva os bebês pequenos para a creche. "Quando ela leva, não vai buscar e as crianças ficam lá até que passa uma pessoa da comunidade e traz, com pena".

O juiz Luiz Fortes do Rêgo, depois de ouvir todas as testemunhas, liberou a mãe e as crianças e enviou uma correspondência a Bernardo para que ele comparecesse ao juizado. "Preciso ouvir o pai antes de tomar uma decisão. Ele está desempregado e é meu dever ouvi-lo antes de abrir o processo", disse o juiz. Já os membros do Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente, que acompanharam a família ao juizado, também confirmam os maus tratos, afirmando que acompanham o caso desde dezembro passado. "Precisavam de muitos elementos para trazer ao juiz", disse o conselheiro Francisco Junior. (T.M)

# Trabalho infantil ainda é regra no Maranhão

**A** lei proíbe trabalho de crianças e adolescentes com menos de 14 anos. A realidade nas ruas de São Luís é outra. O Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), que determina que cabe ao poder público assegurar a todos estes jovens cidadão o direito à vida, saúde, educação e lazer, não vem sendo cumprido e muitas crianças trabalham na informalidade para complementar a renda familiar em São Luís.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) revela a existência de 250 milhões de crianças, entre 5 e 14 anos, trabalhando em todo mundo. No Brasil, os dados disponíveis pela Fundação das Nações Unidas para a Infância (Unicef), no relatório "A Infância Brasileira nos anos 90", mostra que em 1995 havia 522 mil crianças trabalhando no país.

Em São Luís os números não estão disponíveis. Fazer um levantamento que mostre a quantidade de menores que já estão trabalhando é, segundo a assistente social do Centro de Defesa da Criança e Adolescente Pe, Marcos Passarine, Adriana Raquel, uma tarefa complicada. "Realizar uma pesquisa como esta demanda um longo tempo e recursos financeiros não disponíveis pelo Centro e por outras entidades", afirma.

A Pastoral do Menor (Pamem), estima que existam na capital aproximadamente dois mil meninos e meninas exercendo alguma tipo de atividade. A Se-



Pelo menos duas mil crianças trabalham em São Luís, em atividades nem sempre compatíveis com seu físico

cretária Regional da Pamem, Eliane Vera Cruz, acredita, no entanto que esse número é apenas a ponta do iceberg. "A prefeitura fez esse levantamento no ano passado, mas acreditamos, inclusive outras entidades também tem a mesma opinião, que existem mais crianças trabalhando", declara.

A estrutura do mercado de trabalho, a deficiência de ofertas de bens e serviços sociais, a pobreza, o mito de que o trabalho é formador de bom caráter e o agravamento da crise financei-

ra são as principais causas do trabalho infantil. "Com essa crise financeira está havendo uma inversão de papéis. A criança está indo para a rua para conseguir dinheiro, porque é mais fácil você dar um real para uma criança do que para um adulto", analisa a Conselheira Tutelar, Suely Bastos. Quanto menor é o nível de escolaridade dos pais, maior a participação dos filhos no trabalho. Outro aspecto que contribui para a inclusão das crianças no mercado de trabalho, é a informalidade de algu-

mas atividades, como a pesca, agricultura, extrativismo e assalariado informal.

Para as entidades que lidam com o trabalho infantil o principal desafio é desmistificar o trabalho como sendo a melhor forma de educar os menores. "Mostrar para esses pais que o melhor lugar para os seus filhos é na escola, não é uma tarefa fácil. Já que eles também nessa época ouviram as mesmas coisas de seus pais. Essa tarefa torna o nosso trabalho mais delicado", afirma Adriana Raquel.

## CLT reduziu trabalho de menores

O trabalho infantil infelizmente é um fato muito antigo em nossa sociedade. Em 1920, contavam-se aproximadamente 30 mil crianças e adolescentes no mercado de trabalho. Trinta anos depois, são 180 mil trabalhadores infantis.

Com a Consolidação das Leis

de Trabalho (CLT), que estipulou restrições ao trabalho infantil, como a proibição da entrada de menores de 14 anos no mercado, houve uma redução da participação da exploração do trabalho infantil. Mesmo assim, os casos ainda acontecem, como pode ser facilmente comprovado hoje.

## Criança é mão-de-obra barata

Os menores exercem as mais variadas atividades, nos centros urbanos ou no campo. Do trabalho pesado à atitude de pedinte, eles podem ser vistos vendendo jornais, picolé, bombons, engraxando sapatos, limpando pára-brisa de carros, pedindo esmolas nos ônibus ou nas lavouras de cana-de-açúcar e carvoarias no interior do Estado.

A mão de obra é extremamente barata, muitas crianças não chegam a receber nem meio salário mínimo mensalmente. Como é o caso dos menores P.D.J., 13 anos e D.C.S., 14.

Como limpadores de pára-brisa de carros no cruzamento da avenida dos Franceses, onde o semáforo abre passagem para a ponte Newton Belo, cada um chega a ganhar R\$ 5,00 nos melhores dias de trabalho. Durante os dias de chuvas ninguém sai de casa para trabalhar. "É perda de tempo vir para o retorno quando está chovendo. O jeito é arranjar outro serviço em

casa", comenta D.C.S.

Há três anos os meninos cumprem a mesma rotina. Saem de casa, no bairro da Vila Embratel, às 6:30 da manhã e de carona chegam até o retorno. Munidos de esponjas, rodo, sabão e flanelas, eles limpam vidros durante todo o dia. Ao chegar em casa, dividem o dinheiro meio a meio com a família. "A metade do dinheiro nós gastamos com lanche, a outra metade cada um reparte com sua família", garante, P.D.J.

### LONGE DA ESCOLA

Uma das questões mais sérias do trabalho infantil é o fato das crianças não frequentarem a escola. Quem ainda consegue conciliar aulas e jornadas de trabalho admite que a tarefa é quase impossível. "A criança que trabalha no sol durante toda manhã, quando chega em casa ao meio dia quer dormir, mas precisa ir ao colégio. Ela vai para sala de aula e não consegue se concentrar", relata Eliane Vera Cruz.

## Pastoral denuncia trabalho escravo

A Pastoral do menor denuncia que muitas crianças trabalham em regime de escravidão nas lavouras de cana-de-açúcar em Carolina, no plantio de soja em Balsas e nas carvoarias de Açailândia e Timom.

O levantamento feito pela entidade revela que cerca de mil menores vivem com suas famílias em regime de escravidão ou semi-escravidão. "A sociedade tem que entender que a escravidão hoje não é como era antes. Quando o patrão não dá condições de trabalho adequadas, nem alternativas para essas famílias a não ser usarem a seus filhos como mão de obra, também é caracterizado trabalho escravo", afirma.

A omissão e conivência do governo em relação a estes casos; segundo a Eliane Vera Cruz, só piora a situação. "Sem condições de oferecer a essas famílias outras alternativas que não seja

utilizar o trabalho de seus filhos, inviabiliza muitas vezes, o nosso trabalho. Quando não podemos oferecer uma solução imediata para o problema, a criança continua sendo escravizada", lamenta.

Eliane denuncia que 500 meninas vivem como escravas em São Luís. Trazidas do campo para a capital, estas garotas são retiradas de suas casas, por conhecidos da família, que prometem dar moradia, alimentação e educação em troca de pequenos serviços domésticos.

Quando chegam em São Luís, essas garotas sofrem violências físicas e têm uma jornada de trabalho extenuante. "Quando recebemos este tipo de denúncia, nós retiramos a menina desta casa, comunicamos os pais e enviamos o caso ao Ministério Público, para que ele possa tomar as providências cabíveis", explica Eliane Vera Cruz.



Depois de ser sorteado pelo bolsa-escola, Jeflei melhorou de vida

## A sorte de uma vida melhor

Com uma vida semelhante a de milhares crianças que trabalham para ajudar o orçamento familiar, o garoto Jeflei Araújo Dias, 11 anos, teve uma ajuda da sorte para mudar sua vida. Com um sorteio realizado pelo Ciep, escola na qual estuda, o jovem J.A.D conseguiu fazer parte do programa bolsa-escola mantido pela Prefeitura.

A família passou a receber um salário mínimo para que J.A.D e seu irmão frequentem regularmente a escola. O pai dos garotos, Josemar Dias, 32 anos, desempregado há três, afirma que bolsa essa ajuda é fundamental para a sobrevivência de todos.

"Os meninos trabalhavam comigo quando eu era camelô na rua Grande. Se não existisse essa ajuda ele estariam na rua trabalhando. Mesmo com dois meses

de atraso temos a certeza que vamos receber esse dinheiro", comenta.

Josemar Dias confessa que nem ele, nem a esposa, Maria Araújo, sabiam da existência da bolsa escola. Somente quando o filho chegou em casa com o comunicado da escola, eles acreditaram na notícia. "Sem dúvida nenhuma, uma das melhores notícias que recebemos nestes últimos anos foi saber que iríamos receber a bolsa escola", confessa.

O dinheiro da bolsa escola é somado ao salário de Maria Araújo, que trabalha como ajudante de cozinha em um restaurante. "Com esse dinheiro compramos comida, fardas e material escolar dos garotos. Não é muito, mas é bem melhor do que eles estarem fora da escola", declara.

## Projeto devolve 3 mil para a escola

Implantado pela Fundação Municipal da Criança e Assistência Social (Fumacs) em janeiro de 98, o projeto bolsa escola auxilia famílias carentes cujos filhos se encontram em situação de risco. Os casos de denúncia de trabalho infantil são encaminhados, pelas entidades que lidam com menores, para o projeto e as assistentes sociais fazem a seleção de cada caso.

Atualmente 800 famílias estão recebendo um salário mínimo para manter seus filhos na

escola. "O ideal seria se atendessemos 20 mil famílias. Este é nosso sonho, mas por enquanto trabalhamos com 3 mil crianças", declara a coordenadora do programa de assistência a família, Marly Lemos.

Segundo a coordenadora, uma das preocupações do projeto é fazer com que estas famílias tenham o mínimo de independência, para que seus filhos não voltem a trabalhar quando deixarem de fazer parte do programa.



ANDI

28/3/1995

pg.

Correio Braziliense  
Brasília - DF

Garotas já foram empregadas domésticas, escondem a idade, têm medo da violência e cobram mais barato dos amigos

## Por dinheiro, elas sempre dizem sim

Para elas, sexo é um vício e fonte de dinheiro fácil, com camisa, claro. Na semana passada, a Delegacia de Costumes e Diversões Públicas (DCDP) recolheu três garotas que estavam se prostituindo em baixo do viaduto, na via que liga o Guará ao Núcleo Bandeirante. A batida policial foi feita às 15h. Duas delas moram em Formosa e vêm a Brasília quase todos os dias para fazer programa. A outra abandonou a família e divide apartamento no Distrito Federal com uma garota de programa.

A morena J.B.M. 13 anos, começou a fazer programas com os amigos, na sua cidade, onde mora com a família. "Eram homens casados", diz. Há cerca de um mês, ela vem com uma amiga para Brasília "fazer ponto". "A gente sai de casa às 10h e volta às 18h. Digo para a minha mãe que vou para visitar algumas colegas. Se ela souber de alguma coisa, me deserdá", conta.

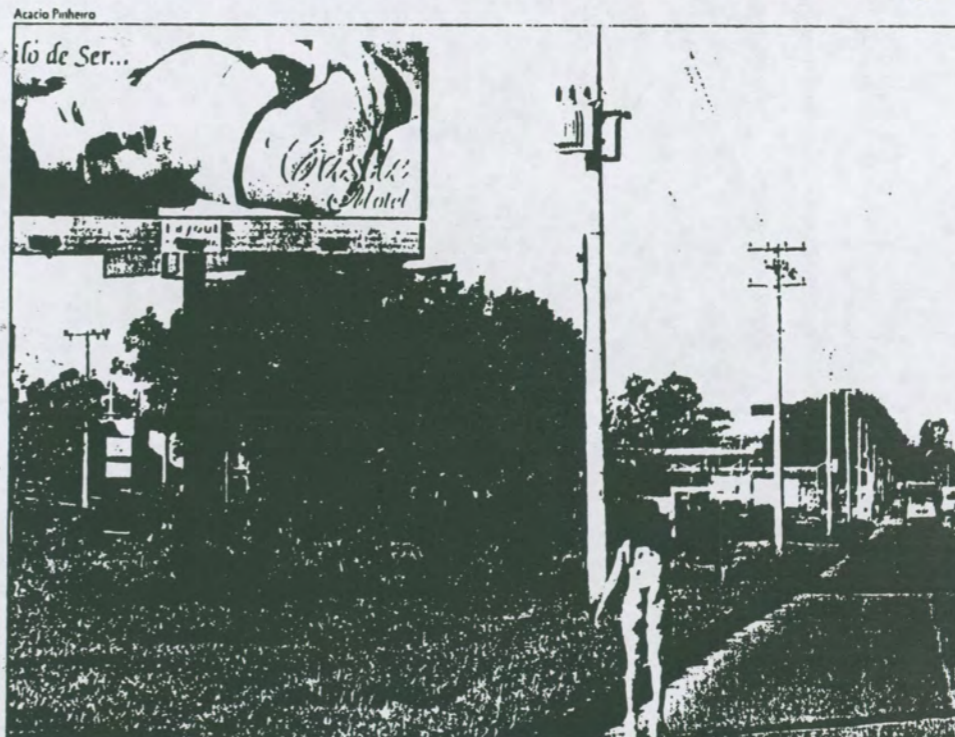
Ela diz que começou *na vida* "porque estava precisando de dinheiro. Queria ter minha grana". E o que faz com ela? "Compro chocolate, bala, pizza, refrigerante, sanduíche, cerveja", enumera. Um programa básico, como elas mesmas dizem, pode sair até por R\$ 40,00. "

Mas a gente aceita R\$ 30,00. Para os amigos, fazia por R\$ 20,00".

Para os clientes, a idade é sempre escondida, com medo que o programa seja cancelado. "Digo que tenho 18". A profissão não agrada, mas a 'necessidade' do dinheiro não a deixa abandoná-la. "É que nem um vício. Faz a primeira, segunda e terceira vez e não pára mais. Quando fica sem dinheiro, pensa em voltar para conseguir de novo".

Nos sonhos da garota, vestida com um microblusa preta e uma calça colada ao corpo, está o de ser contadora. "Acho que é uma boa profissão", opina. "Não quero casar na igreja porque é feio, nem ter filhos. Dá muito trabalho.

O ressentimento da profissão vem quando ela lembra dos antigos namorados. "É muito diferente. A gente pensa que não está fazendo aquilo por amor, mas é pelo dinheiro". Quando se fala em virgindade, ela responde prontamente: "Perdi no dia 25 de setembro. Foi com uma pessoa que eu gostava muito". Nos finais de semana, a garota que demonstra charme e trejeitos de mulher nas rodovias veste o uniforme e faz o que mais gosta: jo-



Na estrada que liga a Candangolândia ao Riacho Fundo, as garotas fazem ponto durante o dia: começo com os amigos

gar futebol. No campo, ela é zagueira. Mas o seu ídolo é o atacante Romário, do Flamengo.

A prostituição começou para E.S.I., 17 anos, em uma carona para visitar a sua mãe, em Planaltina, no início deste ano. "O cara nos ofereceu R\$ 60,00 pelo programa. Resolvemos aceitar", conta. Atualmente, E. chega a fazer seis programas por dia. "Dá para tirar 2 mil por mês". Antes de 'tentar a vida nas ruas', ela já foi doméstica e ganhava R\$ 60,00. Com o dinheiro da prostituição, já equipou a casa com freezer, geladeira e aparelho de som.

A próxima meta é comprar uma moto. "Quando fizer isso, vou voltar para o meu marido". Ela casou aos 14 anos e está separada há um ano. "Se ele souber como estou ganhando a vida, ele não vai me querer mais".

A lembrança do marido a acompanha durante o trabalho. "Tenho raiva de mim mesma porque comecei nesta vida. Sempre fico me xingando e lembrando de quem eu gosto".

Há um ano, M.L.T., 17 anos, trocou a profissão de doméstica para viver como garota de programa. "Só vim para a pista porque não ar-

rumei mais emprego. Quando o mercado está bom, dá para tirar R\$ 1 mil". A profissão, segundo ela, é ingrata. "Quando estou na cama com alguém, sinto nojo. Fico ali parecendo um robô. Os homens mais velhos são melhores, porque são mais rápidos", conta.

Se pudesse voltar atrás, M. jura que teria seguido outro caminho. "Teria estudado. Quero ser advogada. Todo dia eu rezo para que não aconteça nada comigo", diz. Ela diz nunca foi violentada, mas já levou dois cheques sem fundo de clientes. (CL)



## *Garotas já foram*

"A GENTE SAI DE CASA ÀS 10H E VOLTA ÀS 18H. DIGO PARA A MINHA MÃE QUE VOU PARA VISITAR ALGUMAS COLEGAS. SE ELA SOUBER DE ALGUMA COISA, ME DESERDA"

"É QUE NEM UM VÍCIO. FAZ A PRIMEIRA, SEGUNDA E TERCEIRA VEZ E NÃO PÁRA MAIS. QUANDO FICA SEM DINHEIRO, PENSA EM VOLTAR PARA CONSEGUIR DE NOVO"

**J.B.M., 13 anos**

"SÓ VIM PARA A PISTA PORQUE NÃO ARRUMEI MAIS EMPREGO. QUANDO O MERCADO ESTÁ BOM, DÁ PARA TIRAR R\$ 1 MIL"

"TERIA ESTUDADO. QUERO SER ADVOGADA. TODO DIA EU REZO PARA QUE NÃO ACONTEÇA NADA COMIGO"

"QUANDO ESTOU NA CAMA COM ALGUÉM, SINTO NOJO. FICO ALI PARECENDO UM ROBÔ. OS HOMENS MAIS VELHOS SÃO MELHORES, PORQUE SÃO MAIS RÁPIDOS"

**M.T.L., 17 anos**

"TENHO RAIVA DE MIM MESMA PORQUE COMECEI NESTA VIDA.

SEMPRE FICO ME RINGANDO E LEMBRANDO DE QUEM EU GOSTO"

**E.S.E., 17 anos**

## VIOLÊNCIA

# Um corte no pescoço mata doméstica em Sobradinho

A farra da noite de Quinta-feira Santa foi a última para a empregada doméstica Eronice Castro Cunha, de 17 anos. Cliente conhecida nos bares que abastecem os moradores dos condomínios residenciais do Núcleo Rural Sobradinho II, a moça foi deixada morta a aproximadamente trezentos metros de onde foi vista pela última vez, enquanto bebia e divertia-se com uma turma.

A piauiense que há três anos morava em Brasília não resistiu a um corte profundo no pescoço — provavelmente provocado por faca — que rasgou sua veia jugular. Além dessa lesão, Eronice tinha perfurações no abdômen e na boca. Ferimentos nos dedos e na mão esquerda provam que ela reagiu ao ataque, tentou defender-se das agressões e que lutou para não morrer.

O pouco sangue misturado com a poeira de uma estrada de terra indica que o corpo foi abandonado poucas horas depois do assassinato. "Acho que isso foi uma desova, que alguém cometeu o crime e veio aqui para abandonar o cadáver", comenta o perito criminal aposentado, Javahé Deckers, de 53 anos. Dono na chácara vizinha ao lugar onde Eronice foi deixada, ele disse que não ouviu barulhos estranhos durante a noite de quinta e madrugada de sexta-feira.

O caminho sem asfalto serve aos moradores de chácaras que querem chegar aos bares e lojas mais próximos das suas casas. "O movimento é grande, os cachorros latem muitas vezes, mas nem sempre a gente vem olhar o que é", comenta o ex-policia civil. Deckers conta que passou a noite sem perceber nada estranho numa casa distante 25 metros de onde o corpo de Eronice foi encontrado, protegido por três cães de guarda.

Veículo: C. Braziliense

Página: c-6

Data: 3 / 4 / 99

Cidade: Brasilia / DF

R: Violência

Sub: RFA (V)

Busca de Soluções

Denúncia

POLÍTIAS PÚBLICAS

Direto

Indireto

Rep.  Art.  Ed.

1- RECONHECIMENTO

2- a também empregada doméstica  
3- Ana Alice Castro Cunha, de 20 anos,  
4- vive na região e foi reconhecer o  
5- cadáver da irmã. O último encontro  
6- das duas foi depois de oito dias que  
7- elas tinham se visto pela última vez.  
8- "Ela andava com um tipo de gente  
9- com quem não é bom andar, um  
10- povo que usa droga", disse sobre a  
11- morta, que era a terceira de uma  
12- família de quatro filhos. Conforme  
13- Ana Alice, Eronice morava nos en-  
14- dereços onde conseguia trabalho.  
15- "Como estava desempregada, ela  
16- dividia com um amigo, há pouco  
17- mais de um mês, um quarto num  
18- barraco das vizinhanças."

19- O comerciante Manoel Agostinho,  
20- de 36 anos, lembra-se de ter atendido  
21- Eronice na noite de quinta-feira no  
22- bar que abriu há seis meses. "Ela era  
23- minha cliente nos fins de semana,  
24- tomava tudo, cerveja e cachaça,  
25- gostava", conta. "Depois ficava brin-  
26- cando de sinuca e conversando."  
27- Quando baixou as portas às 22h de  
28- anteontem, a moça estava entre as  
29- pessoas que atenderam o seu pedido  
30- para desocuparem as mesas. "Não  
31- sei se ela estava só, tinha muita gente  
32- e 90% das pessoas não eram conheci-  
33- das minhas."

34- Mas era cedo para a véspera de fe-  
35- riado acabar. "Ouvi o pessoal falan-  
36- do que ela saiu do meu bar e foi para  
37- outro", diz Agostinho. Na última vez  
38- que viu Eronice, o comerciante no-  
39- tou que ela estava fora do seu estado  
40- normal. "Às 22h, quando saiu, a  
41- moça estava *tomada*, mas ainda não  
42- estava muito bêbada." Uma equipe  
43- de investigadores da Delegacia de  
44- Sobradinho, a 13ª DP, tenta desco-  
45- brir o que aconteceu daí em diante  
46- para chegar aos responsáveis pelo  
47- assassinato. "Tudo indica que foi  
48- um homicídio, que não houve in-  
49- tenção de roubar", supõe o delega-  
50- do plantonista Rogério Borges.

51- Distante oitocentos metros do cor-  
52- po de Eronice, policiais militares en-  
53- contraram o Monza JDF 6727, do Dis-  
54- trito Federal. O carro foi roubado na  
55- noite de quinta-feira na Asa Sul e  
56- abandonado à beira da DF-435. Essa  
57- rodovia, cercada por condomínios  
58- que cresceram à revelia do poder  
59- público está às escuras apesar dos  
60- postes de iluminação que acompan-  
61- ham seu trajeto. As lâmpadas e lus-  
62- tres que fica a quase 10 metros de al-  
63- tura estão quebradas. "A coisa aqui é  
64- feia e piora a cada dia", diz a produ-  
65- tora rural Mônica Aniani, de 33 anos,  
66- que há oito mora na região.

Correlio BRASILIENSE

03/04/89

# Empregada confirma tortura de patroa em depoimento ao MP

Adolescente disse à promotora que sofreu agressões e humilhações e sonha reencontrar família

A promotora Maria José Alves, do 1º Centro de Apoio Operacional do Núcleo da Criança e Adolescente, acompanhada da representante do Conselho Tutelar de Maceió, Rita de Cássia Lima, ouviu ontem, no Hospital de Pronto-Socorro, o depoimento da menor Joelma Maria da Silva, espancada pela patroa Lenice Ferreira de Lima, quando trabalhava em sua residência. A menor estava há um mês internada no HPS.

Segundo a promotora, Joelma não foi ouvida antes porque estava muito deprimida e, em consequência dos ferimentos, encontrava-se debilitada. Há três dias Joelma Silva recebeu alta do hospital e será transferida hoje (10) para a casa de seu pai, no povoado de Pato Branco, próximo a Xexéu, em Pernambuco.

Apesar dos maus-tratos que sofreu, Joelma Maria teve uma recuperação rápida, ganhou alguns quilos e mostrou-se satisfeita com a notícia de que irá reencontrar sua família que, por motivos financeiros, não teve condições de acompanhar seu tratamento no HPS. Ela irá para sua cidade acompanhada de um representante do Conselho Tutelar de Maceió. O prefeito de Xexéu garantiu que irá acompanhar o tratamento da menina e a mesma receberá os cuidados de uma psicóloga.

A história de Joelma foi iniciada quando seus pais, por falta de condições, encaminharam-na para trabalhar como doméstica na casa de uma senhora de nome Rosa, em Palmares - PE. No local conheceu Lenice Ferreira e foi incentivada a trabalhar em sua casa no bairro do Bom Parto. Ao chegar na residência foi muito humilhada e passou a ser espancada diariamente, além de viver trancada no banheiro. Para que a situação não fosse descoberta, a doméstica tratava dos ferimentos.

O caso foi descoberto pelo ex-companheiro de Lenice. Além de ferida a menor estava muito desnutrida. Para justificar sua atitude a dona de casa alegou estar abalada com a sua separação.

R: *Amoi*

*sub-mau-tratos (V)*

Placa de Soluções

*Amoi*

*Amoi*



## Empresas começam a contratar adolescentes carentes em Goiânia

A dificuldade de encontrar uma colocação no mercado de trabalho torna-se ainda maior quando trata-se do primeiro emprego e o candidato é adolescente com idade entre 16 e 18 anos. As empresas exigem experiência comprovada de pessoas jovens e qualificação profissional de quem ainda está na escola. O setor de Atendimento ao Trabalhador Juvenil, que integra a Unidade de Atendimento ao Trabalhador (UAT) da Fundação Municipal de Desenvolvimento Comunitário (Fumdec), está capacitando adolescentes de famílias carentes de Goiânia, ao mesmo tempo em que pretende firmar convênios com empresas e órgãos para encaminhar esses jovens trabalhadores.

O secretário executivo do UAT - unidade que está funcionando

desde janeiro último na rua Jaraguá nº 508, Setor Campinas -, Bruno Fleury, explica que o objetivo é intermediar a contratação de mão-de-obra de adolescentes, oferecendo aos empresários e aos órgãos do governo jovens formados em cursos do Programa Trabalhando com as Mãos e ainda adolescentes cadastrados, oriundos de famílias com renda inferior a dois salários mínimos (R\$ 260,00), que estejam estudando.

Os garotos atendidos pelo Programa Trabalhando com as Mãos são preparados para atuar nas áreas de panificação, serralheria, jardinagem, confeitaria e produção de quitandas e decoração. Os demais cadastrados serão encaminhados de acordo com a demanda do mercado.

Foram contactadas entidades

de classe como os Conselhos Regionais de Administração, Engenharia e Arquitetura e Contabilidade; os sindicatos das Indústrias de Panificação (Sindipão), da Habitação (Secovi), dos Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares (Sindhorbs); Metrobus, secretarias municipais da Educação e de Finanças; além de empresas privadas, como MacDonald's, Empório dos Pães, Cromat e Belcar Veículos. Hoje, a Fumdec assinará 12 convênios e termos de cooperação com empresas, entidades e órgãos governamentais.

"Hoje já temos cerca de 500 adolescentes empregados através desse trabalho de intermediação de mão-de-obra. Pretendemos, porém, colocar até o final do ano outros 500 jovens", informa Bruno Fleury.

## Jovens querem ajudar famílias

Os adolescentes inscritos no setor de Atendimento ao Trabalhador Juvenil da Unidade de Atendimento do Trabalhador (UAT) da Fumdec têm um traço em comum: todos pretendem arranjar um trabalho com o objetivo de contribuir para o reforço do orçamento familiar. O avanço do desemprego deixa pais e mães de famílias carentes sem perspectiva de melhoria de vida. Sem poder conseguir um emprego de carteira assinada, muitos jovens começam cedo a atuar na economia informal, abandonam a escola e vão perpetuar a condição de subemprego vivida pelos pais. A Fumdec pretende romper esse círculo vicioso através do trabalho de intermediação de mão-de-obra juvenil.

Marcelo Bueno Souza, 16 anos, mora em uma casa simples no Jardim Nova Esperança com a mãe, o padrasto desempregado e mais dois irmãos. Já trabalhou numa marcenaria sem carteira assinada e, enquanto espera uma chance proporcionada pela Fumdec, começou provisoriamente a trabalhar à noite num pit dog do bairro. Aluno da 8ª série na escola municipal Rubinho Martins de Azevedo, Marcelo diz que precisa trabalhar para contribuir com a renda da família e ter seu próprio dinheiro para despesas pessoais.



Diomício Gomes



Sebastião Nogueira

Marcelo Bueno e Ana Lúcia: oportunidade de conquistar o emprego

"O jovem enfrenta dificuldade para conseguir o primeiro emprego. As empresas não costumam nos oferecer uma chance, preferem profissionais com mais experiência. Mas como ter experiência se não for possível começar a trabalhar?", questiona.

Ana Lúcia Pereira de Jesus, 17 anos, já trabalhou como empregada doméstica durante quase um ano. Ela mora no Jardim Dom Fernando, com a mãe e três

irmãs. Na última segunda-feira a adolescente, que cursa a 7ª série, fez sua inscrição na Unidade de Atendimento ao Trabalhador (UAT) da Fumdec. "Aqui em casa minha mãe e eu estamos desempregadas. Precisamos buscar formas de ganhar dinheiro", diz a garota, que aceita trabalhar de doméstica ou de babá. Um emprego de auxiliar de serviços gerais ou de secretária em uma empresa seria a concretização de um sonho para ela.



**CÁRCERE PRIVADO**

**Preso no escuro**

Acusada de ter roubado R\$ 800 de sua patroa, a estudante APPO, 16, foi presa em cárcere privado e passou mais de seis horas trancada num quarto escuro, sem móveis e com grades de ferro na janela, na casa onde trabalhava, no bairro

Tancredo Neves (Zona Leste). Ela foi libertada por policiais civis e representantes do Conselho Tutelar da Zona Leste. A patroa da adolescente, a enfermeira Maria Dolores Alfaia, disse que a estudante roubou também várias chaves de sua

residência e que decidiu prendê-la em casa porque se a tivesse levado para a delegacia ela teria sido solta, por ser menor de idade. Na foto, a garota é retirada da casa sob o olhar desesperado da mãe.

# Cárcere privado

## A MENOR APPO FICOU SEIS HORAS PRESA NUM QUARTO

A EMPREGADA FOI ACUSADA PELA PATROA, A ENFERMEIRA MARIA DOLORES, DE ROUBAR R\$ 800 E VÁRIAS CHAVES. TEMENDO NÃO RECEBER O DINHEIRO DE VOLTA ELA...

ACRYANE DO VALLE

**D**epois de ficar trancada num quarto escuro, sem móveis e com grades na janela, por mais de seis horas, a estudante APPO, 16, foi libertada ontem à tarde do cárcere privado, por volta das 15h30. Ela estava no bairro Tancredo Neves (Zona Leste) e foi socorrida por policiais civis e representantes do Conselho Tutelar da Zona Leste, entidade que trabalha com crianças e adolescentes vítimas de maus tratos e em situação de risco.

De acordo com a APPO, ela trabalhava como doméstica e foi presa no quarto por volta das 8h pela patroa, a enfermeira Maria Dolores Alfaia, que a acusava de ter roubado R\$ 800 e várias chaves de sua casa. "Ela levou todo o meu dinheiro e eu a tranquei aqui porque se a tivesse levado para a delegacia ela teria sido solta já que é de menor. Queria que a mãe dela devolvesse o meu dinheiro", alegou a enfermeira, muito nervosa, enquanto procurava a chave da porta do quarto para soltar a menina.

Maria Dolores foi levada para o 9º Distrito Policial (DP), no São José 1 (Zona Leste), e foi presa por cárcere privado, crime previsto no artigo 148 do Código Penal Brasileiro. A pena é de um a três anos de prisão. O delegado encarregado do caso, Euclinger Rodrigues Bezerra, disse que ontem mesmo a enfermeira seria transferida para a penitenciária Raimundo Vidal Pessoa, localizada no Centro (Zona Sul). "Eu vou fazer o que está na lei", disse o delegado, ressaltando que o crime é inafiançável.

Este foi o primeiro caso de cárcere privado envolvendo um adolescente registrado em 1999, de acordo com o presidente do Conselho Tutelar, Manuel Norberto. No ano passado, duas crianças foram encontradas presas e acorrentadas, também na Zona Leste, pelos membros do conselho.

### POLICIAL

A mãe da estudante, a doméstica Maria Augusta Pereira de Oliveira, 35, ficou sabendo que a garota estava presa porque um homem, dizendo ser policial, a procurou em seu trabalho para lhe comunicar que deveria ir até a casa da enfermeira porque APPO teria roubado um dinheiro de Maria Dolores.



APPO estava num quarto escuro e foi libertada por policiais civis e membros do Conselho Tutelar da Zona Leste

### O QUE DIZ A LEI:

(CÓDIGO PENAL BRASILEIRO)

art. 148 - "Privar alguém de sua liberdade, mediante seqüestro ou cárcere privado:

Pena - Reclusão de um a três anos;

Parágrafo 1º - A pena é de reclusão de dois a cinco anos:

I - Se o vítima é ascendente, descendente ou cônjuge do agente;

II - Se o crime é praticado mediante intermediação de vítima em casa de saúde ou hospital;

III - Se a privação de liberdade durar mais de 15 dias.

Parágrafo 2º - Se resulta à vítima, em razão do mau-trato ou da natureza de detenção, grave sofrimento físico ou moral,

Pena - Reclusão de dois a oito anos.

## Repórter é agredido

Um investigador da Delegacia Especializada de Homicídios e Seqüestros (DEHS) conhecido como Francivaldo, que seria irmão da mulher que prendeu a adolescente, tentou impedir o trabalho da imprensa ontem à tarde, quando o repórter



Quis impedir trabalho da imprensa

fotográfico de A CRÍTICA Alberto César Araújo registrava a história do cárcere privado.

Francivaldo, armado com um revólver, gritou com o repórter-fotográfico, agredindo-o verbalmente várias vezes, inclusive em via pública e diante de representantes do Conselho Tutelar da Zona Leste e de curiosos. Ele chegou a tentar tomar a câmera três vezes para evitar que fizesse as fotos e saiu do local na viatura policial fazendo ameaças à equipe de A CRÍTICA.

## Enfermeira prometeu matar

A enfermeira Maria Dolores Alfaia estava trabalhando no Hospital Universitário Getúlio Vargas (HUGV) quando os representantes do Conselho Tutelar foram buscá-la para libertar a menina. "Ela disse que não iria soltar APPO porque ela tinha roubado R\$ 800", comentou um dos membros do conselho, Francisco Ladislau.

Para o delegado do 9º DP, a estudante APPO declarou que não havia tirado dinheiro de Maria Dolores e que só confessou porque a ex-patroa a teria ameaçado de morte. "Ela disse que ia me matar, me jogar no varadouro e que o irmão iria dar um fim na minha mãe", afirmou a garota. A enfermeira não quis dar nenhuma declaração à imprensa.

Até 18h20, APPO ainda se encontrava no 9º DP. O presidente do Conselho Tutelar Manuel Norberto informou que a garota seria ouvida ontem à noite pelos membros da entidade. Hoje, por volta das 9h, ela será apresentada ao delegado de Menores.



Maria Dolores foi algemada e levada à penitenciária

# Trabalho infantil e desemprego aumentam e não têm solução

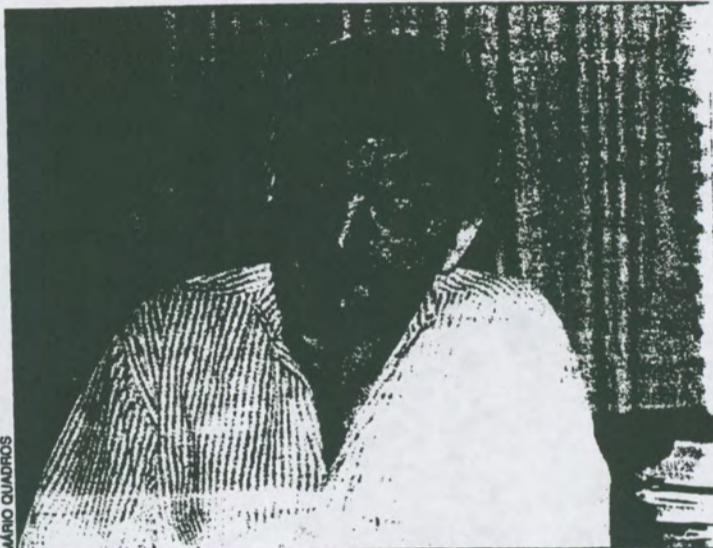
No grande expediente da Câmara Federal, sexta-feira, o deputado Paulo Rocha (PT/PA), denunciou mais uma vez as grandes vergonhas nacionais, como o trabalho infantil, o trabalho escravo, o desemprego e a omissão governamental para resolver os problemas básicos de nossa população.

As velhas conhecidas, como declarou o deputado, já foram objeto de Inquéritos e comissões no Congresso Nacional, o que gerou apenas destaque na mídia, mas na prática, nada foi feito.

Essas crianças que estão sendo usadas nas tecelagens de Pernambuco ou nas olarias do Pará, fazem parte de uma triste estatística, onde aparecessem mais de três milhões e quinhentas mil crianças e adolescentes entre 10 e 14 anos trabalhando no País e outras quinhentas mil crianças entre 5 e 9 anos que se empregam em atividades econômicas no País, para ajudar no orçamento doméstico.

Paulo Rocha citou o relatório Final da CPML, que foi instalada em 1996 que investigou a exploração do trabalho infanto-juvenil no Brasil, do qual ele fez parte e constatou que, as crianças pobres começam, a trabalhar muito jovens, entre 5 e 6 anos de idade.

As estatísticas mostram



Paulo Rocha: pronunciamento contra omissão do governo para resolver situação

ainda, que o trabalho precoce é responsável por vários males à saúde, como: intoxicação por agrotóxicos, por poeiras, cola e fumaça das carroarias e ainda causam acidentes com o uso inadequado de ferramentas, fiação elétrica, explosão, mutilação de membros, atropelamento no trânsito.

Paulo Rocha também citou o trabalho forçado de adultos, que são submetidos a condições de trabalho subumanas, que também tem, na falta de fiscalização do Governo Federal, um forte aliado.

Citando o trabalho feito por Dom Pedro Casaldáliga, bispo

de São Félix do Araguaia, que em sua carta pastoral denominada "Uma Igreja da Amazônia em Conflito com o Latifúndio" já apontava as péssimas condições de trabalho dos empregados rurais, principalmente do nordeste do Mato Grosso.

Outros Estados também foram citados como o Pará, onde existem dez fazendas onde predomina o trabalho forçado, onde em pouco mais de dois anos 850 trabalhadores foram libertados pela Fiscalização do Trabalho em conjunto com a Polícia Federal.

O deputado vê que o desemprego, a crise econômica do

país assim como, a falta de uma política social voltada realmente para o social, contribuíram mais ainda para a exploração de crianças por parte dos pais e a submissão de alguns chefes de famílias a trabalhos forçados, são problemas que, se houver vontade política terá solução. "O trabalho infantil e o trabalho forçado não são problemas isolados que reclamam soluções individuais, soltas. São questões que estão interligadas a começar pela miséria econômica da população".

Paulo Rocha citou a aprovação da lei 8.777 de sua autoria que pune esta prática, criminalizar o ato de quem contrata menores de quatorze anos, salvo na condição de aprendiz, bem como os casos de imposição de trabalho noturno, insalubre e perigoso aos menores de 18 anos, salientando que agora é necessário que seja aplicado.

"Com relação ao trabalho forçado, que haja uma ação conjunta de todos os setores institucionais do País, além de uma maior participação da sociedade civil, que o Governo priorize as questões que estão matando os nossos trabalhadores, que ofereça as condições necessárias para que todos os adultos possam trabalhar dignamente e os seus filhos, como crianças normais possam frequentar a escola".

# Projetos não conseguem diminuir exploração infantil

A mais ampla fonte de dados sobre o trabalho infantil no Brasil é a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do IBGE, que é realizada mediante uma amostra dos domicílios, cobrindo cerca de cem mil municípios. Isso significa que cerca de 300 pessoas são entrevistadas. Sua abrangência geográfica tem-se ampliando, gradativamente, desde que foi iniciada em 1967. Em 1981, a Pnad alcançou todo o país, com exceção da área rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, regiões que abrigam 2,5% da população nacional.

Apesar de ser uma pesquisa abrangente que inclui os temas: dados gerais, trabalho, educação, migração, família, domicílio

e rendimento, a Pnad não traz itens uniformes em todas elas. A de 1995, por exemplo, trouxe o tópico de trabalho de crianças de 5 a 9 anos de idade; estranhamente as seguintes, 1996 e 1997, em plena campanha nacional para a erradicação do trabalho infantil, deixaram de realizar essa contagem, bem como não fizeram constar a faixa etária de 15 a 17 anos. Dessa forma, os programas atuais governamentais e não-governamentais nesse sentido ficam prejudicados em face da falta de informação, notadamente em relação às crianças.

Eis a situação do trabalho infantil no Brasil, segundo as Pnad de 1995, 1996 e 1997.

Faixa Etária	1995	1996	1997
De 5 a 9 anos	581.307	n/d	n/d
De 10 a 14 anos	3.599.747	2.914.090	2.885.676
De 15 a 17 anos	5.115.062	n/d	n/d

## Redução é mínima desde o ano de 1995

De 1995, época em que começaram as primeiras manifestações contra o trabalho infantil, até 1997, a redução do número de crianças e adolescentes trabalhadores foi de 714.071. Apesar de vários estudos nesse sentido nos últimos anos, o número que ficou foi o de 3.599.747, o qual ilustra todas as publicações e reportagens escritas e televisadas nacionais e internacionais. Tal retração, comprovada nas pesquisas, deve-se aos programas e eventos governamentais e não-governamentais que visam à erradicação do trabalho infantil: Ipec, da OIT; Pai, do Ministério do Trabalho; Bolsa-Escola, inicialmente implantado no Distrito Federal e copiado por algumas cidades brasileiras, Programa Brasil Criança Cidadã, da

Secretaria de Assistência Social do MPAS; projeto da Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança, do Unicef e do BNDES; Marcha Global Contra o Trabalho Infantil, movimento mundial cuja coordenação no Brasil e na América do Sul foi realizada pela Abrinq e pela CNBB. No entanto, em 1997, o governo federal declarou que, com seus programas, principalmente na zona rural de Pernambuco (indústria canavieira) e de Mato Grosso do Sul (nas carvoarias e nas plantações de erva-mate) havia conseguido tirar, apenas 30.000 crianças do trabalho.

Em relação à divisa do trabalho por sexo de crianças e adolescentes trabalhadores na faixa de 10 a 14, temos os seguintes dados:

Especificação	1995	1996	1997
Taxa de atividade	20,5	18,8	16,9
Homens	26,4	15,0	22,3
Mulheres	14,4	7,4	11,4
Pes.econ/ativas	100	100	100
Homens	65,3	66,7	66,8
Mulheres	34,7	33,6	33,2



PAULO EMMANUEL

## Trabalho doméstico é um dos piores

A PNAD de 1997 trouxe um tópico relacionado ao trabalho doméstico no Brasil, entretanto não o especificou por faixa etária (somente a partir de 10 anos). Essa atividade é a que mais emprega mão-de-obra feminina, razão pela qual o número de homens torna-se maior que o de mulheres na faixa etária entre 10 e 14 anos. A atividade domé-

stica, também conhecida como trabalho invisível, constitui uma das piores formas de exploração do trabalho infantil, na medida em que meninas são levadas do interior para as grandes cidades, sendo obrigadas a exercerem suas atividades, às vezes, sem qualquer remuneração.

A inserção do trabalho infantil por domicílio é a seguinte:

Região	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	C. Oeste
1995	149.475	1.621.126	981.784	623.613	245.755
1996	105.885	1.257.212	795.886	499.730	205.228
1997	186.585	1.370.715	780.003	458.309	185.535

## Nordeste concentra o maior número

A Região Nordeste concentra o maior número de crianças e adolescentes trabalhadores, principalmente na zona rural: cultura da laranja no Sergipe; cana-de-açúcar em Pernambuco; sisal na Bahia; salinas e tecelagem no Rio Grande do Norte e distribuição de jornais nas grandes cidades. De acordo com a tabela acima, apesar do esforço governamental, o número de crianças e adolescentes trabalhadores na região cresceu em 1997, relativamente a 1996, cerca de 83.503. Segundo a Pnad/95, na faixa etária entre 10 a 14 anos de idade, havia 1.776.640 trabalhadores na zona urbana e 1.823.107 na rural.

Todas as pesquisas até esta data estavam centradas na faixa etária de 10 a 14 anos; entretanto a Emenda Constitucional nº 20, de 15 de dezembro de 1998, que modifica o sistema de Previdência Social, estabelece normas de transição e dá outras providências, modificou o art. 7º, inciso XXXIII da Constituição Federal ao estabelecer a proibição de

qualquer trabalho a menores de 16 anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de 14 anos. Essa mudança ocorreu no Senado Federal, por iniciativa do senador José Eduardo Dutra (PT/SE), quando da tramitação dessa emenda naquela Casa. A sociedade ainda não se deu conta, tampouco a imprensa, de tamanho avanço, visto que a Convenção 138 da OIT propõe, como idade mínima para o trabalho, 15 anos. Prejudica também essa emenda a PEC 413/95 do Poder Executivo, que retira a figura do aprendiz aos 12 anos.

À exceção dos dados da Pnad de 1997, os demais estão contidos no Relatório Final da CPMI que apurou denúncias sobre a exploração do trabalho infanto-juvenil no Brasil, a qual encerrou suas atividades em setembro de 1998. Os números da Pnad de 1996 foram alterados quando da realização da pesquisa de 1997, razão pela qual há uma pequena variação dos dados do presente estudo em relação ao relatório da Comissão.

A Província do Pará

25/04/1999

## → Polícia suspeita que criança teria sido vendida

# Mãe denuncia que babá sumiu com seu bebê em Betim

RÉGIS SANCHES  
→ REPÓRTER

A Polícia de Betim investiga o estranho sumiço da menina Thais Carolina dos Santos, de dois anos. Ela desapareceu na noite de terça-feira de sua casa na Rua Olga Assunção, 805, no Bairro Nossa Senhora das Graças, na periferia da cidade. A doceira Sandra Helena de Freitas, de 20 anos, mãe da criança,

garante que a babá Luciene Maria de Jesus, 30 anos, raptou sua filha. No entanto, o delegado Marco Antônio de Paula, do 4º de Betim, suspeita que Sandra Helena pode ter vendido Thais Carolina e agora está arrependida.

Separada do marido e mãe de outra menina, de três anos, Sandra Helena contou ao delegado que constatou o sumiço de Thais Carolina na noite de anteontem ao retornar da escola.

Ela disse que Luciene foi contratada no dia 5 de abril para tomar conta de suas duas filhas. A babá teria sido indicada para o serviço por um frentista do Posto da Curva, conhecido ponto de prostituição de Betim localizado na BR-381.

Segundo a avó da criança, Divina Francisca Freitas, 39 anos, Luciene e Thais Carolina foram vistas pela última vez por volta de 18h30 de terça-feira, quando comprava pão na pada-

ria da esquina. A outra filha de Sandra Helena, Daise Carolina dos Santos, de três anos, estava com a avó quando sua irmã desapareceu.

"A Luciene me disse que era baiana, mas há uma semana encontrei um passaporte estrangeiro entre os seus documentos. Pedi explicações e ela me disse que falava sete idiomas. Acho que ela roubou minha filha para vender a um casal de estrangeiros", disse Sandra Helena, que vende doces no centro de Betim e estuda à noite.

O argumento da mãe não convenceu o delegado Marco Antônio de Paula, que investiga o caso. "Pelo tipo de situação apresentada, essa história não tem fundamento. Suspeitamos que ela vendeu a criança e agora está arrependida. Primeiro, vamos aguardar que pelo menos ela prove ser a verdadeira mãe da menina e vamos intensificar as diligências", disse o delegado. "Eu jamais faria uma coisa dessas", rebateu Sandra Helena.

# Babá é suspeita de rapto

Mãe contrata desconhecida e filha desaparece. Polícia questiona e não tem pistas

VANESSA JACINTO

**O** desespero tomou conta da estudante Sandra Helena de Freitas, 20 anos, que acolheu em casa uma pessoa desconhecida. Sua filha Thaís Carolina dos Santos, de apenas 2 anos de idade, está desaparecida desde a noite de terça-feira e, as suspeitas de rapto pesam sobre Luciene Maria de Jesus, que estava passando dificuldades e que Sandra resolveu contratar como babá. A polícia não tem pistas sobre o paradeiro de Thaís.

A menina morava com a mãe e a irmã de três anos na Vila Nossa Senhora das Graças, em Betim. Thaís foi vista pela última vez em companhia de Luciene, por volta das 20h de terça-feira, comprando pão e leite numa padaria próxima à casa. Sandra tinha ido para a escola e deixou a filha mais velha na casa de uma vizinha. A menina mais nova permaneceu em casa, na companhia de Luciene. "Quando eu cheguei, por volta das 22h, não encontrei ninguém. Vi que as roupas da minha filha não estavam no lugar e que a mala de Luciene também não estava em casa e me desesperei", lembra.

De acordo com Sandra, Luciene estava morando em sua casa desde o dia cinco de abril. Elas se encontraram pela primeira vez no posto do Carretão/PTB, próximo à

Betim. Sandra foi abordada por Luciene, que se estava passando por dificuldades e necessitando de um lugar para ficar. Sandra, então levou Luciene para sua casa. Militares da viatura 6606/33° BPM foram acionados e registraram o fato na 4° DP/Betim.

## Chorando

A última pessoa que esteve com Luciene e Thaís foi Maria de Lourdes Rosa de Amorim, proprietária da padaria. Segundo afirma, a menina estava chorando muito e Luciene estava bem arrumada. A babá levou a criança para casa e retornou para pagar a conta. "Ela me pediu para ser rápida porque estava com muita pressa, dizendo que o namorado estava sozinho com Thaís esperando por ela", conta.

Segundo o delegado Marco Antônio de Paula Assis, do 4° Distrito Policial de Betim, Sandra disse em seu depoimento que Luciene falava vários idiomas e fazia ligações frequentes para São Paulo. "Como uma pessoa que se dizia sozinha e em dificuldades pode falar vários idiomas?", indaga. Para ele, as possibilidades de encontrar a menina são bastante remotas, já que a delegacia só entrou no caso por volta das 5h de ontem. "O tempo foi mais do que suficiente para ela fugir sem deixar pistas", conclui. (VJ)



SANDRA AFIRMA que tentava ajudar Luciene



LOURDES: "Luciene estava com pressa"

FOTOS EVANDRO SANTIAGO



# Trabalho infantil terá radiografia

*Movimento de Emaús pesquisa a situação das crianças e adolescentes que trabalham em Belém. Falta apoio.*

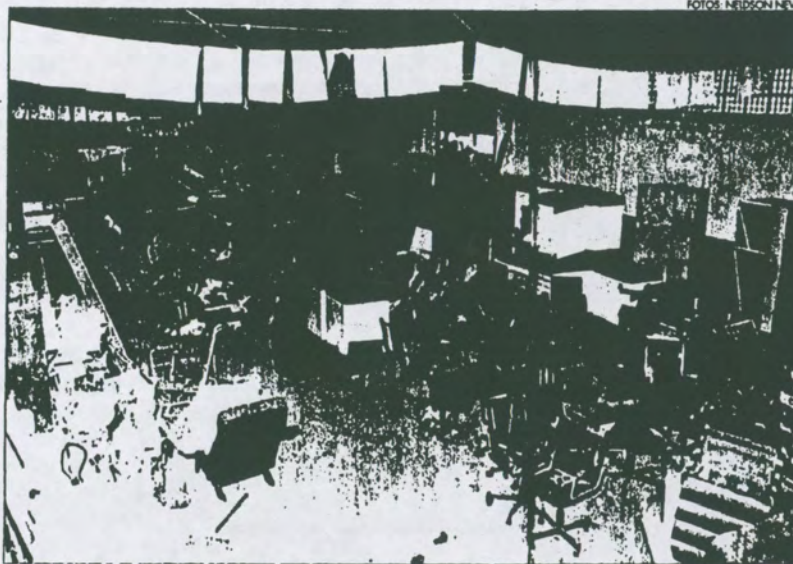
O Pará poderá ser o primeiro Estado do Brasil a fazer uma pesquisa sobre o trabalho doméstico de crianças e adolescentes. A coordenadora do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (Cedeca/Emaús), Celina Hamoy, disse que o projeto já está concluído, faltando agora fechar negociação com uma agência financeira internacional interessada em mapear a exploração da mão-de-obra infanto-juvenil neste mercado específico.

Até o momento, o Cedeca dispõe de um levantamento empírico (observações sem metodologia de pesquisa) realizado em alguns condomínios e escolas de Belém e que aponta uma "realidade cruel", como classificou Celina Hamoy. "As meninas ouvidas trabalham como domésticas, não recebem salário algum, estudam à noite e são revoltadas com esta situação", contou a coordenadora do Cedeca.

Desde que a pesquisa mais detalhada sobre este problema social seja viabilizada, o Cedeca proporá ações de combate à exploração, envolvendo também outras entidades similares, entre organizações não-governamentais ou ligadas aos governos.

Em dezembro deste ano, o Cedeca fará 16 anos. Atualmente, desenvolve quatro projetos subdivididos em diversas atividades, todas integradas para promover a aplicação dos direitos da criança e do adolescente.

Um dos projetos, explica Celina Hamoy, trata da intervenção jurídico-social. Nesta área, são atendidos os casos de violência praticada por "agentes do Estado", notadamente policiais civis e militares; como também casos de violação dos direitos difusos e coletivos. O projeto mobilização e educação popular é responsável pela criação de núcleos de defesa da criança e do adolescente, objetivando fazer a sociedade autogerir seus direitos.



▲ DEPÓSITO - O material coletado nas campanhas de agosto fica guardado para ser consertado



▲ VENDAS - Depois de recuperado, os objetos são vendidos para gerar a renda que sustenta os projetos

## Crise reduz atendimento

O padre Bruno Sechi, 59, segue à risca a citação bíblica "O que você der com a mão esquerda, que a direita não veja". Fundador do Movimento República de Emaús, o religioso prefere render homenagens "aos meninos e meninas que atendemos" a divulgar as condecorações que conquistou em reconhecimento à importância desta obra social criada pela Sociedade Salesiana no Pará e que tornou-se autônoma em 1990.

Ainda assim, não dá para desvincular a história do movimento da sensibilidade do padre Sechi para com a exploração do trabalho infanto-juvenil na capital paraense nos primeiros anos da década de 70. Italiano de nascimento, ele chegou ao Brasil há 35 anos, desembarcando primeiro em São Paulo, onde foi ordenado padre salesiano (saiu da Congregação há três anos). Em 68, transferiu-se para Belém, onde dois anos depois fundou o Movimento República de Emaús.

"Naquele tempo não tínhamos o problema de meninos e meninas morando nas ruas, o que havia era no máximo meia dúzia. O que víamos eram os meninos de 10 a 14 anos, principalmente, trabalhando na rua, precisamente no Ver-o-Peso, onde começamos o trabalho com o Restaurante do Pequeno Vendedor", lembrou padre Bruno.

A primeira intervenção foi na área do Ver-o-Peso porque, explicou o padre, tratava-se de um ponto de concentração de crianças e adolescentes trabalhando na rua, os quais eram abordados pelos educadores. Todos eram meninos e contavam 100 no início. Só no final dos anos 70 chegaram as meninas. "Eles pagavam uma taxa simbólica para frequentar o restaurante, que funcionava na Ladeira do Castelo", disse o fundador e atual coordenador do movimento.

A Campanha de Emaús (coleta anual de objetos usados) passou a ser realizada a partir de 1972, tornando-se a segunda

atividade mais importante do Movimento República de Emaús, enquanto o Restaurante do Pequeno Vendedor passaria a incorporar atividades que justificariam a mudança para República do Pequeno Vendedor, a primeira atividade do movimento.

Em 1977, lembrou padre Bruno, o atendimento deu um salto para 400 meninos, graças ao apoio vindo da entidade suíça Terra dos Homens. Nesta época, a República do Pequeno Vendedor passou a ter núcleos espalhados nos bairros de São Brás, Pedreira, Guamá e na feira da Sacramenta. A terceira "expressão" do Movimento foi a Cidade de Emaús, escola erguida no bairro do Bongüi, em 1980.

Três anos depois nascia o Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (Cedeca), pioneiro neste gênero no Brasil e que serviu de semente para a criação de outros 40 existentes em diversos Estados. Alguns jovens atendidos pelo Cedeca acabaram integrando o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua. O primeiro coordenador desta entidade, criada em 1985, foi o padre Bruno Sechi.

Atualmente, aproximadamente 2 mil crianças e adolescentes são beneficiados diretamente pelo Movimento República de Emaús, através das oficinas ministradas na República de Emaús e também pela Cidade de Emaús, nas turmas de ensino regular.

"Já chegamos a atender um número maior de meninos e meninas, diminuímos porque, entre outros fatores, o movimento foi atingido pelos cortes de verbas oficiais para políticas públicas em assistência social. Como nessa estratégia de sobrevivência é diversificada, também fazemos parceria com órgãos da Prefeitura de Belém e do Governo Estadual, mas também temos recursos próprios advindos de produtos nossos (produzidos nas oficinas e vendidos para a comunidade externa)".



30/04/99

LIBERAL

No momento, há três núcleos funcionando: na Vila da Barca, Guamá e em uma escola do Jurunas. Mais dois serão instalados: no Bengui e no Sítio de Outeiro.

Assessoria aos conselhos, movimentos populares e outras ONGs e capacitação de policiais civis e militares também são atividades do Cedeca. Embora em 1998 tenham sido realizados treinamentos de formação em 10 municípios paraenses, envolvendo civis e militares, a Polícia se tornou até mais violenta com as crianças e adolescentes, observa Celina Hamoy, baseando-se em notícias de jornais e nas denúncias que chegam ao Cedeca. "Isso mostra que precisamos intensificar mais e atingir a Polícia como um todo, não apenas treinar os policiais que trabalham diretamente com a criança e o adolescente". O treinamento para 99 está em fase de planejamento.

Através do projeto de pesquisa, informação e banco de dados, o Cedeca dispõe de dados permanentes sobre a violência contra crianças e adolescentes. "Já fechamos o relatório de 97 e o de 98 está em fase de análise dos dados", disse Celina Hamoy. Na biblioteca especializada da entidade, um acervo de 810 volumes está disponível para consultas, sendo que é concedido empréstimo para instituições e pesquisadores.

Já a Agência Emaús de Notícias é um projeto do Cedeca que trabalha com a divulgação dos direitos da criança e do adolescente, além de denunciar a violação destes direitos. Os principais produtos são as revistas "Criança Notícia" e "Gibi"; o folheto "AEN Cidadania" (mensal, dirigido aos sócios-solidários do movimento); e o boletim "Radar Criança", enviado três vezes por semana para 85 emissoras de rádio da região Norte.

Mantendo-se de recursos enviados por agências financiadoras internacionais e da contribuição dos sócios-solidários (aproximadamente 1.800 pessoas que pagam taxas mensais com valores diversificados), o Cedeca é coordenado por uma advogada - Celina Hamoy -, tendo na equipe de técnicos mais outro advogado, uma bibliotecária, dois assistentes sociais, um psicólogo, dois jornalistas e sete estagiários (Serviço Social, Jornalismo, Direito e Biblioteconomia).

**ANDAIMES**  
**LOCAÇÃO**  
**236-2476**

# Não tem Mãe

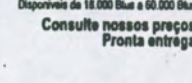
que resista a um presente Imperador das Máquinas.



Condicionador de Ar Springer  
 Inovare 7500 BTUS  
**483,00** à vista ou  
 1+2 de 161,00



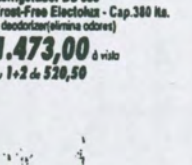
Condicionador de Ar Springer  
 Inovare 10.500 BTUS  
**699,00** à vista ou  
 1+2 de 233,00



MiniSplit Teto York  
 Controle remoto al fio (leito)  
 48.000 Btu's **3.100,00**  
 à vista ou 1+2 de 1.076,00



Refrigerador DS 380  
 Frost-Free Electrolux - Cap.380 lit.  
 2.400 BTUS (potência elétrica)  
**1.473,00** à vista  
 ou 1+2 de 520,50



Fogão Premium  
 Klasse Bosch  
 Forno superdimensionado  
 Preliminar auto deslizando  
 Vidro curvo de porta do forno  
 acendedor automático  
 Forno autolimpante  
 4 bocas **650,00**  
 à vista ou 1+2 de 230,00  
 4 bocas **510,00**  
 à vista ou 1+2 de 261,35



Fogão Century Brastemp  
 Exclusiva Tampa em vidro temperado  
 Acendimento espontâneo temporizado  
 Porta do forno com vidro duplo  
 Forno autolimpante  
 4 bocas **568,00**  
 à vista ou 1+2 de 200,70  
 4 bocas **390,00**  
 à vista ou 1+2 de 138,00

Temos máquinas Split de 1 a 20 TR,  
 e Split para dados de 1,5 a 5 TR,  
 pronta entrega.



Rua 28 de Setembro, 1072. Fones: (091) 223-4769 / 223-9022 / 225-4306 / 241-3405 / 241-2076 / 224-4053. Fax: (091) 222-1424



MiniSplit High Wall York  
 Controle remoto al fio  
 9.000 Btu's **1.330,00** à vista ou 1+2 de 470,00  
 12.000 Btu's **1.530,00** à vista ou 1+2 de 540,00  
 18.000 Btu's **1.780,00** à vista ou 1+2 de 629,00  
 24.000 Btu's **2.150,00** à vista ou 1+2 de 760,00



MiniSplit Cassete York  
 Controle remoto al fio (leito)  
 24.000 Btu's **3.356,00** à vista ou 1+2 de 1.106,00  
 34.000 Btu's **3.498,00** à vista ou 1+2 de 1.236,00  
 48.000 Btu's **4.682,00** à vista ou 1+2 de 1.654,30  
 60.000 Btu's **5.236,00** à vista ou 1+2 de 1.850,05



Refrigerador Elegance  
 Continental 340  
**976,00** à vista  
 ou 1+2 de 345,00



Freezer Vertical Elegance  
 Continental 230  
 cap. 228 lit.  
**738,00** à vista  
 ou 1+2 de 261,00



Freezer Vertical Elegance  
 Continental 180  
 cap. 179 lit.  
**592,00** à vista  
 ou 1+2 de 209,00



▲ CELINA - Realidade cruel



▲ OLGA - Prestação de contas

## Coleta mobiliza a cidade

Há quase 28 anos a Campanha de Emaús mobiliza um verdadeiro "exército de solidariedade" às crianças e adolescentes em situação de risco que são atendidas pelo Movimento República de Emaús. Segundo a coordenadora da Campanha, Olga Nascimento, cerca de duas mil pessoas, em média, se inscrevem meses antes da grande coleta, que acontece em agosto, para serem voluntárias em diversas atividades que envolvem a Campanha de Emaús.

Do total de inscritos, um terço do pessoal fica responsável pelo armazenamento das doações (móveis, eletrodomésticos, roupas, calçados, eletroeletrônicos, livros didáticos e técnicos, computadores e outros) nos quatro galpões disponíveis na sede do movimento. As doações servem para as oficinas mantidas pela República do Pequeno Vendedor, que depois são vendidas na sede do movimento ou em feiras de bairros.

"Uma parte das pessoas vai às residências e comércio fazer o trabalho de sensibilização para o dia da grande coleta e também a arrecadação na data marcada, que é sempre o último domingo de agosto", explicou Olga Nascimento.

A Campanha de Emaús foi lançada em 12 de maio de 1971 e neste mesmo mês era realizada a primeira grande coleta. Atualmente, está sendo feita sempre em agosto. Os dois primeiros finais de semana ficam reservados ao treinamento dos voluntários, que recebem esclarecimentos sobre o tema anual da campanha. Em 1999 será "Emaús", em referência à passagem bíblica que relata a citação desta cidade dita por Jesus aos seus apóstolos, após a ressurreição.

Já no terceiro final de semana

de agosto, há a entrega das cartas nas residências e casas comerciais, contendo o tema. "Este ano, a novidade é o envolvimento dos meninos e meninas na produção de arte das cartas", adiantou Olga Nascimento. Finalmente, no quarto final de semana acontece a arrecadação das doações.

Empresários de transportes de cargas também contribuem com a Campanha de Emaús. "Já começamos a mandar ofícios às empresas. Este ano precisamos de 100 caminhões. No ano passado, tivemos 110 caminhões à nossa disposição, graças a Deus houve sobra", lembrou Olga Nascimento.

Ela acrescentou que a Prefeitura de Belém, através da Secretaria de Saneamento, também cedeu capanhas para a campanha de 1998. Outros órgãos do governo estadual também foram citados por Olga Nascimento. "A Secretaria de Estado da Educação (Seduc) sempre manda caminhões e a Imprensa Oficial contribui imprimindo as cartazes de divulgação da campanha, os quais também servem para demarcar as áreas onde passarão os caminhões", afirmou a coordenadora da campanha.

No próximo dia 30 de maio, a Campanha de Emaús 99 será lançada na Praça da República, das 8h às 14h, como vem acontecendo há três anos. Será uma oportunidade para qualquer pessoa se informar sobre como funcionam e para que servem as atividades do Movimento República de Emaús.

"É uma forma de prestarmos contas da ajuda que recebemos. Agradecemos, prestamos contas e ao mesmo tempo mobilizamos a sociedade para a Campanha de Emaús", disse Olga Nascimento.

# Cai o número de menores trabalhando em Salvador

A redução do número de crianças ocupadas foi acompanhada de queda na remuneração

• José Pacheco Maia Filho  
de Salvador

O número de crianças e adolescentes exercendo atividades econômicas caiu nos últimos dez anos na Região Metropolitana de Salvador. Pesquisa desenvolvida pelo Unicef e Universidade Federal da Bahia (UFBA), cruzou dados de estudos realizados em 1988 e 1998, constatando que a taxa de atividade econômica foi reduzida em 21,5% entre a população ocupada de 10 a 14 anos e em 4,4% entre a faixa etária de 15 a 17 anos. A redução do número de crianças e adolescentes ocupadas em atividades profissionais, no entanto, foi acompanhada da diminuição da qualidade e remuneração do trabalho.

A pesquisa detectou o aumento do trabalho não remunerado entre crianças e adolescentes. No estudo de 1988, 32% não apresentavam qualquer tipo de remuneração monetária. Em dez anos, esse percentual aumentou para 37%. Para o professor da Faculdade de Economia da UFBA José Sérgio Gabrielli, o aumento da precariedade da ocupação e da taxa de desemprego inibiu a possibilidade de compensação da renda familiar.

Nestas circunstâncias, ao invés de inserir as crianças em atividades de baixíssimos rendimentos, tornou-se mais viável utilizar o trabalho infantil para complementar as atividades de outros adultos ou membros da família já ocupados, o que teria motivado o aumento do trabalho infantil sem remuneração.

A pesquisa constatou ainda que o rendimento mensal médio do conjunto das crianças e adolescentes ocupados, que era de R\$ 99, em 1988, caiu para R\$ 82 no ano passado, acompanhando a queda na remuneração real ocorrida na década. Há dez anos, o piso mínimo era de R\$ 18. Foi reduzido a R\$ 10. Os maiores salários pagos à faixa etária de 10 a 14 anos estavam na faixa de R\$ 149, e diminuíram para R\$ 105. Entre os adolescentes, a variação salarial ne-



FOTO: JOÃO ALVAREZ

Pastuk, entre Menezes e Gabrielli: lugar de criança é na escola

gativa não foi diferente no período. O salário mínimo, que era de R\$ 32, passou a R\$ 26. E as maiores remunerações que giravam em torno de R\$ 215, foram reduzidas a R\$ 159. Acompanhando a queda de rendimentos, houve também uma diminuição da jornada de trabalho. As 42 horas semanais praticadas pelos adolescentes caiu para 37. Já entre as crianças, as 37 horas semanais foram reduzidas a 30.

Apesar da diminuição do percentual de crianças e adolescentes empregados, aumentou a taxa de desemprego, que variou de 28,3%, em 1988, para 43,21%, em 1998. Para o professor Wilson Menezes, também coordenador da pesquisa, o comportamento é um reflexo da situação econômica. "Aqueles que continuam procurando emprego estão tendo maior dificuldade".

Os dados da pesquisa revelam que o aumento do período de escolaridade está associado à redução da atividade econômica das crianças e adolescentes. "Trabalhar prejudica os estudos", afirmou a oficial de direitos do Unicef, Marília Pastuk. Entre as pessoas de 10 a 17 anos que efetivamente frequentam a escola, o levantamento revelou que, em 1988, 15,1% não estavam atrasa-

das em termos de escolaridade. O resultado melhorou nos últimos 10 anos. O estudo constatou que a parcela daqueles que não sofrem o atraso escolar subiu para 25,3%.

O trabalho doméstico é a atividade que mais prejudica a frequência à escola e causa o atraso, sendo o grande absorvedor do tempo da criança e do adolescente. Em seguida, aparecem o trabalho em bares, oficinas mecânicas e na venda de jornais. O trabalho infantil está mais concentrado nos setores de comércio e serviços (86,9%).

Segundo a oficial de direitos do Unicef, a oferta de trabalho infantil é resultado mais de uma decisão familiar do que de uma opção individual, principalmente entre as crianças de 10 a 14 anos, sendo determinante a condição financeira da família. Quanto menor a renda familiar, maior possibilidade de as crianças trabalharem.

Nos grupos familiares onde o chefe da casa é a mãe há maior incidência de trabalho infantil. Para Marília Pastuk, é necessário conhecer melhor quais as perspectivas das famílias para que, assim, se desenvolvam políticas públicas que evitem a inserção dos filhos no mercado de trabalho. "Lugar de criança é na escola", concluiu. ■

## Trabalho doméstico não deixa crianças freqüentarem escola

Crianças e adolescentes que cuidam da casa enquanto os pais saem para trabalhar ou são empregados domésticos ou estão sendo gravemente prejudicados por não terem acesso à escola. Essa é uma das conclusões da pesquisa Estrutura e Dinâmica do Mercado de Trabalho de Crianças e Adolescentes na Região Metropolitana de Salvador, apresentada ontem no escritório do Unicef pelos professores José Sérgio Gabrielli e Wilson Menezes da Ufba.

A categoria de domésticos é a segunda entre as ocupações dos adolescentes (5,3% dos ocupados pesquisados) e o trabalho familiar (na própria casa) é a principal atividade das crianças ocupadas

(2,6%). A pesquisa mostrou que houve queda na quantidade de crianças e adolescente à procura de trabalho, apesar de as taxas de participação ainda serem elevadas, sendo de 11% entre as crianças e de 39% entre os adolescentes. A pesquisa foi encomendada pelo Unicef para sistematizar o seu trabalho de apoio às ações de erradicação do trabalho infantil. A inserção dos menores no mercado de trabalho tem sido estimulada pelas famílias. Para a oficial de direitos do Unicef, Marília Pastuk, será preciso um maior acompanhamento das famílias no sentido de criar alternativas para evitar o trabalho infanto-juvenil.

Veículo:	ATordi
Página:	3
Data:	7/15/99
Cidade:	Salvador/BA

R:	exp. trals.
Sub:	
<input type="checkbox"/> Busca de Soluções	
<input checked="" type="checkbox"/> Denúncia	
POLÍTICAS PÚBLICAS	
<input type="checkbox"/> Direto	<input type="checkbox"/> Indireto
<input checked="" type="checkbox"/> Cap.	<input type="checkbox"/> Art <input type="checkbox"/> Ed



ANDI

14/5/1999  
pg.

A Gazeta  
Vitória - ES

# Crise leva menor para trabalho informal

Estado tem 54 mil crianças entre 10 e 14 anos trabalhando, mas legislação muda e proíbe atividade para quem tem menos de 16 anos

CLÁUDIA FELIZ

A crise econômica que se abate sobre o país está "empurrando" um número cada vez maior de menores para o mercado de trabalho. É certo que a alta taxa de desemprego os força a engrossar a legião dos que atuam no mercado informal. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que no Espírito Santo existem 158.141 crianças e adolescentes, na faixa etária de 10 a 17 anos, economicamente ativos. Desse total, 54.519 (34,47%) têm entre 10 e 14 anos de idade. Muitos deles representam a única fonte de sustento de suas famílias. Mas uma Emenda Constitucional, em vigor desde dezembro do ano passado, altera esse quadro no plano legal. Ela estabelece que, com exceção dos aprendizes, apenas menores a partir dos 16 anos de idade podem trabalhar. Antes da Emenda número 20 e de acordo com o que o próprio Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece, a idade permitida para os aprendizes era a partir dos 12 anos e o ingresso no mercado de trabalho garantido a quem tivesse no mínimo 14 anos de idade.

**MUDANÇA** - O texto constitucional, que alterou o disposto no inciso XXXIII, do artigo 7º da Constituição Federal de 1988, proíbe o trabalho noturno, perigoso ou insalubre, a menores de 18 anos e qualquer tipo de trabalho aos menores de 16 anos. A única exceção é feita no caso de menores-aprendizes, mas somente para aqueles que comprovem estar devidamente matriculados em cursos do Senai, Sesi e Senar.

A nova legislação proíbe também a emissão de carteiras de trabalho para menores de 16 anos em caso de estágio, devido à falta de previsão legal. A Emenda Constitucional surge, porém, gerando muita polêmica. Mesmo os defensores da idéia de que "lugar de criança é na escola" - slogan da campanha do Governo Federal que diz não ao trabalho infantil - identificam na restrição legal um ver-

maior for a dificuldade de um adolescente de baixo nível sócio-econômico ter acesso ao trabalho, maiores serão suas chances de vir a delinquir. "Se eu perceber que o melhor para um menino é o trabalho, emito a ordem judicial autorizando seu ingresso no mercado de trabalho, contrariando o que a emenda determina", avisa ele. O procurador-chefe da Procuradoria Regional do Trabalho, Levi Scatolin, também questiona se a sociedade brasileira está preparada para o que ele define como "radical postura legislativa de combate ao trabalho infantil".

Em artigo publicado recentemente em A GAZETA o procurador atingiu o cerne da questão, argumentando: "Esqueceram-se os senhores legisladores de questionar um único fato: Por que trabalham nossas crianças? Seria porque gostam? Seria porque são forçadas por patrões inescrupulosos ou pelos próprios familiares? Ou seria por pura necessidade de sobrevivência? A resposta a essa indagação leva-nos à conclusão de que a elevação da idade mínima para o trabalho para 16 anos, neste momento de profunda crise que o mundo vive e, em especial, o Brasil é, no mínimo precipitada".

Fazendo questão de dizer que é radicalmente contra o trabalho infantil, o procurador alerta, porém, que a alteração da faixa etária, sem uma rede de segurança social que ofereça aos jovens acesso fácil à escola de qualidade e também ao aprendizado profissionalizante do chamado sistema S (Senai/Sesi/Senar), acabará forçando, ainda mais, a inserção dos meninos e meninas no mercado informal de trabalho. "Eles serão ainda mais explorados do que já são", garante.

Tanto o procurador Scatolin quanto o coordenador do Núcleo de Combate ao Trabalho Infantil e Proteção do Trabalhador Adolescente da Delegacia Regional do Trabalho, Fernando Pimentel, identificam outra dificuldade imposta pela nova legislação. Vai ser preciso, segundo eles, recomençar um trabalho já iniciado de combate à exploração nessa área, em todo o Estado.



## Fiscalização tenta evitar a exploração

Fiscais da Delegacia Regional do Trabalho (DRT) flagraram este mês, em Santa Tereza, em 13 empresas de fabricação de caixotes, seis adolescentes trabalhando sem carteira assinada e em Baixo Guandu, 16 crianças e adolescentes trabalhando numa cooperativa de cortadores de pedras, em companhia dos pais. O fato foi denunciado ao Ministério Público. São apenas dois exemplos de uma realidade de exploração do trabalho do menor no Espírito Santo.

Nenhum órgão público do Estado conhece ao certo a extensão desse problema. Um diagnóstico realizado pelo Núcleo de Combate ao Trabalho Infantil e Proteção do Trabalhador Adolescente da DRT, feito entre 1995 e 1996, em 12 atividades econômicas, mostrou a presença de 845 menores e muitas irregularidades. Do total, 35 tinham menos de 12 anos de idade; 48 estavam na faixa entre 12 e 14 e 762 tinham mais de 14 anos de idade.

O coordenador do núcleo e o delegado do Trabalho, Fernando Pimentel e Fernando Paterline, respectivamente, garantem que nos últimos dois anos, a partir da criação do núcleo e de um rigor maior da fiscalização, a situação vem apresentando sinais de melhora. Em janeiro deste ano a DRT fiscalizou 440 empresas no Estado, com 11 mil empregados. Não encontrou nenhum menor até 14 anos de idade, apenas três entre 14 e 16 anos e 149 na faixa a partir dos 16 e menores que 18 anos. De todos, só dez não tinham registro em carteira de trabalho.

A multa por uma irregularidade do gênero (se o patrão for primário) é de 318,2847 Ufirs ou R\$ 310,96. "Quem explora parte do princípio de que adolescentes trabalham mais, não reclamam e, se não há respeito ao que a lei determina, não geram encargos sociais para o patrão", diz Fernando Pimentel, lembrando que há multas, no caso de infração de segurança em saúde, de até R\$ 100 mil.

de um golpe sobre as famílias de baixa renda. E apontam incoerências entre o legal e o real; isto é, entre o que seria ideal e a realidade vivida por milhares de cidadãos brasileiros de baixíssimo poder aquisitivo.

O próprio juiz da Infância e da Juventude de Vitória, Paulo Luppi, parte do princípio de que quanto

Embora a DRT informe que existam direitos assegurados para os adolescentes a partir de 14 anos, que já estavam trabalhando e devidamente registrados quando a emenda entrou em vigor, o procurador admite que há correntes com interpretações diferentes sobre a existência ou não desse direito, a partir da mudança da legislação.

## Proibição de acesso preocupa técnicos

A proibição de acesso ao mercado de trabalho a menores de 16 anos - exceção feita apenas aos aprendizes - causa preocupação a coordenadora do Programa Adolescência e Cidadania, Centro de Integração Empresa Escola (Ciee), Mônica Rezende de Moura. "O trabalho de prevenção fica seriamente comprometido", diz ela, que mantém no Ciee uma lista de espera com 150 nomes de adolescentes, a espera de uma vaga numa empresa privada, com direito a um salário mínimo e registro em carteira.

Antes, quando o menino ou a menina completavam 14 anos, já tinham para onde ser encaminhados. Agora têm que esperar mais dois anos. O tempo, nesse caso, tem um peso muito grande. O processo de formação e desenvolvimento dos adolescentes no programa acabará sendo atropelado", diz ela. O Ciee mantém 200 adolescentes, indicados por prefeituras da Região Metropolitana, trabalhando em empresas parceiras.

**PROCURA** - Também aos técnicos que atuam nos programas sociais dos municípios da Grande Vitória, desenvolvidos em parceria com o Ciee, a alteração da faixa etária causa apreensão. Em Vitória, Cariacica e Serra, um significativo número de meninos e meninas reforça a venda familiar participando de projetos que os levam a trabalhar em empresas privadas, conciliando a atividade com a frequência à escola e recebendo até um salário mínimo por mês. A procura por esses projetos é grande.

Na Serra, na semana passada, em apenas dois dias 150 adolescentes se inscreveram. "Em nosso município metade de população está abaixo da linha de pobreza. A gente fica

enxugando gelo o tempo todo", diz a diretora do Departamento para o Trabalho da Prefeitura, Silvana Fadel, preocupada com a possibilidade de muitos adolescentes abandonarem a escola por não poderem participar de estágios nas empresas.

A assistente social da Prefeitura de Cariacica, Defza da Rocha Pimentel, garante que a maioria dos adolescentes mantidos no projeto coordenado pela municipalidade ajuda a manter a casa com o dinheiro recebido mensalmente. Nas últimas segunda e terça-feiras, quase 50 inscrições foram feitas para novas adesões ao programa.

Em Vitória, a coordenadora da Casa do Adolescente Trabalhador, da Prefeitura da Capital, Maria Lúcia Pinto de Figueiredo, é outra a criticar a exclusão dos menores de 16 anos do direito de acesso ao trabalho. "É uma proposta cínica, imposta sem discussão. Não há escolhas para essas crianças. Trata-se de uma grande incoerência num país miserável como o nosso", diz ela, fazendo questão de frisar que não defende a exploração das crianças.

Chefe da Divisão de Atendimento à Criança e ao Adolescente da PMV, Fátima Eleonora de Almeida, lembra que o agravamento da situação econômica, aliado à falta de políticas públicas em muitos municípios, pode ser sentido nas ruas. Em Vitória, uma pesquisa feita pela Prefeitura mostrou a presença de 118 meninos e meninas, a maioria (69%) com vínculos familiares, esmolando e se drogando. Do total, 30% são trabalhadores - vendem o que podem nos cruzamentos semaforicos, engraxam sapatos, dentre outras atividades. Nem todos, porém, são da Capital já que 46% são originários de Cariacica, 11% de Vila Velha, 8% da Serra e 2% de Viana.



REALIDADE

Menores vendedores de picolés, no centro de Vitória: em primeiro lugar, a luta pela sobrevivência

## Vidas marcadas pela esperança

Márcio dos Santos, 11 anos; José Erandir Vieira Filho, 11; Gutemberg Falcão Calixto, 12; e Rosana da Luz Santos, 16. Três meninos e uma menina trabalhadores. Márcio vende paçoca e chup-chup nos semáforos do Centro de Vitória; José Erandir, ou Zezinho, como ele prefere ser chamado, é camelô, na mesma região; Gutemberg é empacotador e carregador de compras num quilão, na Praia do Suá; enquanto Rosana dá os primeiros passos na sua "carreira" de babá, em Jardim da Penha.

Na última quinta-feira foi o dia do aniversário de Rosana, filha "do meio" de pai português e mãe dona-de-casa, moradores de Porto de San-

tana, em Cariacica. A menina cuida de duas crianças, de 2 e 5 anos de idade, desde o início deste mês. Não tem carteira assinada e está ansiosa, torcendo para chegar logo a hora em que receberá seu primeiro salário mínimo. Admite que não vai poder dar continuidade aos estudos - parou na 7ª série do 1º grau - porque os patões chegam em casa só depois das 19 horas e as crianças não terão com que ficar na sua ausência.

**COBRANÇA** - Márcio diz que só começou a vender paçocas e a mistura de pó com sabor artificial de guaraná com água e açúcar, congelado e amarrado numa sacolinha plástica,

nos últimos dois meses. O pai é aposentado - ganha R\$ 130,00 -, a mãe é dona-de-casa e o menino, mais um entre dez irmãos. "Quando não está muito quente vendo a paçoca. Pago R\$ 2,70 por uma caixinha com 56 pacotes e vendo quatro por R\$ 1,00", diz ele. Feitas as contas, lá vai Márcio para casa com um lucro de R\$ 11,30, depois de permanecer nas ruas, circulando entre carros, por até oito horas seguidas. O garoto admite que seu pai briga quando ele chega em casa sem um faturamento no mínimo razoável.

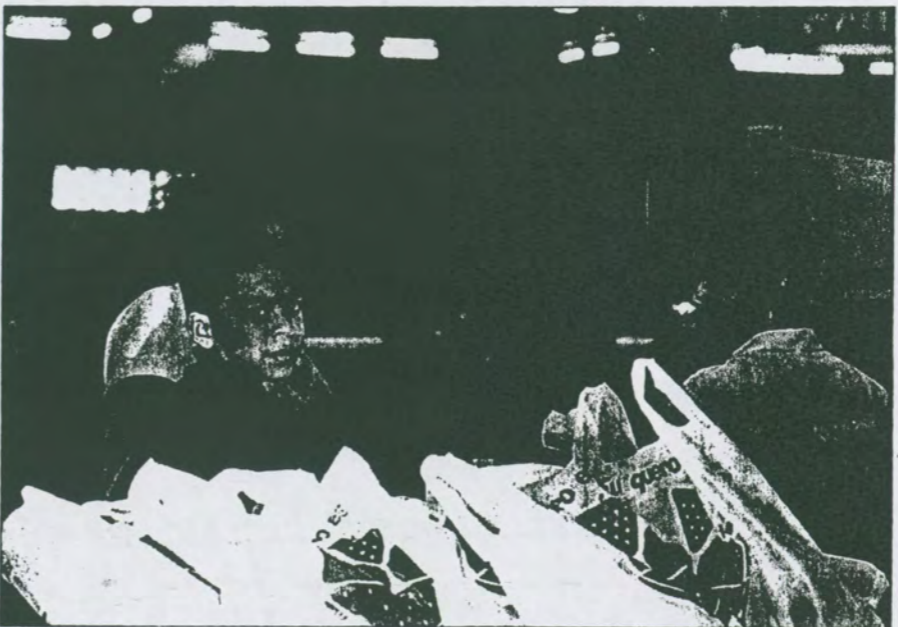
José Erandir, o Zezinho, não relata problema do gênero. Assim como Márcio, ele estuda. Mas tem que fa-

Para este ano, a meta do coordenador do núcleo é dirigir a fiscalização em relação ao trabalho doméstico à zona rural, ao mercado informal e aos programas sociais - já houve casos em que Prefeituras colocaram menores de até 14 anos para trabalhar como menores-garís e guardas-mirins, mas as atividades acabaram suspensas pela DRT.

zer o dever de casa no local de trabalho, a banca de camelô do pai, na Praça Costa Pereira, onde atende os fregueses em companhia do primo Leandro Evangelista Costa, de 17 anos. Por semana o menino diz que recebe R\$ 15,00. Garante que acompanha o pai na dura tarefa de vender mercadorias expostas numa banca, em via pública, desde os seis anos de idade. "Ser camelô não é bom. Tem o prejuízo de quando a gente é roubado ou quando a fiscalização incomoda. Quero ser médico ou dentista quando crescer", diz ele.

Entre o carregamento de um ou outro carrinho repleto de legumes e verduras, o empacotador e carregador Gutemberg Calixto, um dos oito filhos de um pai pedreiro e de uma mãe dona-de-casa, diz que trabalha todas às quartas, quintas e sextas-feiras, de 6 às 11h30m. Uma vez por semana, também vai aos sábados. Para evitar tumulto, os segurantes do quilão definiram uma escala para os quase 30 garotos de até 16 anos que ali trabalham, sem qualquer vínculo. É cada vez maior o número de pais pedindo para que seus filhos tenham direito ao "privilégio", diz o gerente, que prefere não se identificar para evitar problemas com a fiscalização. Gutemberg diz que consegue ganhar R\$ 50,00 na semana em que trabalha no sábado. E R\$ 30,00 quando isso não acontece.

O pequeno menino já carregou compras, fazendo frete na feira de Santo Antônio, e está na 6ª série. Tanto ele, quanto Zezinho, Rosana e Márcio, têm a noção clara de que a vida não lhes permite muito espaço para usufruir da irresponsabilidade própria de uma infância e adolescência normais. "Saio de casa, em Viana, às 13 horas e só volto às 19 horas. Sei consertar e trocar pulseira e bateria de relógio. Meu pai me deu essa responsabilidade. Me vejo como um trabalhador", diz Zezinho.



TRABALHADOR

O menino Gutemberg, na feira de legumes: sentimento de quem já se entende como verdadeiro trabalhador

Chico Guedes



Pesquisa denuncia situação de milhares de crianças que precisam trabalhar para ajudar no sustento da família

# EXPLORAÇÃO INFANTIL

**É** alarmante o índice de crianças e adolescentes que se encontram fora das salas de aula e, por uma série de fatores, são obrigados a entrar precocemente no mercado de trabalho para ajudar no sustento de suas famílias. É impossível fechar os olhos porque os menores, com idade de 6 a 7 anos, estão em todos os lugares. Vendem bombons, bugigangas, alimentos e muitas outras coisas. São vigias de carro ou empregadas domésticas. A exploração também se dá pelos setores produtivos, como é o caso, no Maranhão, da fabricação do ferro gusa na região de Açailândia, um dos municípios atingidos por uma pesquisa do Centro de Defesa "Padre Marcos Passerini".

A pesquisa relaciona todas as formas do trabalho infanto-juvenil e organiza agentes de defesa no combate ao trabalho até os 18 anos de idade. A solução, perseguida pelo Centro de Defesa Marcos Passerini, seria a implantação de mecanismos eficazes de fiscalização, além da implantação pelos governos de programas de renda mínima para atender as famílias carentes. A pesquisa ressalta que os governos em todas as suas esferas devem promover maior cobertura dos serviços públicos de educação e saúde e ainda, fortalecer as organizações de trabalhadores no seu local de trabalho. A pedagoga Maria José Bacelar alerta que se não houver um trabalho para a implementação e cumprimento dos direitos dessas jovens, a tendência é a sociedade caminhar para a barbárie.

A pedagoga Maria José Bacelar acredita que somente uma grande mobilização exigindo a defesa dos direitos poderá mudar este quadro e que em Açailân-

Fotos: O Imparcial



No lugar de um livro, um tijolo. Assim o pequeno Fábio, de 12 anos, passou boa parte de sua infância

dia e Caxias, um dos trabalhos que será desenvolvido visa descobrir alternativas para as famílias que estão em situação mais complexa terem oportunidade de tirar o filho do trabalho e levá-lo para frequentar uma escola. No aspecto educativo, mostrarão às famílias e aos governantes que lugar de criança é na escola.

Em São Luís, esse trabalho deve deslanchar através do Fórum de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. Em monografia defendida

pela assistente social Araidna dos Santos Ferreira, sobre a inserção precoce da criança e do adolescente no mercado de trabalho, ela ressalta que esta realidade "revela os resultados nefastos do modo de produção capitalista, pois este, paralelo ao desenvolvimento, cria uma grande massa de excluídos, que passam a viver numa condição de não-cidadania, sendo-lhes negados direitos básicos de sobrevivência".

## Pobreza absoluta

Em números gerais, o Centro de Defesa informa que 40% das famílias maranhenses vivem em situação de pobreza absoluta, o que representa um total de 2 milhões ou ainda o equivalente a 38,46% da população do Estado. 28,2% das crianças de 10 a 14 anos são atingidas pelo analfabetismo, que apenas 13,9% das crianças entre 0 e 9 anos de idade possuem boas condições de vida no Maranhão.

Em Açailândia, a pesquisa constatou que para uma população de 9.296 crianças de 4 a 6 anos de idade apenas 4.204 frequentam escola. Pelas péssimas condições econômicas das famílias, os jovens começam a trabalhar muito cedo. No município, a fabricação de carvão vegetal apresenta-se como uma das principais atividades econômicas.

A pesquisa não mostra números dos jovens nas carvoarias, mas foi detectado que não houve nenhuma retração da presença dos mesmos nesses mercados de trabalho.

A grande maioria desses jovens é analfabeta ou de baixíssimo nível de escolaridade. Nas carvoarias, os jovens fazem a limpeza das áreas para retirada do material lenhoso (roça), corte de madeira para o abastecimento dos fornos, atividades ligadas à queima de carvão e o carregamento de caminhões.



COMPORTAMENTO

# Assumindo o lugar de



**LINARA** / Ajuda dentro de casa, mas não deixa as brincadeiras de lado



**RESPONSABILIDADE** / Desde os 9 anos Geisa ajuda a mãe nas tarefas de casa, principalmente na hora de cuidar da irmã mais nova

**NILDENE MINEIRO SOARES**

PARA O INFANTIL

**C**riança tem que brincar. Mas e quando a mamãe trabalha e não pode cuidar da casa? Bem, nesse caso a criança põe a mão na massa e dá uma ajudinha. O Infantil foi atrás dessas crianças e descobriu que além de ajudar nas tarefas de limpeza e arrumação da casa, elas ainda cuidam dos irmãos e dão um show de organização.

Na casa da Linara Quirino Araújo, por exemplo, que tem 12 anos, ela teve que aprender bem cedo a fazer o papel da mãe que trabalhava durante o dia todo. Ela e os irmãos estudam de manhã, mas quando chegam em casa, depois de almoçar e descansar um pouco, é hora de fazer uma limpeza geral, arrumar os quartos e lavar louça.

Tarefas que ela faz com os irmãos para poupar a mãe que chega cansada do trabalho, como Linara explica, "é porque dá dó da mamãe, ela chega esgotada e ainda tem que cuidar da casa". Para ajudar a mãe, Socorro Quirino, vale até uma divisão de tarefas e enquanto Linara lava louça e varre a casa, os irmãos Felipe Quirino Araújo, um ano mais novo, e Marco Antônio Quirino, o menor, com 9 anos, ajudam arrumando os quartos e enchendo os litros para colocar na geladeira.

Mesmo assim, como ainda são todos crianças, os meninos acabam bagunçando um pouco e Linara dá uma



**JÉSSICA E GEISA** / As duas dividem as tarefas dentro de casa

de mãe. "Eu perco a paciência porque eles bagunçam, mas eles me ajudam".

"Eu até queria lavar", diz Felipe, mas Socorro Quirino, mãe dos meninos, não deixa porque tem medo de acidentes na cozinha, como possíveis queimaduras. Por isso, ela só permite que Linara, que já é mais velha, esquite o almoço que ela deixa pronto e faça sanduíches para os irmãos. Mas Linara também prepara salada fria e está ansiosa para aprender a fazer bolo com a tia que dá aulas em uma padaria.

Tanta responsabilidade, também não dispensa uma hora para brincadeiras, e Socorro Quirino conta que mesmo dando uma de adulto, já aconteceu de chegar em casa e Linara não ter arrumado as coisas, porque

**GALERIA**



Terça-feira Antônio Alves vai fazer a festa com os pais, Antônio e Irany, para comemorar seus 2 aninhos de vida. Cheirão pra você, Antônio



Muitas felicidades pra você, Ana Caroline que apaga as velinhas dia 11/06, para felicidade de Aldemar e Maria Helena. Parabéns Carol



A linda Larissa tem apenas 5 meses e já é toda sapequinha. A tia Lili e a tia Fátima mandam um cheiro grande. Nós também



Mil beijos para o Daniel Carvalho essa gracinha. Ariberto e Kelles, seus pais vivem 7 meses de pura felicidade total, graças a esses gatinho



Oi pessoal! Meu nome é Rodrigo Kelson. Estou feliz com meus 8 meses e já estou dando meus primeiros passos. Beijos para meus pais, tios e avós



O João Pedro vai chamar a turminha para a sua festa de aniversário (8/06). Aldo e Gisele, seus pais estão muito felizes com a chegada da data

R: *Amor*

Sub: *Família*

Busca de Soluções

Cartão

Indir

Rep.  It

SWT/ALICAS

# mãe dentro de casa



**JÉSSICA/ Ajuda a irmã, mas "as vezes tenho preguiça"**

estava brincando de boneca. "Quando eu chego, tenho a impressão que deixei um adulto, mas sei que ela ainda é criança e de vez em quando precisa brincar", garante Socorro.

## TOMANDO CONTA DOS IRMÃOS PEQUENOS

Cuidar do maninho doente também não é um mistério tão grande para essas crianças que estão sempre tomando de conta da casa e por mais que as coisas fiquem apertadas um telefonema para os pais sempre resolve. É o que conta Geisa Carla de Abreu, 13 anos, e desde os nove anos ajuda a mamãe, Maria Ribeiro, a tomar conta de Jéssica Katarine, 9 anos.

Desde que Jéssica entrou no colégio, Geisa é responsável por levá-la e trazê-la do colégio que fica no bairro



**ARRUMAÇÃO / A menina aprendeu a fazer as tarefas com a irmã**

vizinho ao delas. A mãe trabalha o dia inteiro e o pai é agente da polícia, trabalha durante o dia e uma noite e folga dois dias, com isso, é ele que faz a comida, mas as meninas têm que esquentar nos dias em que ele está trabalhando.

Mais crescida, Geisa arruma a casa e lava louça, mas quem enxuga é a irmã menor. Na casa delas, mesmo há alguns anos quando tinham empregada, Maria Ribeiro já colocava Geisa para aprender a realizar pequenas tarefas como limpar o fogão. Hoje, é ela quem ensina a irmã mais nova, Jéssica, que nem sempre gosta de fazer, mas ajuda.

"Ela me ensina a enxugar louça e arrumar a cama. Eu gosto mas às vezes tenho preguiça. Gosto mais quando ela cuida de mim", diz Jéssica. E quando isso tem que acontecer Geisa liga para a mãe e pede orientação. Como uma vez em que Jéssica vomitou e teve febre, a irmã ligou para a mãe que disse qual o remédio ela deveria dar e veio para casa imediata-

mente. "quando acontece alguma coisa assim eu sempre estou em contato com um deles", diz Geisa se referindo aos pais. Linara também sempre liga para mãe quando há algum problema com os irmãos, mas procura resolver tudo sozinha, como em uma vez em que Marco Antô-

nio se ralou e não tinha mercúrio em casa. Então, ela arrumou com os vizinhos e só ligou para a mãe depois de dar banho em Marco e deitá-lo próximo a um ventilador.

O irmão reconhece, e diz ser muito apegado e ela, "eu chamo ela de mãe 2, por que ela sempre cuida de mim quando estou com febre". Linara já sabe verificar a temperatura com termômetro e sabe até quantas gotas de anti-térmico deve dar de acordo com a temperatura e a idade do irmão.

## Que gracinha



**Nome: Jadder Gabriel do Vale Morais Silva**  
Idade: 3 aninhos  
Data de Nascimento: 27/03/96  
Cidade: Teresina  
Pais: Jaime e Sarlene

**Comida preferida:** Cuscuz, peixe, feijão e cô-cô (galinha)

**Animal:** Cachorro, louro, bode e galinha

**Cor:** Azul e amarelo

**Esporte:** Capoeira

**Onde estuda:** Colégio Cristo Rei (Timon)

**Série:** Alfabetização

**Passatempo:** Banhar de piscina

**Mãe:** Fazer a mesma oração todas as noites

**Senha:** Quero ser doutor

**Frase:** "Te amol Você me ama"

**Para participar do "Que gracinha" responda as perguntas e mande uma carta com foto para o jornal Meio Norte.**



**Felipe Augusto, filho de Altemir e Inocência, fez 7 aninhos dia 25/05. Ele faz a alfabetização no Colégio Santa Izabel**



**A gatíssima Andressa Kecyenne, filha de Nonato e Jacira, recebeu homenagens dos avós dia 27/05, dia do seu aniversário. Felicidades**



**Bruna Maria aniversariou dia 27/05 e recebeu parabéns dos pais, avós, tios e padrinhos. Hoje ela recebe um beijão do pessoal do Infantil**



**Esse sorriso lindo do Wilian é porque ele completou 2 aninhos dia 29/05 e ganhou dos pais, Gadiel e Antônia, milhões de beijos e um abraço gostoso**



**Lucas Benvindo trocou de idade dia 02/06. Ele é filho de Emiliano Falcão e Isabel Cristina e estuda no colégio Cidadão Cidadã**



**Ramon Silva fez 3 meses dia 03/06. Ele reside em Altos e é filho de Reinaldo e Jana Gil e neto do promotor Barbosa Jr. e Lúcia**



# Crianças trabalham como domésticos

**Relatório do Unicef denuncia utilização de menores como criados em vários países de três continentes, entre eles o Brasil**

Benedicte Manier  
AFP

Paris — Centenas de milhares de menores pobres, sobretudo meninas, trabalham como empregados domésticos na África, Ásia e América Latina — inclusive no Brasil —, e alguns são objeto de uma oferta organizada, assim como de compra e venda, segundo um do-

cumento publicado ontem pelo Fundo das Nações Unidas para as Crianças e Adolescentes (Unicef).

A Organização Internacional de Trabalho (OIT), que examina atualmente uma nova convenção jurídica para eliminar as piores formas de trabalho dos menores (escravidão, exploração sexual), calcula que no mundo inteiro trabalham 250 milhões de menores de 5 a 14 anos.

Entre eles, ninguém sabe quantos são empregados domésticos, mas os estudos locais lançam estimativas graves: 300 mil em Daca (Bangladesh), 250 mil no Haiti (onde se chamam *restaveks*), 100 mil no Sri Lanka e 150 mil em Lima (Peru).

Há igualmente expressivos contingentes de pequenos empregados na Guatemala, Paraguai, Venezuela, Brasil, Índia, Indonésia, Nepal, Filipinas ou Paquistão, assim como na África (Marrocos, Tanzânia, Quênia, Togo, Senegal e Zâmbia).

São, sobretudo, menores de 12 a 17 anos, mas também há mais novos: em Bangladesh há alguns de 5 a 10 anos, e na África a faixa de idade 10-

14 está também muito presente.

## MAUS-TRATOS

O trabalho deles não é necessariamente "desumano", e nem todos vivem em condições de "grande exploração", segundo o Unicef. Na África, existe uma tradição de aprender na casa de uma família, onde a menina se encarrega das tarefas domésticas, das compras e da comida em troca da hospedagem. Em Cotonu (Benin) somente

## EXPLORAÇÃO

Em todo o mundo trabalham

**250 milhões**

de crianças de 5 a 14 anos.

10% dos pequenos criados (os "vidomegons") são pagos, diz o Unicef.

Quando o menor recebe um salário, é medíocre e irregular, e o custo da alimentação em geral é descontado, dis-

se Pierre Poupard, representante do Unicef em Mali.

Mas em todo o mundo se verificam casos de maus-tratos (falta de alimentos, agressões) e abusos sexuais. Muitos menores da Ásia de-

casta baixa e famílias endividadas são literalmente explorados.

A demanda para esta mão-de-obra dócil, limitada a um trabalho de 15 horas por dia ou mais, favoreceu o desenvolvimento de uma oferta organizada: assim, na África, cada vez mais se consegue emprego por meio de intermediários remunerados.

Há igualmente traficantes que cedem menores como domésticos ou trabalhadores agrícolas, e "redes bem organizadas" de traficantes que operam entre Mali, Costa do Marfim e Benin, e que assinam inclusive "contratos escritos" com os patrões, confirma Pierre Poupard.

## Violência nos orfanatos

Victoria Loguinova

AFP

Moscou — Nada menos do que 10% dos órfãos russos se suicidam, 30% terminam sendo delinquentes e 40% vagabundos. Esses dados oficiais, destacados por associações de defesa dos direitos humanos, colocam no banco dos réus o sistema de orfanatos da Rússia.

"Os orfanatos russos quebram a psicologia dos meninos", em razão da violência que os menores sofrem neles, afirma Boris Alchuler, chefe do programa "Direitos do menor", organizado pelo Centro de Estudos de Direitos Humanos de Moscou, uma entidade independente.

Cerca de 185 mil menores, 35 mil dos quais inválidos, vivem atualmente nos orfanatos russos. Segundo Alchuler, alguns asilos de órfãos transformaram em "refúgios para manfacos sexuais". Em setembro do ano passado, o diretor de um desses estabelecimentos, Dmitri Karpov, foi condenado por ter violentado e torturado vários menores pelos quais era responsável.

"Os educadores nos tratam como bandidos", escreveu uma órfã em uma carta enviada pela diretora do programa

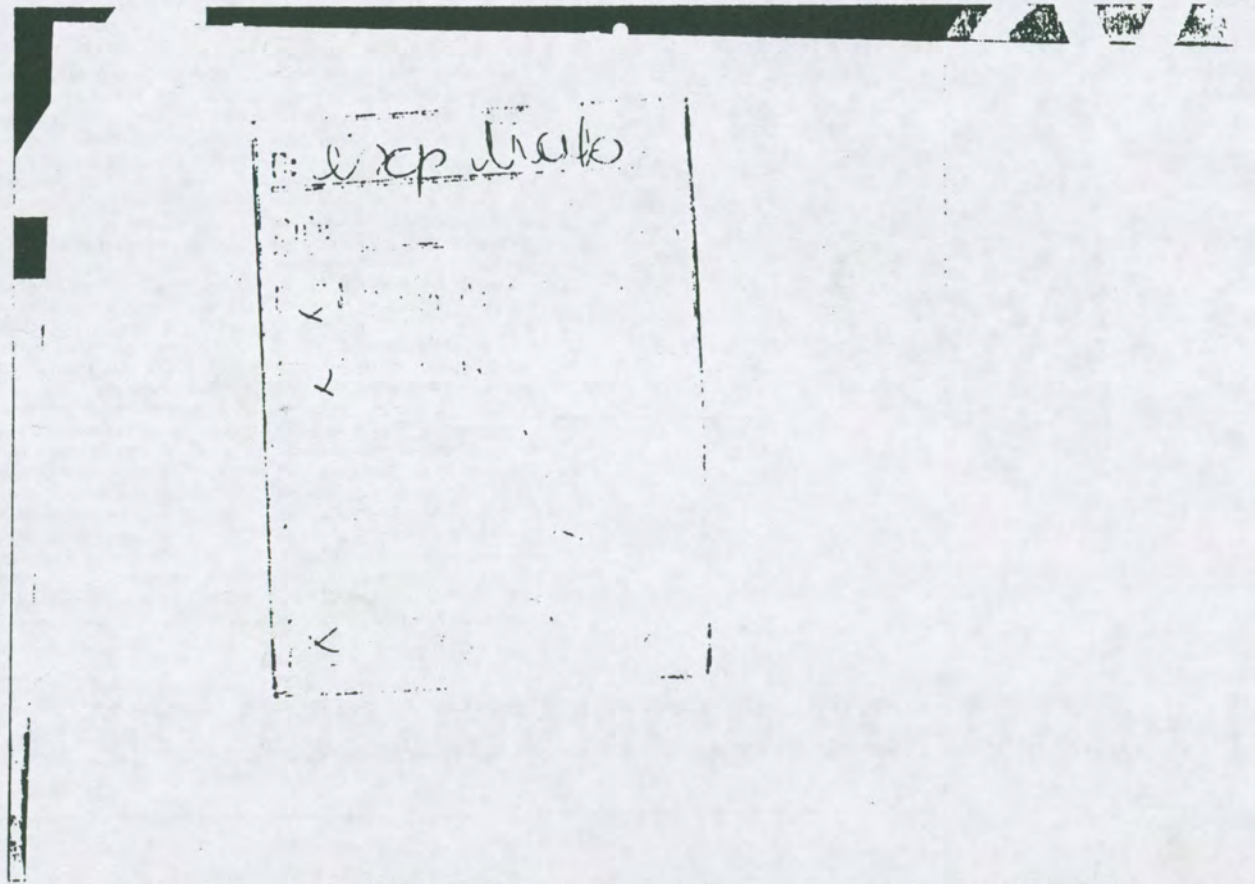
"Direitos do menor", Liubov Kuchnir, acrescentando que em alguns orfanatos os educadores chegam inclusive a algemar os menores.

É muito difícil comprovar os atos de violência. Depois de uma investigação em um estabelecimento de Moscou, em que os educadores mantinham os menores fechados em um quarto vazio por vários dias, a Justiça arquivou o caso por falta de provas.

Esses albergues, que há poucos anos eram numerosos na Rússia, agora andam cada vez mais escassos, porque os administradores de orfanatos estão dispostos a tudo para manter os órfãos em seus estabelecimentos, levando em conta que eles são uma valiosa fonte de renda, denuncia "Direitos do menor".

O Estado paga 2.500 rublos (US\$ 100) mensalmente, por menor, aos orfanatos e 3.500 rublos por menor inválido. Mas as famílias que adotam um menor para educá-lo só recebem cem rublos (US\$ 4) por mês.

"Nos orfanatos, freqüentemente se diagnostica retardo mental nos menores, não porque sofram realmente esse problema, mas porque o estabelecimento assim recebe uma subvenção maior", denuncia Ludmila Alekseyeva, da agência moscovita do Comitê Helsínque.



# Babá cai do apartamento de promotoras

Foto: Geraldo Ataíde

Marconi de Souza

Os moradores do luxuoso Edifício Floresta Amazônica, na Pituba, ficaram chocados e intrigados com o fato policial que presenciaram nas primeiras horas da manhã do último domingo. A adolescente Vaneide dos Santos Batista, 16 anos, caiu do sétimo andar do prédio e, durante pelo menos 20 minutos, ficou se contorcendo sobre a grama próximo ao *play-ground*. O fato inusitado vem sendo investigado sigilosamente pela Polícia Civil e acompanhado pelo Ministério Público.

A rigor, ninguém viu a queda da garota, mas as versões colhidas pela polícia e a reportagem de A TARDE são bastante polêmicas e contraditórias. A garota trabalhava no apartamento das promotoras Onelice Almeida e Silva e Patrícia Silva Moreira Santos, mãe e filha, respectivamente. Ela é babá do filho da promotora Patrícia Moreira. A suposta queda teria ocorrido

na manhã do último domingo, sendo que, cerca de 20 minutos depois, a adolescente foi socorrida para o Hospital Geral do Estado.

No livro de ocorrências do HGE, a promotora Patrícia Moreira narrou que a adolescente "se encontrava mal-humorada, quando foi chamada a atenção pela patroa". Em seguida, ela narra que "a babá entrou no quarto e, por isso, não sabe informar o que a levou a tentar o suicídio". A versão colhida pelos policiais militares no local é bem distinta. Eles contam que a garota, que sobreviveu à queda, narrou ter sido empurrada pela patroa.

### Gritos de socorro

Além disso, foram ouvidos gritos de socorro por vizinhos e outras domésticas que trabalham no prédio. A reportagem de A TARDE vem investigando o caso desde a última segunda-feira, e também levantou informações semelhantes à

da polícia. Foram ouvidos domésticas e moradores do prédio. A adolescente sobreviveu, embora esteja impedida de falar. Segundo o diretor do HGE, Manoel Peso, ela fez laparotomia exploradora (abertura da cavidade abdominal) e drenagem de tórax, além de fraturar os membros superior direito e inferior esquerdo. Por isso, não poderia dar entrevista.

O delegado plantonista da 7ª DP, Aderbal Prado de Queiroz, responsável pelo inquérito policial, disse que requisitou uma investigação minuciosa ao Departamento de Polícia Técnica. Ele disse que o caso está sendo acompanhado pelo Ministério Público. "Se ficar confirmado que houve crime e a autoria for de responsabilidade de alguma das promotoras, a questão sai da minha alçada e fica a cargo da Procuradoria da Justiça", disse.

Ele disse que a vítima só poderá ser ouvida esta semana caso melhore das várias cirurgias a que foi submetida. A versão das promotoras na 7ª DP é de que a babá teria sido avisada de que seria demitida pela patroa. Em seguida, a garota foi para um dos quartos e não mais apareceu na sala. Cerca de 20 minutos depois, elas deram falta da adolescente e, ao interfonar para a portaria, teriam sido avisadas que Vaneide Batista estava estirada no jardim do prédio. A promotora Onelice Almeida e Silva disse também à reportagem que foi tentativa de suicídio.

O delegado Aderbal Queiroz apurou também que a adolescente vinha mantendo um namoro com um rapaz do município de Mairi, cidade em que a promotora Patrícia Moreira atua. Ela teria relatado para uma amiga que o namorado não estava mais gostando dela e de que iria acabar o romance, o que a teria deixado bastante triste nos últimos dias. A reportagem foi informada pelos vizinhos que as promotoras já tiveram problemas com outras empregadas domésticas, que chegaram ao conhecimento de alguns moradores do prédio. Todavia, apenas a perícia técnica, os depoimentos e as investigações vão revelar a verdade sobre a queda da garota, que, milagrosamente, não morreu.



Vaneide Batista caiu do 7º andar do Ed. Floresta Amazônica na Pituba e milagrosamente está viva



O delegado Aderbal Prado de Queiroz está investigando o caso

Dir. L. M. M. S. (M. S. S.)  
ub: Prom. L. del. (M. S. S.)

- Busca de Soluções
- Denúncia

GOV.       OSC  
 Rep    Art    Ed.



# Preso acusado de tentativa de estupro

**N**A DELEGACIA, CLAUDIONOR NEGOU TUDO, ALEGANDO EMBRIAGUÊS

EVERILANDO MATHIAS ■ Da Editoria de Polícia

Uma guarnição da Companhia Independente de Rádio Patrulha (Cirp), comandada pelo sargento José Silva, prendeu ontem o amapaense Claudionor de Souza Coutinho, 26 anos, acusado de tentativa de estupro.

Na Delegacia de Crimes Contra a Mulher (DCCM), para onde foi conduzido, Claudionor disse que estava embriagado e não lembra do que fez. A delegada de plantão Marília Góes, ouviu as testemunhas e a vítima, a menor L.R.S., 16 anos, empregada doméstica na casa da mãe do acusado.

Segundo a delegada, por volta das 10 horas, armado com uma faca em punho Claudionor tentou estuprar a manor chegando a tirá-la as roupas, mas L.R.S reagiu pedindo socorro. Os gritos foram ouvido pelos vizinhos que chamaram a polícia.

De acordo com o sargento José Silva, Claudionor estava

escondido no forro da casa de sua mãe, localizada na rua Hildemar Maia esquina com a avenida Antonio Coelho de Carvalho, no bairro Santa Rita.

Por volta das 4 horas da manhã de ontem, Claudionor Coutinho esteve numa casa no bairro Infraero I, onde pediu para dormir.

A menor L.R.S. disse que mora no município Santana e está em Macapá apenas para trabalhar.

Na casa da família de Claudionor Coutinho, ninguém quis falar sobre o caso. Ainda ontem ele foi submetido a exame de dosagem alcóolica na Polícia Técnica-Científica (Politec). O amapaense será transferido hoje para a Penitenciária do Estado, onde ficará à disposição da Justiça.

Revoltada, a inquilina de Claudionor disse que vai procurar seus direitos. "Ele ameaçava derrubar a porta, caso eu abrisse", informou e que vai procurar outra casa para morar. Já a menor L.R.S. disse que vai procurar emprego em outra casa de família. Caso contrário, deverá voltar para o município de Santana.

■ **FAMÍLIA** / *Conselheiros registram casos de crianças que são agredidas pelos pais, muitos deles alcoólatras*

## Conflito provoca fuga de crianças

O Conselho Tutelar registrou dez casos de crianças e adolescentes que fugiram do lar só no mês de agosto. Desse número, seis são do sexo masculino e quatro do feminino, todos com idades de quatorze anos para baixo.

Somente na segunda-feira, os membros do Conselho receberam três queixas, uma delas, de Francisca das Chagas, de quatro anos, que foi encontrada chorando nas ruas do bairro Piçarreira, zona Leste, depois que foi expulsa de casa pela própria mãe, que é alcoólatra. A menina foi levada por moradores do bairro até o 11º DP, que encaminhou o caso à Divisão do Menor. Outro caso foi o do garoto D.S.C., 14 anos, que ao abandonar a casa foi viver dentro do mato para fugir da família.

Por volta das 15h, o conselheiro Francisco Júnior já ti-

nha em mãos mais um terceiro caso, agora, de um garoto de aproximadamente 11 anos, natural de Piracuruca, que estava com uma família no residencial Esplanada. Segundo a pessoa que deu a informação, ele saiu de casa porque estava sendo agredido.

O conselheiro Francisco Júnior contou que o grande motivo das fugas de menores são os conflitos em família, causados por pais que ingerem bebidas alcoólicas.

O caso de D.S.C. deixou Francisco Júnior e seus companheiros bastante preocupados. "Alguns moradores do local onde ele reside, no Km 6, zona Sul de Teresina, declararam que se trata de um garoto exemplar. Não fuma, não bebe e estuda a quarta série. Mas não estava se dando bem com um tio".

D.A.S. contou que a mãe (avó) saía para trabalhar e o

deixava em companhia de quatro tios, que o obrigava a levantar às 6h, para fazer serviços domésticos, inclusive a comida deles.

Não aguentando mais essa situação, o garoto decidiu fugir e se refugiar no mato. Durante o dia, ele ficava nas proximidades da casa de uma mulher conhecida por Cibele. À tarde, retornava para o mato, onde guardava seu saco de roupas. Mas saía de lá, tarde da noite, para dormir na casa de Cibele que também lhe dava comida e água até ontem às 13h, quando foi levado ao Conselho Tutelar pelos conselheiros.

Francisco Júnior disse que o município não dispõe de uma casa abrigo com estrutura e profissionais ideais para receber o garoto. "O único local que existe, tem casos diversificados. E o problema pode se agravar mais ainda", lamenta.



FRANCISCA / Encontrada chorando nas ruas do Piçarreira

# EUA impõem barreiras a produtos brasileiros

DE SÃO PAULO

**O**s Estados Unidos estão prestes a aplicar novas barreiras aos produtos brasileiros, agora por razões sociais. O Senado norte-americano deve aprovar em outubro uma lei que proíbe qualquer órgão do governo de comprar produtos que tenham participação de trabalho infantil ao longo da cadeia produtiva. E as barreiras podem valer mesmo dentro do Brasil.

"A Embaixada dos Estados Unidos, por exemplo, não poderá comprar álcool brasileiro, porque há crianças trabalhando nos canaviais", alerta Oded Grajew, presidente do Instituto Ethos - Empresas e Responsabilidade Social. A notícia foi dada a Grajew pelo próprio subsecretário americano de Assuntos Internacionais do Departamento do Trabalho, Andrew Samet. "O governo americano parece decidido a impôr barreiras sociais, e esta lei é uma forma de dar exemplo à iniciativa privada", relata. "O trabalho infantil vai começar a pesar no bolso dos empresários brasileiros."

Em até seis meses, após a aprovação da lei, será divulgada uma lista de produtos vetados, por suspeita ou comprovada participação de mão-de-obra de crianças. Segundo o projeto de lei, a relação será renovada a cada dois anos e os itens que não estiverem nela também poderão ser barrados, se apontado algum indício de trabalho infantil na cadeia produtiva.

O projeto foi apresen-



Menino trabalha em plantação no Brasil: motivo de preocupação para o setor produtivo

tado em abril e é de autoria do senador democrata Tom Harkin. Trata-se de mais um motivo de preocupação para o setor produtivo brasileiro. Harkin é um parlamentar que se destaca na defesa de causas sociais, e tem apoio expresso de Bill Clinton. A isso, soma-se o interesse generalizado nos Estados Unidos de erguer barreiras contra produtos brasileiros.

A acusação de exploração infantil pode atingir muitos produtos, além do álcool e do açúcar. "Há uma grande concentração de mão-de-obra infantil no meio rural do Nordeste,

mas só no Estado de São Paulo temos cerca de 320 mil crianças trabalhando", afirma Caio Magri, coordenador do programa de certificação de empresas da Fundação Abrinq Pelos Direitos da Criança. "No Bra-

sil, 11% da massa de trabalhadores está na faixa dos 10 a 14 anos."

Os setores de citros e calçados já foram alertados pela Fundação Abrinq sobre o risco de perderem grandes encomendas no exterior por admitirem adolescentes com menos de 14 anos no processo produtivo. "Estes empresários perceberam que teriam muito

prejuízo e já começaram a tomar providências", relata Magri.

O último estudo do Unicef - com base na Pesquisa Nacional de Amostragem Domiciliar - aponta que em 1995 havia pelo menos 522 mil crianças de 5 a 9 anos trabalhando, a maioria delas na Bahia, Minas, Maranhão, Ceará, Paraná, Rio Grande do Sul e Pernambuco.

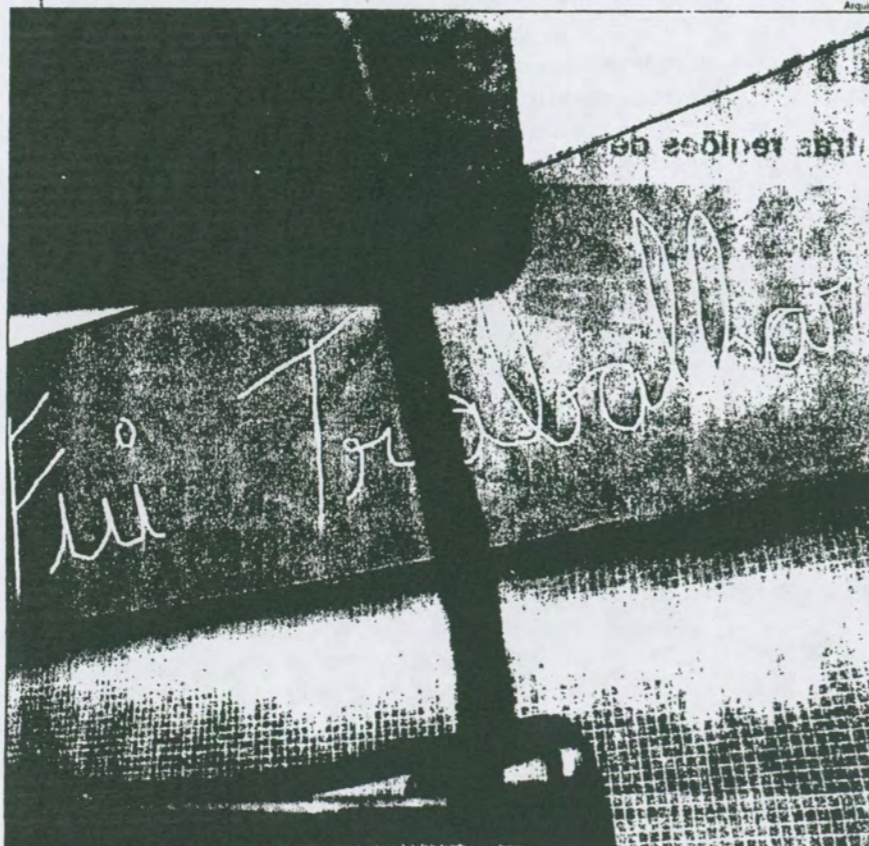
Apesar de os casos serem mais numerosos no campo - em lavouras e carvoarias, por exemplo - há grande incidência nas metrópoles. Rio e São Paulo são os dois estados em que a maioria das crianças trabalhadoras está fora do meio rural, atuando no comércio e manufatura ou em serviços domésticos, principalmente.

**► O País prepara uma lei para proibir a compra de artigos que tenham utilizado mão-de-obra infantil**

PRODUTOS BRASILEIROS

# EUA vão preparar barreiras sociais

Senado deve aprovar lei que proíbe o governo norte-americano de comprar produtos que tenham participação de trabalho infantil



No Brasil, milhões de crianças e adolescentes deixam de estudar para trabalhar

São Paulo

Os Estados Unidos estão prestes a aplicar novas barreiras aos produtos brasileiros, agora por razões sociais. O Senado norte-americano deve aprovar em outubro uma lei que proíbe qualquer órgão do governo de comprar produtos que tenham participação de trabalho infantil ao longo da cadeia produtiva. E as barreiras podem valer mesmo dentro do Brasil.

"A Embaixada dos Estados Unidos, por exemplo, não poderá comprar álcool brasileiro, porque há crianças trabalhando nos canaviais", alerta Oded Grajew, presidente do Instituto Ethos - Empresas e Responsabilidade Social.

A notícia foi dada a Grajew pelo próprio subsecretário americano de Assuntos Internacionais do Departamento do Trabalho, Andrew Samet. "O governo americano parece decidido a impor barreiras sociais, e esta lei é uma forma de dar exemplo à iniciativa privada", relata. "O trabalho infantil vai começar a pesar no bolso dos empresários brasileiros."

Em até seis meses, após a aprovação da lei, será divulgada uma lista de produtos vetados, por suspeita ou comprovada participação de mão-de-obra de crianças. Segundo o projeto de lei, a relação será renovada a cada dois anos e os itens que não estiverem nela também poderão ser barrados, se apontado algum indício de trabalho infantil na cadeia produtiva.

O projeto foi apresentado em abril e é de autoria do senador democrata Tom Harkin. Trata-se de mais um motivo de preocupação para o setor pro-

ductivo brasileiro. Harkin é um parlamentar que se destaca na defesa de causas sociais, e tem apoio expresso de Bill Clinton. A isso, soma-se o interesse generalizado nos Estados Unidos de erguer barreiras contra produtos brasileiros.

A acusação de exploração infantil pode atingir muitos produtos, além do álcool e do açúcar. "Há uma grande concentração de mão-de-obra infantil no meio rural do Nordeste, mas só no Estado de São Paulo temos cerca de 320 mil crianças trabalhando", afirma Caio Magri, coordenador do programa de certificação de empresas da Fundação Abrinq Pelos Direitos da Criança. "No Brasil, 11% da massa de trabalhadores está na faixa dos 10 a 14 anos."

Os setores de citros e calçados já foram alertados pela Fundação Abrinq sobre o risco de perderem grandes encomendas no exterior por admitirem adolescentes com menos de 14 anos no processo produtivo. "Estes empresários perceberam que teriam muito prejuízo e já começaram a tomar providências", relata Magri.

O último estudo do Unicef - com base na Pesquisa Nacional de Amostragem Domiciliar - aponta que em 1995 havia pelo menos 522 mil crianças de 5 a 9 anos trabalhando, a maioria delas na Bahia, Minas, Maranhão, Ceará, Paraná, Rio Grande do Sul e Pernambuco.

Apesar de os casos serem mais numerosos no campo - em lavouras e carvoarias, por exemplo - há grande incidência nas metrópoles. Rio e São Paulo são os dois estados em que a maioria das crianças trabalhadoras está fora do meio rural, atuando no comércio e manufatura ou em serviços domésticos, principalmente.

LEITE QUENTE

# Patroa acusada de racismo se defende

A funcionária pública Marlene Tapey, acusada de queimar a empregada doméstica, I.R.S, 16 anos, negou que tenha agredido a adolescente que acusou de ter jogado leite quente no seu pescoço, provocando queimadura de segundo grau. Segundo Marlene, a garota foi induzida pelo membro do Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente, Francisco Júnior, a contar o que nunca aconteceu. "Ele fez uma pressão psicológica tão grande na menina que tudo o que ela falou foi porque sentiu-se forçada", afirma.

Ela conta que, apesar da adolescente ter 16 anos, tem idade mental de 8 e que, por

esse motivo, é fácil de ser enganada. Quanto ao episódio, Marlene conta que I.R. havia colocado o leite para ferver e se ausentado da cozinha, quando o leite veio a derramar e seu filho viu e gritou. "Daí eu que estava próximo, corri, e ela também, nisso nós nos chocamos"; conta Marlene afirmando que jamais pensaria em queimar a garota, que ela, tinha como uma filha.

A funcionária pública contou ainda que a mãe da adolescente é extremamente pobre e que não tem condições de sustentá-la. Disse também que a conhece desde os tempos em que morava em Oeiras. "Ela

sabe que eu cuidava bem da filha dela, que não era capaz de nenhuma maldade", reforça afirmando que a mãe de I.R. vem retirar sua filha do abrigo. "Eu tenho pena dela, que deve estar convivendo com meninas de todo jeito lá dentro", diz.

Indignada com o conselheiro Francisco Junior, Marlene disse que ele a tratou como uma marginal. "Disse que minha casa era um chiqueiro. Que a menina era uma pobre peregrina. Só porque ele a encontrou lavando o banheiro, descalça e em trajes de trabalho doméstico". Disse também que Júnior acuso-a de manter a garota em cárcere privado. "Volto a dizer que ela é bem tratada em minha casa", garante.

Procurado, Francisco Júnior informou que são inverdades as afirmações de Marlene, que jamais induziu a menina a dizer algo. "Quando cheguei à casa e perguntei se ela queria vir comigo, respondeu automaticamente que sim. Tenho um depoimento gravado dela falando das humilhações e das pauladas que recebia dessa senhora. Quanto ao leite quente, ela jogou mesmo de propósito, e tem que pagar por isso", reafirma. (T.M.)

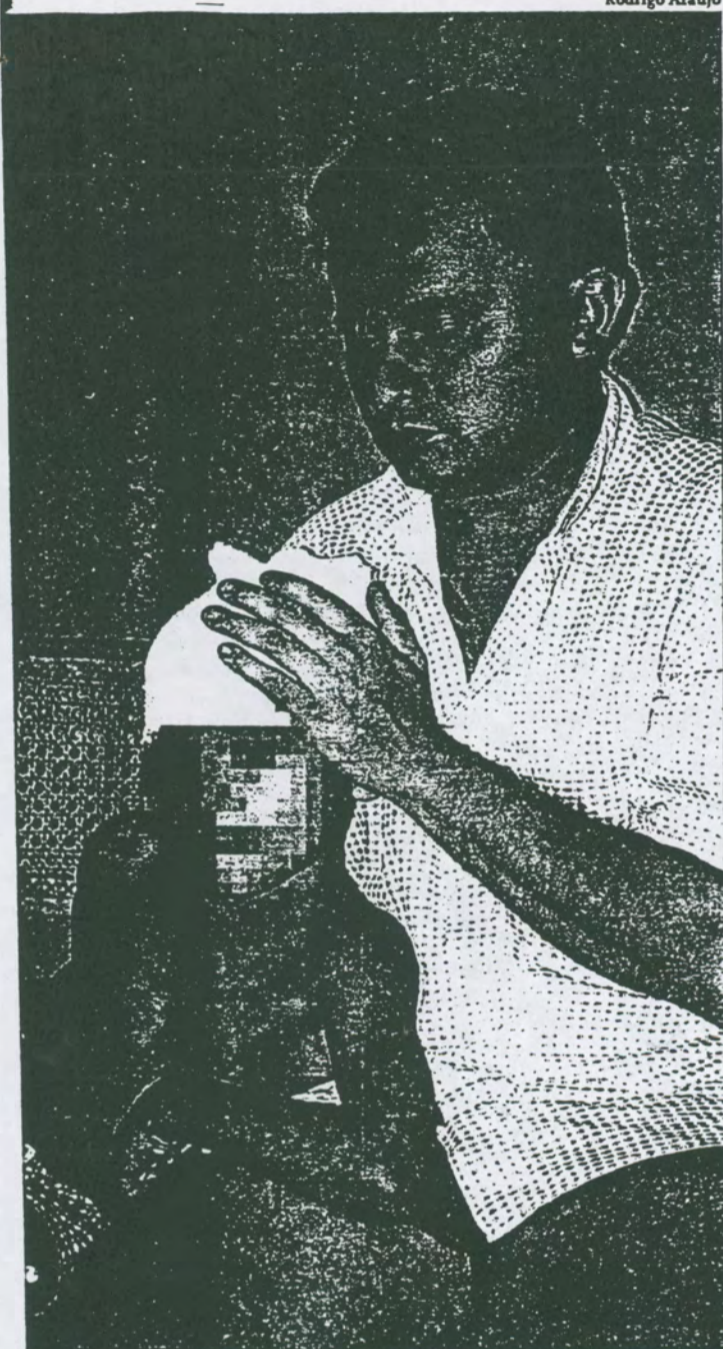
Veículo: Meu Norte

Página: 6 cidades

Data: 4 / 10 / 99

Cidade: Terebinha / PI





OSMARINO ARAÚJO

MÃE CARRASCA

# Doceiro denuncia violência contra filho

**VALVERNAGUE DISSE ONTEM, NA DELEGACIA, QUE SUA ESPOSA MALTRATAVA SEU FILHO DE 6 ANOS, OBRIGANDO-LHE A FAZER TRABALHOS DE ADULTOS E BATENDO-O COM FREQUÊNCIA**

O doceiro Valvernague Araújo Melo, 31, deu queixa ontem à tarde na Delegacia Especializada em Assistência e Proteção à Criança e ao Adolescente (Deapca), contra sua companheira Osmarina Rodrigues Gusmão, 22. Ele acusa a mulher de agredir seu filho, o menor ESLAN, de 6 anos. Os dois também estiveram ontem no Instituto Médico-Legal (IML), onde o menino fez exame de corpo de delito.

Durante depoimento, Valvernague declarou que sua companheira maltrata ESLAN diariamente. "Ela sempre grita com o menino e o obriga a fazer serviços de adultos, como cozinhar e fazer cobrança a vizinhos que tomam dinheiro emprestado dela",

disse o doceiro. Ontem de manhã, Osmarina mandou o menino fazer uma cobrança, mas ele retornou para casa, na rua Cruzeiro do Sul, bairro Compensa 2, sem o dinheiro da vizinha devedora. "Meu filho disse que não pegou o dinheiro porque a vizinha estava dormindo. Ela ficou aborrecida e mandou o menino ir cobrar de novo", contou Valvernague.

Indignado com a forma como a mulher estava tratando seu filho, o doceiro interveio na discussão e ordenou que o menino ficasse em casa. Osmarina ameaçou bater na criança e Valvernague partiu para cima dela. "Imobilizei a mulher com muito esforço, enquanto ela mandava meu filho pegar uma faca para me furar. O menino ficou parado sem saber o que fazer. Quando a soltei, ela deu um chute no estômago do meu filho fazendo o menino cair e bater a cabeça num batente da casa", disse o doceiro, informando que ESLAN pegou sete pontos no ferimento.

Segundo a delegada da Deapca, Maria das Graças da Silva, Osmarina será indiciada pelo crime de maus-tratos contra a criança.

BECA QUEBRADA Valvernague levou ESLAN para fazer exame de corpo de delito.

REF

## CRIANÇA

Fotos de Sora Mais



Eromar Lima, 12 anos, trabalha diariamente como vendedor ambulante nas ruas da capital baiana

## Atividades laborativas

Meninos e meninas, com idade entre 10 e 14 anos, são levados ao mercado de trabalho pelos próprios pais ou familiares, ao contrário dos adolescentes. Os jovens com mais de 14 anos procuram atividades laborativas para adquirir objetos pessoais. Conforme dados do livro *Estrutura dinâmica do mercado de trabalho infantil da Região Metropolitana de Salvador*, a maioria das crianças não tem remuneração e trabalha para ajudar a família, especialmente como ambulante (27%), empregado doméstico (22%) e trabalhador braçal (9,5%).

São casos como o dos irmãos Josenildo Santos, 12 anos, e Alexandro da Cruz, 9 anos, que auxiliam a mãe na venda de doces e refrigerantes, nas proximidades da Estação da Lapa. "A gente vem vender, quando minha mãe precisa. A gente vem porque gosta", dizem os garotos, alunos da 3ª série numa escola pública. "Não tenho medo da violência e das drogas. Eles são treinados. Sento, converso e nunca deixo um sozinho na banca", completa a mãe, depois de uma rápida saída para resolver problemas pessoais.

Segundo o professor José Sérgio Gabrielli, um dos coordenadores do livro que compara dados colhidos entre 1988/89 e 97/98, o trabalho infantil da zona urbana da Grande Salvador está ligado especialmente à classe social da família. A

pesquisa é um segmento da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) e demonstra que as famílias com crianças trabalhando têm, em média, renda mensal de R\$380, seu chefe tem apenas 84 meses de trabalho e 5,6 anos de escolaridade. "O trabalho infantil não é um problema da criança. É da família", frisa. Quando a mulher (com renda mais baixa e emprego mais instável) chefia a família o número de crianças trabalhando cresce.

A professora universitária, Maria do Pilar Cunha e Silva, considera que a criança brasileira, a depender da classe social, sofre perdas desde o nascimento. "Uma criança de classe social privilegiada tem desenvolvimento social diferente em relação a uma criança de classe baixa, sem ou com pouco estímulo. Não é uma questão hereditária, de ser ou não capaz. É uma questão de oportunidade", diz a mestra em Psicologia Escolar, lembrando que já viu garotos com 7 anos vigiando carros à noite, em estacionamentos de bares.

As garotas enfrentam uma realidade mais perversa do que os meninos. Em geral, elas têm escolaridade mais elevada, mas auxiliam os parentes nas atividades domésticas e são submetidas a jornadas mais duras. Essa versão do trabalho infantil é oculta. Cuidar dos irmãos e ajudar a mãe na cozinha, em geral, não é considerado pela sociedade como atividade laboral e passa

2

# Trabalho prejudica Unicef e a saúde e o futuro da garotada

Pesquisa mostra que 10,1% das famílias da RMS são mantidas com a ajuda dos filhos menores

Mônica Celestino

Filho único do montador Eronilde com a vendedora autônoma Maria José Lima, o garoto Eromar de Lima, 12 anos, sonha em se consagrar como jogador de futebol. Aluno da 6ª série, o menino de olhos vivos e sorriso tímido repete diariamente o ritual das crianças de 10,1% das famílias da Região Metropolitana de Salvador, que trabalham ou estão em busca de ocupação. Falante e sagaz, seria um menino normal, senão fizesse parte desta triste estatística, que revela um futuro incerto. O trabalho tanto pode amadurecer a garotada quanto pode atrapalhar os estudos e condená-la definitivamente ao subemprego.

A taxa de participação da criançada, com idade entre 10 e 14 anos, no mercado de trabalho da RMS caiu em 2,7% na última década, mas nem por isso há motivos para comemorar. A jornada média

semanal de dedicação à atividade laborativa é de 35 horas, o que torna a frequência à escola incompatível. Pelo menos, 5% das crianças trabalhadoras labutam por mais de 72 horas semanais, período cerca de 50% maior do que o recomendado para adultos. Não é à toa que três em cada grupo de dez pequenos operários têm atraso escolar e somente 25% dos estudantes, entre 10 e 17 anos, frequenta a série referente à sua idade.

"Fadiga não rima com performance e rendimento escolar", explica o doutor em Ciência da Educação, Roberto Macedo, lembrando que a meninada chega a dormir em sala de aula para driblar o cansaço. Às vezes, o menino termina deixando a escola, rotulado de incapaz para os estudos. "A família começa a achar que ela não tem 'cabeça' para estudar", diz o professor universitário José Sérgio Gabrielli, um dos três coordenadores do livro *Estrutura dinâmica do mercado de trabalho infantil*

da Região Metropolitana de Salvador.

A rotina corrida entre o trabalho e o colégio pode amadurecer a criança, mas os especialistas alertam que a jornada dupla também compromete seu futuro. São comuns os problemas físicos (dores na coluna, complicações respiratórias etc.) e psicológicos com a infância perdida e a escolarização precária condenando a meninada ao subemprego. "A pessoa com 14 anos não tem formação profissional. Não dá tempo para haver iniciação para o trabalho", afirma a mestra em Psicologia Escolar, Maria do Pilar Cunha e Silva, ressaltando que a lei deveria assegurar, pelo menos, o ensino médio (2º grau). Hoje, só é garantido o ensino fundamental (1º grau) e o trabalho como aprendiz é permitido a partir dos 14 anos.

Quem conversa com Eromar tem a impressão de que o comércio ambulante lhe fez bem, o obrigou a amadurecer. Trabalhador desde cerca de 9

anos, ele quase abandonou as brincadeiras e os amigos para viver no mundo adulto, mas assegura que gosta da sua rotina e trabalha por opção. Morador do bairro de Castelo Branco, numa casa ainda em construção, ele concilia as aulas, o treino como lateral-esquerdo da Escolinha do Palmeiras e o trabalho de vendedor de doces e picolés. O dever de casa é feito no intervalo do almoço ou antes de dormir.

"Só brinco sábado, quando chego do treino. Em tempo de chuva, não vou vender aos domingos e descanso", diz o operário mirim, que até fez uma guia de picolé para a mãe vender em casa, enquanto ele está na labuta na rua. Levado para o mercado de trabalho pelo tio, Eromar chega a ter por dia R\$15 de lucro, bem mais do que a média mensal de R\$30 auferida pelos meninos de sua faixa etária. O dinheiro serve para a compra de artigos pessoais e para ajudar nas despesas da mãe.



Josenilo e Alexandro engrossam orçamento familiar

## Pesquisa do Unicef vira livro

Resultado da pesquisa do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) sobre o trabalho de crianças na área urbana, o livro *Estrutura dinâmica do mercado de trabalho infantil da Região Metropolitana de Salvador* ainda está em impressão. A publicação deve ser distribuída através de parceria com a Secretaria Estadual de Trabalho e Ação Social (Setras) e a Associação Brasileira de Estudos do Trabalho.

A obra faz uma análise comparativa dos dados colhidos pela Pesquisa de Emprego e Desemprego, nos períodos de 1988/89 e 97/98, entre 42 mil pessoas. O trabalho é coordenado pelos professores da Universidade Federal da Bahia, José Sérgio Gabrielli e Wilson Meneses, e pela mestrande Cláudia Monteiro Fernandes. Ainda não foi divulgada a data do lançamento da publicação.

## Bolsa-escola e renda mínima

A redução da inserção da criança no mercado de trabalho na zona urbana depende de uma política pública, conforme o Fórum Nacional de Combate e Prevenção ao Trabalho Infantil. O governo federal mantém um projeto para o setor, mas as ações se concentram nas atividades laborais da área rural (que oferecem mais risco para a saúde da criança), como as regiões de colheita de sisal e as pedreiras. Na Bahia, cerca de 30 mil crianças são beneficiadas.

Segundo a especialista Lara Farias, oficial de Direito do Fundo das Nações para a Infância (Unicef) na Bahia e Sergipe, a erradicação do trabalho infantil depende de uma política que associe a concessão de bolsa-escola ou renda mínima (que tem projetos de lei tramitando no Congresso Nacional) à melhoria da qualidade do ensino

no e à criação de projetos de cultura e lazer que atraiam as crianças para a escola. "Seria um trabalho de concessão de direitos", diz, negando haver assistencialismo numa ação desse gênero.

Em Salvador, projetos já unem com sucesso educação, profissionalização, lazer e cultura. Entre os trabalhos destacados por Lara Farias estão o Projeto Axé, tocado pelo italiano Cesare La Rocca; a Fundação Dom Avelar, organização não-governamental ligada à Igreja Católica que atua no Bairro da Paz; o Ilê Axé Opô Ofonjá, terreiro de candomblé com atividades voltadas para a comunidade de São Gonçalo; Organização do Auxílio Fraternal (OAF), ONG dirigida pelo padre Clodoveo Piazza com sede no bairro do Queimadinho; e o Cidade Mãe, projeto da prefeitura de Salvador com centros em vários bairros.



Gabrielli dirige publicação

## Acesso à escola diminui serviço infantil

Apesar de alta se comparada aos países desenvolvidos, a taxa de participação das crianças das famílias da Região Metropolitana de Salvador no mercado de trabalho caiu em 2,7%, na última década, alcançando 10,1%. A queda é atribuída a vários fatores sócio-econômicos, especialmente ao incremento do acesso à escola. Entretanto, os números ainda não significam melhoria no quadro de distorção idade/série da criança (só cerca de 25% dos garotos, entre 10 e 17 anos, estão matricu-

lados em série compatível com a idade).

A redução é atribuída ainda ao aumento do número de crianças ajudando à família em casa - atividade nem sempre considerada "trabalho" pelas pessoas pesquisadas -; o crescimento da inserção das mães/mães no mercado de trabalho e o conseqüente aumento da renda familiar; a queda na população mais jovem; além da perda salarial maior de quem tem rendimentos mais altos.

A Pesquisa Nacional de

Amostra por Domicílio (Pnad), de 1995, demonstra que o índice de crianças trabalhadoras na zona urbana do Brasil é de 13,2%, mas, na Bahia, a média chega a 14,4%. Na região Sudeste, mais desenvolvida economicamente, o trabalho infantil faz parte da vida de 10,2% dos meninos com idade entre 10 e 14 anos, contra a média nordestina de R\$14,4%. A Região Metropolitana de Salvador registra a taxa de 10% na Pnad, enquanto a média das Américas é de 7,9%. Na América do Norte, a taxa é zero.

CONCURSO DA BAHIA 11/10/1999

# MENORES NARRAM DRAMA

*Garotas dizem que comerciante prometia emprego em casas de família na cidade de Marí*

Guarabira (Sucursal) - Cinco garotas que eram exploradas por uma rede prostituição Infantil no município de Marí disseram à polícia que nas últimas semanas suas vidas viraram um inferno depois que foram forçadas a manter relações sexuais com clientes da churrascaria Espeto de Ouro, às margens da BR que dá acesso a Marí.

As menores foram ouvidas pelo delegado Edinaldo Granjeiro de Lima e contaram o drama que viveram. Elas contam que foram atraídas por Marcos Pedro da Silva, dono da churrascaria, cuja promessa era de que trabalhariam em casas de famílias em Marí. Tudo não passava de promessa, pois na verdade, as garotas eram forçadas a manter relações com clientes da Espeto de Ouro.

O drama das cinco menores acabou no final de semana quando a polícia foi avisada da exploração e prendeu Marcos Pedro em flagrante, transferido-o para a cadeia de Sapé. A Justiça vai decidir a sorte do acusado. O delegado vai enviar o inquérito nos próximos dias ao juiz de Sapé, a quem cabe definir se Marcos Pedro permanecerá preso.

Segundo o delegado de Marí, os pais das menores prestaram depoimentos na delegacia e disseram ter permitido que as filhas viajassem de Alagoinha para Marí porque o dono da churrascaria garantiu que elas ficariam sob responsabilidade de famílias conceituadas, mas tudo não passava de uma armação do



INSEGURANÇA - Agricultores prestaram queixa na Polícia

## EM MOGEIRO

### TRABALHADORES DENUNCIAM AMEAÇA

Cerca de trinta trabalhadores rurais da fazenda Linda Flor, localizada no município de Mogeiro, denunciaram na delegacia de Polícia do município que estão sendo ameaçados de morte pelo proprietário de terras Ivonoy Galberto Guedes de Oliveira. O presidente do Sindicato dos Trabalhadores rurais de Isaac Luciano Rodrigues juntamente com o advogado da Federação dos Trabalhadores na Agricultura, Fetaq, Fernando Enéas, dizem que o clima é de tensão porque os trabalhadores estão muito assustados devido a presença de campangas do proprietário das terras. Eles circulam armados de espingardas calibre 12 e revólveres

ameaçando os trabalhadores. As famílias pediram proteção à polícia e alegam que vivem na fazenda há quase 40 anos, cultivando feijão, arroz, milho, mandioca, amendoim e batata doce. A fazenda Linda Flor, de acordo com Isaac Luciano, possui cerca de 900 hectares.

Ele explicou que a última investida dos capangas aconteceu no último dia 13 de setembro. Cerca de vinte trabalhadores estavam reunidos na sede do sindicato quando os seguranças chegaram em companhia de Ivonoy Galberto e invadiram a sede da entidade. Os trabalhadores aguardam uma medida do secretário da Segurança Pública, Pedro Adelson.

### HOMICIDA É CONDENADO A 10 ANOS DE RECLUSÃO

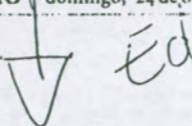
O Tribunal do Júri Popular de João Pessoa condenou a pena de 10 anos de reclusão o homicida Washington Fernandes Andrade. A pena deverá ser cumprida no Presídio do Róger, para onde o réu foi conduzido após tomar conhecimento da sentença.

O julgamento foi presidido pelo juiz Nilo Ramalho. Na acusação funcionou o promotor de Justiça Newton Vilhena e na defesa do réu o advogado Vilmar Carlos Leite, que apresentou a tese da negativa de autoria, mas não convenceu o corpo de jurados.

Conforme consta no processo, o indiciado, no dia 20 de junho de 1997, por volta das 05:00 matou a tiros de revólver o agricultor João Feitosa da Silva, conhecido como "Sabá". Na noite anterior o acusado e a vítima e alguns rapazes participaram de uma festa em Jurú.

Na festa, Washington, deu uma tapa em um rapaz conhecido como "Maelson", que retornou a lavares e contou o ocorrido ao pai. João Feitosa, ao tomar conhecimento do fato, foi esperar o acusado próximo à igreja da cidade. A confusão terminou com o assassinato do pai de "Maelson".

GILBERTO DIMENSTEIN



## Sinal de cretinice

Graças aos novos recursos tecnológicos, as máquinas aprimoraram as fotografias do cérebro, lançando descobertas sobre seu funcionamento — inusitados detalhes dessas fotos mostraram a importância de estimular por meio de jogos, brincadeiras e conversas as crianças de 0 a 3 anos de idade.

Cientistas viram como esses estímulos produzem conexões cerebrais nas crianças, capacitando-as melhor ao aprendizado e desenvolvendo a inteligência. Essas conexões seriam algo semelhante a uma musculatura.

Essas descobertas incitaram, em várias partes do planeta, governantes a pensar estratégias para estimular e enriquecer o capital humano, investindo mais na educação dos bebês e das crianças na fase da pré-escola.

Uma tarefa complexa: envolve, ao mesmo tempo, melhorar o atendimento da família e conscientizá-la de seu papel na formação da criança.

É uma consequência absolutamente óbvia — a riqueza de uma nação está na riqueza de seus cérebros.

★  
As estatísticas oficiais revelam que no Brasil vivemos uma calamidade pública quando analisados os números do atendimento da faixa etária de 0 a 6 anos — esse período abrange o que se convencionou chamar de educação infantil.

Apenas alguns indícios do descalabro. Em 6.174 pré-escolas, atendendo mais de 120 mil crianças, não existe, pasmem, abastecimento de água.

Não há luz elétrica em 20% dos estabelecimentos — significa que ali não entra uma televisão, muito menos um computador.

Pior ainda: quase 60% das crianças vão a escolas sem sistema sanitário adequado.

Cerca de 73% das pré-escolas

não dispõem de parque infantil; sabe-se lá onde e como brincam.

Para resumir, basta saber que, no ano passado, houve 200 mil matrículas a menos na pré-escola.



★  
A situação é tão ou mais grave nas creches, fase inicial da educação infantil. São, em essência, depósitos humanos fora das priori-

dades públicas.

Apenas 800 mil crianças são atendidas nas creches — e, pior, com péssimo atendimento. De 0 a 3 anos, estima-se que existam 12

milhões de brasileiros.

Raros temas são tão importantes para o desenvolvimento social do país. E raros temas são tão esquecidos — o que demonstra uma

pasmeira coletiva.

★  
Importante porque, como demonstram as descobertas científicas, cultivar crianças nessa faixa etária é decisivo para o aprendizado; as nações mais ricas já sabem e investem em programas.

Portanto, perdemos espaço na guerra da produtividade; estamos, assim, atirando em nosso próprio pé.

Mais importante — e, mais uma vez, óbvio — é que o atendimento dessa faixa etária serviria como política compensatória à pobreza.

No Brasil, crianças cuidam de crianças; os pais passam o dia fora, em busca de sustento.

A falta de estímulo durante a primeira fase da vida já coloca os mais pobres com as chances danificadas; chances que vão, ano a ano, se perdendo, numa contagem regressiva.

Os dados oficiais indicam que, cada vez mais, a mulher se vê obrigada a assumir a chefia da família, beirando o desamparo; creche ou pré-escola diminuiria o desamparo.

★  
Só vamos sair da pasmeira quando se pensar em educação desde o momento em que a criança nasce — exatamente como ocorre com as crianças mais ricas.

PS - É surpreendente como a imensa maioria das lideranças sindicais não consegue colocar em seu discurso a obsessão pela educação.

É nas escolas públicas que estudam os filhos dos trabalhadores; é ali onde se vai decidir a chance ou não de progresso daqueles meninos e meninas.

Sem ofensa: é mais um eloquente sinal da ignorância brasileira.

E-mail: gdimen@uol.com.br

EXPLORAÇÃO SEXUAL

# CONSELHO TUTELAR ESTÁ ATENTO A CASO DE MENOR

Carlos Alberto Barbosa  
Subeditor de Cidades

O presidente do Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente de Natal, George Luís Bonifácio de Souza, disse, ontem, que a instituição está acompanhando o caso da menor C., de 16 anos, que veio de um outro Estado do Nordeste, trazida por uma mulher para trabalhar numa casa de família, mas que acabou indo parar numa casa de prostituição no interior do Rio Grande do Norte.

Exploração Sexual Infanto-Juvenil

Segundo ele, a menor chegou em Natal no dia 14 de agosto, depois de ter fugido da casa de prostituição, e foi encaminhada para a Casa de Passagem I, uma instituição mantida pela Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social (Semtas), que trabalha com crianças e adolescentes em situação de risco. "No dia 29 de agosto, solicitamos à direção da Casa de Passagem e ao juiz titular da 1ª Vara da Infância e Juventude que fosse procedido um acompanhamento psicológico dessa menor, tendo em vista saber se era verdade o que ela dizia", disse Souza.

De acordo ainda com George Souza, ele está aguardando agora o relatório sobre o comportamento psicossocial da menor para, só então, com o resultado em mãos, tentar localizar a casa dos pais e encaminhar o caso para a Vara da Infância e da Juventude e, se ficar comprovado o que ela disse, enviar uma cópia do relatório para a Delegacia de Costumes, para a abertura de inquérito policial, "porque aí já passa a ser um caso de polícia".

Nas declarações de C., transcritas em matéria publicada no último domingo pelo DIÁRIO DE NATAL, sobre exploração sexual infanto-juvenil, ela diz que a mulher que a trouxe para o Rio Grande do Norte, quando ainda tinha 11 anos, dissera para seus

Iano Andrade



O caso da menor C., de 16 anos, está sendo acompanhado pelo Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente.

pais que ela iria trabalhar numa casa de família. Mas, ao contrário do que fora dito a eles, acabou indo parar numa casa de prostituição. Desde então, não tem notícias dos pais. C. disse ainda que preferia não dizer a localidade onde fica a casa de prostituição, porque teme ser perseguida.

#### INQUÉRITO

Sobre o inquérito que foi aberto, há cerca de quatro anos, e só agora concluído sobre exploração sexual infanto-juvenil, em

Natal, o Cartório Distribuidor até agora não procedeu à distribuição do documento. Ele foi entregue à Justiça na semana passada pelo delegado Gladson Araújo - designado para apurar o caso. Nele, foram indiciados 17 pessoas entre agenciadores, proprietários de motéis, taxistas e alguns clientes que contribuíram para o ato delituoso, que é o de explorar sexualmente menores, onde o principal acusado é Francisco Macena Silva Júnior.

Segundo o delegado, o inqué-

rito iria ser encaminhado para a 9ª Vara Criminal. Até ontem, a juíza auxiliar Maria Socorro Pinto Oliveira não havia recebido nenhum comunicado a respeito desse inquérito, adiantando que, pelos procedimentos legais, assim que tiver conhecimento dará vistas para o Ministério Público e, uma vez recebida a denúncia, será aprazado o mandado para interrogatório do acusado. Após isso, o processo segue instruções, com o depoimento das testemunhas.

**EXPLORAÇÃO SEXUAL**

# MENOR INOCENTA PATROAS AO DEPOR

A menina E.L.C., 15, envolvida num caso de suspeita de corrupção de menores, ao ser ouvida, ontem, pelo titular da Delegacia de Costumes (DEC), Robson Aranha, garantiu que nunca foi influenciada, nem levada pelas patroas à prática de prostituição. Em seu depoimento, a menina inocentou totalmente as garotas de programa Evanheska Shirley Lima de Lemos, 23, e Carolina de Paula Coutinho, 21, acusadas por sua mãe, a camareira Nilza Maria Cardoso, de integrarem uma rede de prostituição que aliciava menores na Vila de Ponta Negra.

Acompanhada pela mãe, a menina prestou depoimento por mais de três horas. Reiterou toda a história de que apenas trabalhava como doméstica na casa de Shirley, garantindo que nunca se prostituiu. De acordo com Aranha, em alguns momentos de seu depoimento, a menor entrou em choque com a mãe. Ambas evitaram o contato com a imprensa e não prestaram qualquer declaração sobre o caso.

Segundo o delegado, a hipótese de corrupção de menores pode ser descartada, já que, possivelmente, E. não tenha se envolvido em atividades sexuais. "No entanto, não podemos esquecer que ela conviveu com garotas de programa." Aranha salientou que, por ser menor, E. não tem discernimento sobre as implicações de suas declarações. "Vamos entender que as garotas a acolheram."

Boa parte das declarações da menor coincidiram com os depoimentos de Shirley e Carol. "Pelo contrário, ela disse que muitas vezes, quando se aproxi-

mava, as duas interrompiam a conversa. Da mesma maneira, evitavam falar ao telefone quando ela estivesse por perto.", explicou o delegado. O titular da DEC explicou que, mesmo a menor tendo isentado as duas acusadas, o inquérito prossegue. "Vamos buscar indícios da facilitação da prostituição, mesmo que o ambiente habitado pela menor não fosse tido como favorável a isso."

O próximo passo será ouvir, ainda esta semana, as testemunhas de ambos os lados. A camareira deve apresentar duas pessoas que, na sua versão, podem confirmar o fato de sua filha ter sido induzida a se prostituir. Shirley e Carol também devem apresentar suas testemunhas. Ambas foram indiciadas e vão acompanhar em liberdade o trâmite do caso. O inquérito deve estar concluído na próxima semana e será encaminhado à Vara Criminal.

## PROVAS

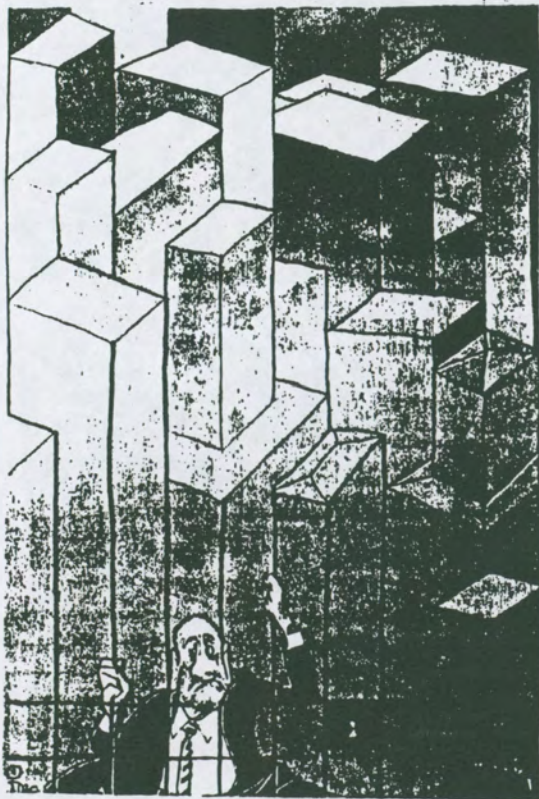
Shirley e Carol também compareceram ontem à DEC, a pedido do delegado Robson Aranha. Acompanhadas pelo advogado Humberto Dutra, elas declararam que pretendem processar a camareira Nilza Maria por injúria, calúnia e difamação. "O que ela disse é tudo mentira. Acho que ela queria aparecer", disse Shirley Lima à reportagem do **DIÁRIO DE NATAL**.

A garota de programa revelou, ainda, que desde que se viu acusada de aliciamento de menores tem recebido várias ameaças anônimas. "As pessoas ligam para o meu celular passando trote. Mas eu continuo a afirmar que estou inocente nessa história."

EDUCAÇÃO Realidade de escola do DF desmente teses que levaram à interrupção do programa premiado pela Unesco

# Fim do Bolsa-Escola ameaça frequência

GRAFITE



MÔNICA BERGAMO  
enviada especial a Brasília

A escola do Varjão, instalada em uma das comunidades mais pobres de Brasília, tem 700 alunos inscritos no programa Bolsa-Escola, implantado há cinco anos e que atende 53.000 alunos do Distrito Federal. Se as crianças frequentam as aulas, suas famílias, selecionadas entre as mais carentes, recebem um salário mínimo (R\$ 136). Se faltam mais de duas vezes em um mês, o governo corta o benefício do período.

Em outubro, só 14 crianças do Varjão registraram mais de duas ausências. Em maio, junho e agosto, nenhuma faltou. O Bolsa-Escola foi premiado pela Unesco (órgão da ONU para a educação, ciência e cultura) por fazer despençar a evasão escolar.

No Varjão, apenas três bolsistas têm faltas frequentes: os irmãos Jhequenson, Poliane e Jefferson. A mãe deles, Izaldina de Matos, 43 anos, dez filhos, é alcoólatra. "Eu mando a turminha para o colégio, mas não posso ficar lá vigiando", diz Izaldina. Ela acabou cortada do Bolsa-Escola e agora é sustentada pela filha mais velha, Jane, 23, que é faxineira.

Histórias como as de Izaldina

clarado de reduzir o número de crianças fora da escola".

A economista Lena Lavinas, do Ipea (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas), especialista em programas de renda mínima, diz que o levantamento é "irrelevante". "O problema do Brasil não é mais de vaga em escolas. Todo o mundo matricula o filho no início do ano", diz.

"A questão é de frequência. Crianças que não têm sapato, que trabalham, acabam abandonando as aulas". Com o Bolsa-Escola, a evasão escolar, que é de 4,9% em Brasília, caiu para 0,65% entre os bolsistas.

Silvana de Queiroz, 15, sempre se matriculou no Varjão. Mas era recordista em faltas, pois trabalhava como babá por R\$ 50 para ajudar a mãe, que é viúva, a sustentar outros quatro filhos.

"Ela chegava do trabalho, nem comia. Corria para a escola e dormia nas aulas", diz a mãe, Marli. "Eu faltava demais. Não sabia ler nem escrever", diz Silvana, que repetiu de ano em 96.

Com o Bolsa-Escola, Silvana parou de trabalhar. "Agora tem que estudar. Sem esse dinheiro, eu estou perdida", diz a mãe. Silvana hoje é ótima aluna.

A secretária Brito diz que pro-



Silvana de Queiroz, 15, cuja frequência aumentou com a bolsa





Bruno da Silva, 14, deixou o trabalho no mercado e vai à aula

23, que é taxineira.

Histórias como as de Izaldina são raras no Varjão. As professoras se lembram de apenas quatro casos desde que o Bolsa-Escola foi implantado.

São esses poucos exemplos que estão sendo usados pelo governador Joaquim Roriz (PMDB) para justificar o fim do programa, criado por seu antecessor e adversário Cristovam Buarque, do PT. "Muitos pais utilizam o dinheiro da Bolsa-Escola para tomar cachaca", diz Roriz.

Há duas semanas, Roriz anunciou que manterá o programa para as famílias já atendidas, mas não permitirá novas inscrições. Ele substituirá o Bolsa-Escola por distribuição de cestas básicas, material escolar e uniforme. As doações serão feitas mesmo que as crianças falem às aulas.

As professoras do Varjão têm medo de que, sem a Bolsa-Escola, as crianças mais pobres voltem a abandonar a escola:

"O medo de perder o dinheiro da bolsa incentiva as mães a mandar os filhos para a aula. Faça chuva ou faça sol, eles vêm", diz Nilda Roque, coordenadora do programa no Varjão.

A secretária da Educação, Eurídes Brito, reconhece que o programa reduziu o abandono escolar. Mas diz que "o Bolsa-Escola é o programa certo no lugar errado". E apresenta as conclusões de três pesquisas:

Cerca de 97% das crianças já estavam matriculadas antes de entrar para o Bolsa-Escola

Daf, a secretária Eurídes Brito tira a seguinte conclusão: "O programa não atingiu o objetivo de-

noje e outra aula.

A secretária Brito diz que problemas de evasão serão resolvidos com "persuasão pessoal" de funcionários do governo, que visitarão os faltosos para convencê-los a retornar à escola.

Os alunos do Bolsa-Escola têm menor conhecimento de português e matemática do que os demais

A pesquisa é da Fundação Cesgranrio. Para a economista Sonia Rocha, do Ipea, que avaliou o Bolsa-Escola de Brasília, o desempenho da criança deveria ser comparado ao rendimento que ela tinha antes de entrar no programa.

"É ridículo pretender que um aluno pobre, carente, que já repetiu de ano várias vezes, alcance logo o desempenho dos demais". Os dados do Bolsa-Escola mostram que 74,5% dos inscritos já haviam repetido de ano —16% deles, mais de quatro vezes.

O bolsista Bruno da Silva, 14, do Varjão, repetiu seis vezes e sempre faltava às aulas para trabalhar num supermercado. Hoje é obrigado pela família a frequentar a escola. Continua com desempenho ruim, mas está tendo acompanhamento psicopedagógico.

"O importante é atrair a criança para a escola e tentar melhorar o seu desempenho, que antes era nenhum", diz Paulo Valle, ex-coordenador do programa. Eurídes Brito não comenta as críticas.

As famílias beneficiadas pelo programa gastam mais com comida do que com material escolar

2



O aluno Jhequenson, cuja bolsa foi cortada devido às faltas

Uma pesquisa feita com 120 famílias pela Universidade Católica de Brasília mostra que elas gastam 52% com comida, 28% com roupa e 17,5% dos R\$ 136 com material escolar.

"É um gasto extraordinário para uma família que não tem o que comer", diz a economista Lena Lavinás.

A secretária da Educação acha pouco e conclui que a Bolsa-Escola não é "um programa de educação máxima". Ela diz, por exemplo, que as crianças vão mal vestidas para a escola e por isso vai dis-

tribuir quatro uniformes por ano.

A economista Sonia Rocha diz que é irrelevante o que a família faz com o dinheiro. "A renda é para convencer a criança a ficar na escola. Cada família sabe em que gastar. A secretária está sendo autoritária", diz.

Marli, a mãe da estudante Silvana, por exemplo, diz que não precisa de quatro uniformes por ano. Ela prefere economizar lavando a roupa da menina todo dia e comprar mais comida para os cinco filhos e quatro netos que diariamente almoçam na casa dela.

3

ADOLESCENTE

# EXPLORAÇÃO SEXUAL EM NOVA CRUZ

Carlos Alberto Barbosa  
Subeditor de Cidades

Desvendado o mistério envolvendo a menor C., de 16 anos, apresentada em matéria sobre exploração sexual infanto-juvenil, publicada no dia 12 de outubro no DIÁRIO DE NATAL, C. veio de um outro Estado do Nordeste para o interior do Rio Grande do Norte, trazida por uma mulher que prometeu a seus pais que ela iria trabalhar numa casa de família, e acabou numa casa de prostituição.

O jornal apurou que, em Nova Cruz, a 114 quilômetros de Natal, o dono do Recantos Bar, localizado em Lagoa Seca, zona rural do município, Adailton Andrade Silva, mais conhecido como Pirata, foi condenado a dois anos de prisão por exploração sexual infanto-juvenil, sendo beneficiado com a suspensão condicional da pena (*sursis*).

O próprio Adailton confessa que já explorou menores: "A princípio, posso me considerar primário, até porque nunca tinha trabalhado com esse tipo de negócio. A polícia chegou aqui e pegou duas meninas. O juiz me chamou e disse que não era permitido a permanência delas aqui. De lá pra cá, nunca mais entrou uma menor no meu bar", ressalta.

Segundo o juiz da comarca de Nova Cruz, Vivaldo Otávio, Pirata reside no município há mais de quatro anos e explora o comércio de mulheres em seu bar. O agente judiciário de Proteção à Infância de Nova Cruz, Abílio Alves de Lima, confirma isso e diz que quando ele (Pirata) chegou em Nova Cruz, "o negócio corria frouxo", numa referência à exploração sexual de menores, mas que, quando a fiscalização começou a se intensificar, houve um recuo. "Sempre a gente faz blitz por lá. Nos últimos tempos, não encontramos nenhuma menor no estabelecimento", ressalta Lima.

As informações coincidem com o que relatou C. ao ator transformista Arruda D'Salles, que comanda um programa de rádio em Natal, e que encaminhou a menor ao SOS Criança, logo que ela chegou à capital potiguar, fugindo da casa de prostituição. O caso vinha sendo mantido em sigilo para não prejudicar as investigações. Agora, C. fugiu da Casa de Passagem 1, onde se encontrava sob medida de proteção, pelo Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente, e ninguém sabe do seu paradeiro.

Marcelo Anerser



O juiz de Nova Cruz, Vivaldo Otávio conversa com o agente judiciário encarregado da fiscalização no município: combate a exploração sexual.

## EX-PM NEGA PRÁTICA DE CRIME

Adailton Andrade, um ex-policial militar que veio da Paraíba, nega, no entanto, que em seu estabelecimento exista exploração sexual de menor. "De jeito nenhum. Eu não exploro menores. Aqui, sempre tem mulheres, e verdade, mas a idade delas é entre 20 e 30 anos." No entanto, confirma que foi processado por explorar adolescentes.

Pirata, como é mais conhecido pelos frequentadores do lugar, diz que as mulheres que trabalham com ele moram em João Pessoa (PB) e só vão para Nova Cruz nos finais de semana, quando o movimento é maior. "Elas vêm para ca por-

que precisavam de dinheiro, para poder criar os filhos. Ai eu dou uma ajuda a elas de R\$ 20,00, R\$ 30,00, por semana, e elas também arran-

jam programas. Quando isso acontece, só cobro o quarto, que é R\$ 5,00, o preço mínimo. Mas, isso depende do tempo que o cliente passar com elas.

O negócio de Pirata, no entanto, está prosperando. Ele mesmo declara que já está fa-

**"DE JEITO NENHUM. EU NÃO EXPLORO MENORES. AQUI, SEMPRE TEM MULHERES. É VERDADE. MAS A IDADE DELAS É ENTRE 20 E 30 ANOS."**

Adailton Andrade, ex-policial militar

zendo um motel. Para isso, já levantou, inclusive, o muro que cerca o seu bar para quase dois metros de altura. O movimento do bar parece ser bem intenso nos finais de semana, pois até local para motoboys tem, no caso de algum cliente

necessitar dos serviços.

Segundo o mesmo caminho que Pirata, Cazilda Pereira da Silva, que tem um bar próximo, também explora o comércio de mulheres. Ela mesma confessa que tem dois quartos ao lado do seu estabelecimento para alugar para casais.

Assim como Pirata, Cazilda nega também que explore menores nesse tipo de comércio. "Isso está completamente errado. As mulheres que frequentam o meu bar são na faixa de 19 anos pra cima. Cobro R\$ 5,00 pelo aluguel do quarto. Agora, aqui não vive cheio de mulheres. As que vêm aqui já vêm acompanhadas", ressalta.

Exploração Sexual Infanto-Juvenil

PERSONAGEM DA NOTÍCIA

MENINA VEIO PARA O RN COM 11 ANOS

Nascida no Maranhão - não se sabe a localidade - conforme declarou a Danusa D'Salles, C. veio para o Rio Grande do Norte com apenas 11 anos, trazida por uma mulher. Chegando aqui, foi levada para trabalhar numa casa de prostituição em Nova Cruz. Segundo D'Salles, que conversou com C., ela não soube dizer o nome do estabelecimento, mas disse tratar-se de um local fora da cidade, num distrito chamado Lagoa Seca.

Passou cinco anos sendo explorada sexualmente e, sequer, mantinha contatos com os pais. Em julho deste ano, fugiu de lá e veio parar em Natal, através de uma carona que conseguiu na estrada. A pessoa que lhe deu carona a deixou na Rodoviária Nova, na Cidade da Esperança. Na rodoviária, procurou orientação e acabou indo ao programa de Danusa D'Salles, da Rádio Tropical (AM). Foi então que D'Salles, conforme afirma, entrou em contato com o SOS Criança, e ela foi encaminhada para a Casa de Passagem 1.

Mantida sob medida de proteção pelo Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente, C. permaneceu até meados de novembro na Casa de Passagem 1, de onde fugiu. A coordenadora da casa, Leticia Laura, disse que o retrato da menor será impresso na Internet e que o Conselho Tutelar também vai agir no sentido de manter contatos com outros conselhos de outras cidades para tentar localizá-la.

■ BELA VISTA  
**Estuprada  
no caminho  
do trabalho**

**F**oi denunciado no último fim de semana ao 10º DP (Bela Vista) o desempregado conhecido por James. Ele está sendo acusado de ter estuprado e ainda ameaçado de morte a empregada doméstica F.P.L., 17 anos. A menor foi violentada no momento que se dirigia para o seu trabalho. O acusado está desaparecido.

F.P.L. reside na Vila da Paz e todos os dias se dirigia de sua casa para o Bela Vista III, onde trabalha em uma residência. No dia 29 do mês passado, no momento que passava nas proximidades de um matagal, ela foi atacada por um homem que estava armado com uma faca. Ele ameaçou a menor e disse que, caso ela não mantivesse relações sexuais com ele, seria morta. Mesmo recusando, a garota acabou violentada.

Bastante traumatizada com o fato, F.P.L. só denunciou o caso aos familiares nesse último fim de semana.

---

# Exemplo que fica

A Brasil, empresa especializada em pensar apenas em lucros. Há seis décadas a tomar outro rumo na

**“U**na empresa que nasceu em 1944, com o nome de Indústria Brasileira de Máquinas e Equipamentos (IBRAME), tornou-se a primeira empresa brasileira a ser listada na Bolsa de Valores de São Paulo em 1968. Hoje, com o nome de Brasil, é uma das maiores empresas do país, com faturamento de R\$ 1,5 bilhão em 2000. A empresa é conhecida por sua atuação em setores como energia, saneamento e telecomunicações. O exemplo de sucesso da Brasil é fruto de uma estratégia de longo prazo, baseada em inovação e eficiência operacional. A empresa sempre investiu em pesquisa e desenvolvimento, o que lhe permitiu desenvolver produtos e serviços de ponta. Além disso, a Brasil adotou uma política de expansão internacional, o que contribuiu para o crescimento de sua receita. O sucesso da Brasil é um exemplo para outras empresas brasileiras que buscam o crescimento sustentável a longo prazo.

# Parceria pela educação

**“A** parceria entre a Fundação Pró-Preço e a Central Máquinas do Brasil (CMBR) começou a ser discutida em 1998, quando a CMBR, liderada por João Paulo de Lencastre, decidiu investir em educação. A parceria foi formalizada em 2000, com a criação da Fundação Pró-Preço. A parceria visa promover a educação de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social. A CMBR fornecerá equipamentos e materiais didáticos, enquanto a Fundação Pró-Preço será responsável por administrar o projeto e implementar as atividades educacionais. O projeto prevê a distribuição de kits didáticos para milhares de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social. Além disso, serão realizadas atividades de educação complementar, como aulas de reforço e oficinas de arte e música. O projeto é considerado um exemplo de parceria entre o setor privado e o terceiro setor para promover a educação de qualidade para todos.



...a que o empresário também se dedicou ao setor educacional, criando a Fundação Pró-Preço. O projeto prevê a distribuição de kits didáticos para milhares de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social. Além disso, serão realizadas atividades de educação complementar, como aulas de reforço e oficinas de arte e música. O projeto é considerado um exemplo de parceria entre o setor privado e o terceiro setor para promover a educação de qualidade para todos.



## Notícias da Infância

# Trabalho Doméstico Infanto-Juvenil

# CLIPPING

Janeiro e fevereiro de 2000

## Investimento social dá distinção à Condor



Empresa é considerada amiga da criança pelo Unicef, devido à orientação odontológica

São Paulo - Por meio de uma parceria com o Unicef, a Condor, empresa de odontologia, promoveu uma campanha de orientação odontológica para crianças e adolescentes. A campanha foi realizada em parceria com o Unicef e teve como objetivo conscientizar a população sobre a importância da saúde bucal. A Condor doou kits de higiene bucal e realizou oficinas de educação em saúde bucal em escolas e comunidades. O Unicef elogiou a iniciativa da Condor e a considerou um exemplo de investimento social responsável.

## ...e responsabilidade

competitividade impõem também a ética. A empresa que não atua com ética não pode ser socialmente responsável. A responsabilidade social não se trata apenas de ações filantrópicas, mas também de práticas éticas e transparentes. A empresa deve ser transparente em suas operações e respeitar os direitos dos seus colaboradores e da comunidade. Além disso, a empresa deve promover o desenvolvimento sustentável, o que envolve a preocupação com o meio ambiente e a sociedade. A responsabilidade social é um fator importante para o sucesso a longo prazo de uma empresa.

## INVESTINDO NO SOC

Programa será lançado hoje

Empresários se mostram otimistas

...a que o empresário também se dedicou ao setor educacional, criando a Fundação Pró-Preço. O projeto prevê a distribuição de kits didáticos para milhares de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social. Além disso, serão realizadas atividades de educação complementar, como aulas de reforço e oficinas de arte e música. O projeto é considerado um exemplo de parceria entre o setor privado e o terceiro setor para promover a educação de qualidade para todos.



Programa será lançado hoje

Empresários se mostram otimistas

...a que o empresário também se dedicou ao setor educacional, criando a Fundação Pró-Preço. O projeto prevê a distribuição de kits didáticos para milhares de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social. Além disso, serão realizadas atividades de educação complementar, como aulas de reforço e oficinas de arte e música. O projeto é considerado um exemplo de parceria entre o setor privado e o terceiro setor para promover a educação de qualidade para todos.

## Menores são protegidos

Prática comum em Manaus, a exploração do trabalho infantil dentro do lar é considerada crime. "Está previsto no artigo 248 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e pode dar multa de três a 20 salários mínimos, e o dobro no caso de reincidência", explica o promotor Público Caio, da Casa da Cidadania.

Isso se aplica a menores de 16 anos, que só podem trabalhar na condição de aprendizes de algum ofício. O promotor alerta que as pessoas que costumam trazer adolescentes do interior para trabalhar como domésticos, com a promessa de que vão fazê-los estudar, estão obrigadas a comunicar ao Juizado sobre a chegada da criança, como uma forma de proteger os seus direitos, já que o Estatuto da Criança e do Adolescente proíbe que elas trabalhem.

Nota

# Fórum Estadual pela Erradicação do Trabalho Infantil

Está formada no Ceará a primeira Coordenação do "Fórum Estadual pela Erradicação do Trabalho Infantil e Proteção do Trabalhador Adolescente". A eleição aconteceu ontem na Procuradoria Regional do Trabalho. A comissão foi formada por representantes de diversas entidades que já desenvolvem trabalhos com menores no Estado, e vem reforçar a luta pelos direitos da criança e do adolescente.

A procuradora-chefe, Fernanda Uchoa, explica que a comissão tem por objetivo receber denúncias, acompanhar processos em andamento e encaminhar providências junto aos órgãos competentes. "Além de afastar as crianças do trabalho através de bolsa-auxílio e encaminhamento para escola", acrescenta Fernanda.

A Coordenação do Fórum estará estabelecendo parcerias com empresas, Organizações Governamentais e Não-Governamentais, para alimentar a discussão sobre o assunto e buscar soluções, como informa a procuradora.

Hamilton Vale, presidente da Comissão Municipal dos Direitos da Criança e Adolescente (Comidica), acredita que o maior mérito do Fórum está na possibilidade de pensar e criar políticas públicas de combate ao trabalho de menores. "As ações ganham maior alcance quando as entidades se reúnem", comenta.

De acordo com Hamilton

idéia de formar este Fórum começou a se concretizar há cerca de dez meses, quando houve uma série de oficinas para a formação profissional de gazeteiros e empregadas domésticas. Da parceria entre Unicef, Conidica, Cedca, Funci e Febemce foi formada a Comissão Provisória, lançada em 10 de dezembro na Assembleia Legislativa, como lembra Fernanda.

Também participam a Secretaria do Trabalho e Ação



Procuradora Fernanda Uchoa: bolsa-auxílio

Social, Ministério Público do Trabalho, Delegacia Regional do Trabalho, Juizado da Infância e da Adolescência, entre outras entidades.

A procuradora esclarece que hoje, no Ceará, o maior problema de exploração está entre as empregadas domésticas e os gazeteiros, principalmente entre adolescentes que não têm a garantia dos direitos trabalhistas. Ainda assim, "existem registros de

menores sendo explorados em pedreiras, salinas, olarias, casas de farinha e canaviais. "Até mesmo no Lixão do Jangurussu, onde há programas de bolsa, a incidência é grande", afirma Fernanda.

Valesca Bezerra, assessora do gabinete da Delegacia Regional do Trabalho (DRT), conta que desde 1996 estão sendo intensificadas as ações para a erradicação do trabalho de crianças e adolescentes menores de 16 anos. Aumentaram as fiscalizações nos postos de trabalho e, através de reuniões, está sendo feita a conscientização junto aos empresários. "Acredito que com a criação do Fórum as ações ganhem maior alcance", diz Valesca.

Dados da DRT mostram que em 1997, foram encontrados 517 menores de 18 anos em postos de trabalho. Já em 1999, o número caiu para 315.

Valesca diz que estes dados não mostram necessariamente a realidade. "Quando a fiscalização chega muitas crianças fogem. Mesmo assim é possível dizer que o número de menores trabalhando diminuiu". E esclarece que a fiscalização tem sido sistemática, aumentando principalmente no período de safra.

A sede do Fórum é na Procuradoria Regional do Trabalho. As denúncias podem ser feitas pelo telefone 264.1577 ou pelo endereço eletrônico [forum-ce@yahoo.com.br](mailto:forum-ce@yahoo.com.br).



A comissão foi formada por representantes de diversas entidades que já desenvolvem trabalhos com menores



**Estado**

## PM prende acusado de estuprar menor

Palmas - Policiais do 1º Batalhão da Polícia Militar em Palmas prenderam ontem, em flagrante, Clédson Magalhães, 24 anos, acusado de ter estuprado a menor E., de 17 anos, em um matagal entre as ACSU SE 60 e 603 Sul (Arsos 60 e 61), próximo ao supermercado Caçulinha. Magalhães negou a autoria do crime. A PM foi acionada por Cosme Eurico, morador da ACSU SE 60. Ele afirmou que ouviu os gritos de socorro da vítima e quando saiu à janela de sua casa viu o rapaz agarrando a menor e levando-a para dentro da mata, e imediatamente acionou a PM, tendo ficado observando o local e a direção que o suspeito tomou.

E., que disse morar com um irmão em Taquaralto, é

doméstica e estava saindo do trabalho. Ela afirmou que o estuprador a ameaçou de morte caso desobedecesse suas ordens. "Ele colocou a mão na minha boca, falou que estava armado e se eu gritasse me matava", disse a vítima em prantos.

A vítima foi levada para a Central de Flagrantes, onde a ocorrência foi registrada. O delegado plantonista, Gilson Souza Silva ouviria, ainda ontem, a vítima, o acusado e a testemunha e solicitou o exame de conjunção carnal que poderá comprovar se houve ou não o estupro. O flagrante foi lavrado na Central de Flagrantes, mas as investigações para apurar o crime vão ser de responsabilidade da Delegacia da Mulher. (Maria Helena Mourão)

# Exemplo que fica

## Parceria pela educação

A Brasif, empresa especializada em pensar apenas em lucros. Já seus concorrentes a tomam outro rumo

**U**ma empresa que pensa apenas em lucros. Já seus concorrentes a tomam outro rumo. A Brasif, empresa especializada em pensar apenas em lucros, já seus concorrentes a tomam outro rumo. A Brasif, empresa especializada em pensar apenas em lucros, já seus concorrentes a tomam outro rumo.

**U**ma empresa que pensa apenas em lucros. Já seus concorrentes a tomam outro rumo. A Brasif, empresa especializada em pensar apenas em lucros, já seus concorrentes a tomam outro rumo.

**U**ma empresa que pensa apenas em lucros. Já seus concorrentes a tomam outro rumo. A Brasif, empresa especializada em pensar apenas em lucros, já seus concorrentes a tomam outro rumo.



**U**ma empresa que pensa apenas em lucros. Já seus concorrentes a tomam outro rumo. A Brasif, empresa especializada em pensar apenas em lucros, já seus concorrentes a tomam outro rumo.



de Notícias

os da Infância

# Trabalho Doméstico Infanto-Juvenil

# CLIPPING

# Últimas

## Investimento social dá distinção à Condor



Empresa é considerada amiga da criança pelo Unicef, devido à orientação odontológica

São Paulo de São Paulo. Projeto social que dá distinção à Condor. Empresa é considerada amiga da criança pelo Unicef, devido à orientação odontológica.

## Responsabilidade e responsabilidade

responsabilidade profissional. A empresa que não pode ser considerada responsável por suas ações. Responsabilidade e responsabilidade.

## INVESTINDO NO SOC

Programa será lançado hoje. Investimento social. Programa será lançado hoje.



EMPRESÁRIOS SE MOSTRAM OTIMIS

Programa será lançado hoje. Investimento social. Programa será lançado hoje.



# As pequenas domésticas

Num estudo sobre trabalho infantil, a economista Lena Lavinas descobre que 400 mil meninas são operárias em lares da classe média

**C**erca de 400 mil meninas brasileiras, entre 10 e 16 anos, trabalham como empregadas domésticas. Em média, recebem 60% de um salário mínimo por mês. De cada 100, quatro nada recebem. Vivem com parentes ou conhecidos de seus pais, que não têm condições de criá-las. De cada dez, três abandonaram a escola. Esses dados emergem de um estudo encomendado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) ao Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Coordenado pela economista Lena Lavinas, de 47 anos, servirá de base para um programa federal de erradicação do trabalho infantil, em parceria com a OIT, o Unicef, a Fundação Abrinq e a seção brasileira da ONG internacional Save the Children. "Nos canaviais e nas carvoarias, a mão-de-obra infantil é formada, em sua maioria, por meninos", conta Lena Lavinas em entrevista a ÉPOCA. "A OIT queria um olhar sobre o universo das meninas, e aí surgiu o drama das pequenas domésticas."

cedo, quando substituem a mãe diarista. A mãe deixa a filha em casa cuidando da roupa, da comida, dos irmãos. Os meninos estão na rua, jogando futebol. **ÉPOCA:** A sensação ilusória de ascensão social não seria um atrativo para meninas que trocam o ambiente pobre por uma boa casa num lugar melhor?

**Lena:** Sim. Há um dado novo, identificado pela pesquisadora Ana Sabóia, do IBGE, especialista em trabalho infantil. Em outras atividades, as meninas recebem em média um terço do salário mínimo. Já as que trabalham como domésticas ganham, em média, 60% do salário mínimo. Em Brasília, a média é de 93%. Então, além do know-how, digamos assim, o nível salarial é um atrativo.

**ÉPOCA:** O trabalho infantil, de maneira geral, tem aumentado no país?

**Lena:** Tem crescido muito no mundo, mas vem caindo no Brasil. Numericamente, ainda é grande. Temos em torno de 4,5 milhões de crianças e adolescentes até 17 anos trabalhando. Mas a situação das meninas é especial. Um estudo da professora Hildete Pereira mostra que cerca de 5 milhões de mulheres brasileiras trabalham como domésticas. Isso corresponde a 20% de todas as mulheres ocupadas.

**ÉPOCA:** É mais fácil erradicar o trabalho infantil dos meninos?

**Lena:** Muito mais. A socialização dos meninos é feita na rua, na bola, na brincadeira. A das meninas se faz em casa, no aprendizado do trabalho doméstico. Isso favorece sua entrada precoce no mercado, na condição de empregadas domésticas. Entre essas meninas, mais de 60% são negras e pardas.

**ÉPOCA:** Nascer pobre no Brasil, para uma menina, significa uma condenação ao emprego doméstico?

**Lena Lavinas:** Há uma cultura que favorece esse raciocínio. Porque é essa a oportunidade de emprego que uma menina pobre tem.

Ela já foi treinada em casa. Tem uma competência – competência entre aspas – para isso. Um estudo da antropóloga Maria Luíza Heilborn, da Uerj, mostra que o trabalho das meninas começa muito

Foto: Marco Antônio Rezende/ÉPOCA



## PERFIL LENA LAVINAS

- **Formação**  
Economista, com doutorado na Universidade de Paris
- **Cargo**  
Técnica da diretoria de Política Social do Ipea
- **Especialização**  
Avaliação de programas de combate a desigualdades sociais e regionais

---

## Face cruel

A Organização Internacional do Trabalho divulga amanhã uma pesquisa que denuncia a situação de meninas entre 10 e 16 anos que trabalham como empregadas domésticas no Brasil.

Elas ganham, em média, 60% do salário-mínimo, sem acesso a direitos trabalhistas.

E 4% delas não recebem qualquer remuneração.

**RICARDO  
BOECHAT**

# Ipea mostra trabalho de meninas

VILMA SILVEIRA

BRASÍLIA – Cerca de 400 mil meninas de 10 a 16 anos trabalham como empregadas domésticas no Brasil. A maioria delas é negra ou parda e ganha 60% do salário mínimo. Quatro meninas em cada cem não recebem remuneração e três em cada 10 abandonam a escola. Elas cumprem pesada carga horária e 65% estão nas regiões Nordeste e Sudeste do país.

Essas são conclusões de uma pesquisa recém-concluída pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), solicitada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) no Brasil. A pesquisa será divulgada durante seminário

organizado pela OIT nos dias 8 e 9, em Brasília.

Cerca de 65% das meninas domésticas vivem nas regiões Nordeste e Sudeste do Brasil, mais da metade em áreas urbanas. Trata-se de uma atividade remunerada, afirma a pesquisa. As meninas ganham, na média nacional, 60% do salário mínimo. Somente 4,4% entre 10 e 16 anos trabalham gratuitamente.

**Muito pobres** – Metade das 400 mil meninas vem de famílias extremamente pobres, cuja renda familiar per capita é inferior a meio salário mínimo. Aproximadamente 30% dos chefes dessas famílias, diz a pesquisa, não têm grau de instrução formal. A pro-

porção de crianças ocupadas cai à medida que cresce o nível de escolaridade das mães, regra confirmada no caso das meninas empregadas domésticas.

A maioria das meninas empregadas no serviço doméstico exerce a função de babá, o que evidencia uma compreensão pouco pedagógica do que é “olhar criança”, assinala a pesquisa. Na região Norte, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio (PNAD) de 98, 58% das meninas e adolescentes trabalhadoras cuidam de outras crianças.

**Perderão mercado** – A pesquisa do Ipea constata que as meninas do trabalho doméstico acabarão perdendo também esse mer-

cado de trabalho. O nível médio de instrução formal das empregadas e diaristas aumentou nos últimos anos. Em 1993, 31% das empregadas tinham mais de cinco anos de escolaridade. Em 1998, esse percentual subiu para 41%.

“Isso significa que, a médio e longo prazos, essas meninas que, como domésticas, vêm acumulando atraso escolar, tendem a reduzir suas chances de permanecer nessa atividade onde aumenta regularmente o nível médio de escolaridade” - informa a coordenadora da pesquisa, Lena Lavinias.

**Residentes** – O emprego no serviço doméstico, dadas as características dessa jornada e tipo de trabalho, é incompatível com

uma escolaridade regular e formadora. Outro dado surpreendente é o de que 2/3 das meninas domésticas que residem no emprego e quase 1/3 das não residentes não frequentam a escola - mostra a coordenadora.

Segundo a pesquisa, 90% do trabalho infantil no serviço doméstico são destinados a meninas, que trabalham mais que adultos. Meninas empregadas domésticas na faixa de 5 a 9 anos, embora sejam em menor número (3 mil), trabalham muito: 21 horas por semana (contra 14 horas das demais crianças ocupadas). Essa média sobe para 36 horas semanais na faixa de 10-14 anos (contra 26 horas para as demais crianças trabalhadoras).



## *Quatrocentas mil são meninas*

**BRASÍLIA** — Cerca de 400 mil meninas de 10 a 16 anos trabalham como empregadas domésticas no Brasil. A maioria delas é negra ou parda e ganha 60% do salário mínimo. Quatro meninas em cada 100 não recebem remuneração e três em cada 10 abandonam a escola. Elas cumprem pesada carga

horária e 65% estão nas regiões Nordeste e Sudeste do País.

Essas são conclusões de uma pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), solicitada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) no Brasil. A pesquisa será divulgada durante seminário que será realizado pela

OIT nos dias 8 e 9, em Brasília.

Cerca de 65% das meninas domésticas vivem nas regiões Nordeste e Sudeste do Brasil, mais da metade em áreas urbanas. Trata-se de uma atividade remunerada, afirma a pesquisa. Elas ganham, na média nacional, 60% do salário mínimo.